

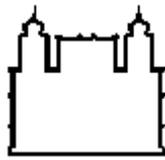


**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueiras**

***CYBERBULLYING*: MAGNITUDE, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE  
PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE DUAS  
CAPITAIS BRASILEIRAS**

**Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira**

**Rio de Janeiro  
Julho de 2022**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueiras**

***CYBERBULLYING: MAGNITUDE, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE  
PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE DUAS  
CAPITAIS BRASILEIRAS***

**Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira**

**Rio de Janeiro  
Julho de 2022**



**Fundação Oswaldo Cruz  
Instituto Nacional de Saúde da Mulher,  
da Criança e do Adolescente Fernandes Figueiras**

***CYBERBULLYING: MAGNITUDE, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE  
PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE DUAS  
CAPITAIS BRASILEIRAS***

**Taiza Ramos De Souza Costa Ferreira**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueiras como pré-requisito para o exame de defesa para obtenção do título em Doutora em Saúde Coletiva.

Orientadora: Profa. Dra. Simone Gonçalves de Assis

Co-orientadora: Profa. Dra. Joviana Quintes Avanci

**Rio de Janeiro**

**Julho de 2022**

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

Ramos de Souza Costa Ferreira, Taiza.

CYBERBULLYING: MAGNITUDE, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE PREVENÇÃO ENTRE ADOLESCENTES DO ENSINO MÉDIO DE DUAS CAPITAIS BRASILEIRAS / Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira. - Rio de Janeiro, 2022.

177 f.

Tese (Doutorado Acadêmico em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira, Rio de Janeiro - RJ, 2022.

Orientadora: Simone Gonçalves de Assis.

Co-orientadora: Joviana Quintes Avanci.

Bibliografia: f. 01-177

1. cyberbullying. 2. prevenção. 3. crianças e adolescentes. 4. saúde. I. Título.



## DEDICATÓRIA

Dedido esta tese a todos os adolescentes que sofreram ou estão sofrendo as repercussões do *cyberbullying* em sua saúde mental, e a todos os profissionais que militam no enfrentamento dessa violência digital. *Cyberbullying* não é mi-mi-mi! Ao meu pai Valentim Ramos (*in memoria*), cada degrau da vida acadêmica trilhado, tem um pedaço de ti.

## AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado saúde física e mental para suportar todos os processos que vivenciei ao longo desses quatro anos. Em muitos momentos, achei que não fosse suportar a pressão, mas, em cada situação, senti a forte mão do Senhor Deus me segurar. E, em boa parte desses momentos, senti Deus me colocando no colo (Ah e como precisei!). Gratidão a minha família por todo apoio e compreensão diante de ausências, preocupação com a minha saúde por conta das noites mal ou não dormidas, ou por conta das constantes quedas de imunidade. Obrigada, minha mãe, por sempre acreditar em mim, até mesmo quando não me via nenhum pouco capaz. Obrigada, Eduardo, por me fazer acreditar que a pós-graduação era meu lugar e por torcer por cada conquista vencida. Sei que em meio a esse processo, não fui a esposa que você gostaria, mas fui tudo o que eu consegui ser. Gratidão aos meus líderes espirituais por toda cobertura espiritual e palavras de fé, esperança e ousadia dispensadas a mim. Obrigada, Simone Assis e Joviana Avanci, por terem aceitado o desafio de me orientar e não terem desistido de mim, mesmo diante de algumas procrastinações, indagações. Obrigada por me terem feito extrair o máximo de mim quando achava que não dava mais e por acreditarem que esse percurso daria certo, mesmo diante de tantos não's. Minha gratidão e respeito a profa. Suely Deslandes, por ter sido minha primeira orientadora a me fazer mergulhar no tema do *cyberbullying* e da violência digital. Se me apaixonei por essa temática, foi sob sua influência. Obrigada por todo apoio, amizade, parceria e confiança ao longo desses anos. Minha gratidão aos amigos de perto e de longe que sempre torceram ao meu favor e que não desistiram da minha amizade, mesmo diante de tantas ausências de minha parte quando queria estar perto de vocês. Gratidão a cada porta que se abriu para que eu pudesse falar sobre o tema do *cyberbullying*, cada escola, cada programa *live* cada igreja evangélica, ao pré-vestibular comunitário Paulo Freire. Grata aos meus filhos pets Cindy e Zaki por trazerem leveza aos meus dias mais pesados e pelo amor incondicional (vocês não vão ler isso, mas vocês sabem que eu amo vocês). Como foi bom ter encontrado vocês durante este caminho do doutorado. Obrigada meu mais velho, todo meu respeito vovô Moacy por todos os dias me abençoar com suas palavras. Obrigada por ter suportado até aqui em meio a sua luta diária contra o câncer. Amo cada um de vocês!

## RESUMO

Este estudo versa sobre *cyberbullying*, forma de intimidação sistemática cuja prática e representação social ocorre no ambiente digital. Trata-se de estudo transversal realizado com amostra representativa da população de adolescentes no 2º ano do ensino secundário em escolas públicas e privadas em duas cidades brasileiras: Vitória (ES) e Campo Grande (MS), selecionadas pela elevada prevalência de *bullying*. Foram investigados 480 jovens entre 15 e 19 anos. Para aferir *cyberbullying*, foi utilizada a escala *Revised Cyberbullying Inventory*. A tese é apresentada no formato de três artigos e um capítulo. O primeiro é um estudo teórico que reflete sobre o processo de expansão da cultura digital e, em especial, considera as experiências de hipervisibilidade até os chamados “ataques a face”. O segundo artigo investiga o perfil, as semelhanças e as diferenças entre os papéis do *cyberbullying* (vitimização, perpetração, vitimização e perpetração e não envolvimento) entre adolescentes de acordo com variáveis socioeconômico-demográficas, uso da internet e contexto familiar, escolar e comunitário; através de análise de correspondência, distingue grupos de cyber agressores (adolescentes do sexo masculino negro, uso moderado da Internet, viver com madrasta/padrasto, pouca ou nenhuma violência familiar, humilhação na escola); cyber vítimas/agressores (adolescentes do sexo feminino brancas, viver com pais/família composta, acesso variado à Internet, nenhuma ameaça/contacto com armas na escola e na comunidade e nenhum conflito com pares); cyber vítimas que não apresentaram item associado e aqueles que não sofrem de *cyberbullying* sem nenhum item associado. O terceiro artigo analisa associações entre os diferentes papéis do *cyberbullying* (vítima, agressor, e concomitância entre vítima e agressor) e saúde mental (autoestima, sofrimento psíquico, automutilação, ideação suicida, uso de substâncias); através de modelos logísticos, encontrou-se que cyber vítimas têm maior chance de terem baixa autoestima e comportamentos autolesivos; e cyber vítimas e vítimas/agressores têm mais chances de terem ideação suicida e sofrimento psíquico. O capítulo a seguir, fruto de análise qualitativa, parte de relatos dos adolescentes que participaram dos oito grupos focais, priorizando suas experiências frente ao fenômeno e as estratégias de prevenção identificadas pelos entrevistados; constatou-se que adolescentes LGBTQIA+, negros e as

meninas são vistos como tendo maior pré-disposição a sofrer ataques de *cyberbullying*, com experiências relacionadas a aparência física, orientação sexual, principalmente, através de xingamentos nas redes sociais, nos aplicativos de mensagens anônimas e de comunicação entre jogadores. A família e a escola foram identificadas como as instituições responsáveis pela prevenção de *cyberbullying*. Reduzir horas de acesso e a promoção de campanhas que incluam pais também foram apontadas como estratégias possivelmente exitosas pelos adolescentes. A escola não pode ser o único ator comprometido com a causa do *cyberbullying*, a família, a rede socioassistencial, outros mecanismos de proteção e as plataformas de redes sociais devem assumir seu papel diante desse problema de saúde pública. Prevenir o *cyberbullying* é a estratégia mais potente no enfrentamento a essa violência e continua sendo uma das mais relevantes maneiras de lidar com *cyberbullying*.

**Palavras chave:** *cyberbullying*; prevenção; crianças e adolescentes; saúde.

## ABSTRACT

This study deals with cyberbullying, a form of systematic intimidation reflected in practice and social representation inherent to the digital environment. It is a cross-sectional study carried out with a representative sample of the population of adolescents in the 2nd year of middle education in public and private schools in two Brazilian cities: Vitória/ES and Campo Grande/MS, selected for their high prevalence of bullying. Four hundred eighty young people between 15 and 19 years old were investigated. The Revised Cyberbullying Inventory scale was used to measure cyberbullying. The thesis presents as results three articles and a chapter. The first is a theoretical study that reflects on the process of expansion of digital culture and, in particular, considers the experiences of hypervisibility until the so-called “attacks to the face.” The second article investigates the profile, similarities, and differences between the roles of cyberbullying (victimization, perpetration, victimization and perpetration and non-involvement) among adolescents according to socioeconomic-demographic variables, internet use and family, school, and community context. Correspondence analysis distinguishes groups of a) cyber aggressors (black male adolescents, moderate Internet use, living with stepmother/stepfather, little or no family violence, humiliation at school); b) cyber victims/aggressors (white female adolescents, living with parents/compound family, varied internet access, no threat/contact with weapons at school and in the community, and no conflict with peers); cyber victims who did not present an associated item and those who do not suffer from cyberbullying without any associated item. The third article analyzes associations between the different roles of cyberbullying and mental health (self-esteem, psychological distress, self-mutilation, suicidal ideation, and substance use). Logistical models found that cyber victims are more likely to have low self-esteem and self-injurious behaviors. Cyber victims and victims/aggressors are more likely to have suicidal ideation and psychological distress. The following chapter presents qualitative analysis from reports of adolescents who participated in the eight focus groups, prioritizing their experiences and prevention strategies. It was found that LGBTQIA+ adolescents, blacks, and girls have a greater predisposition to suffer cyberbullying attacks, with experiences related to physical appearance, sexual orientation, mainly through name-calling on social networks, anonymous messaging, and communication apps between players. The family and school were identified as the institutions responsible for preventing cyberbullying. Reducing access hours and promoting campaigns that include parents were also identified as possibly successful strategies by adolescents. The school cannot be the only actor committed to the cause of cyberbullying; the family, the social assistance network, other protection mechanisms, and social network platforms must assume their role in this public health problem. Preventing cyberbullying is the most potent strategy to face this violence and remains one of the most appropriate ways of dealing with cyberbullying.

**Keywords:** cyberbullying; prevention; children and adolescents; health.



## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>2. OBJETIVOS</b> .....	20
<b>3. QUADRO TEÓRICO CONTEXTUAL</b> .....	21
3.1 <i>CYBERBULLYING</i> : HISTÓRICO, DEFINIÇÕES, MAGNITUDE, PAPÉIS, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS DIGITAIS.....	21
3.2 <i>CYBERBULLYING</i> , FATORES DE RISCO, GRUPOS VULNERÁVEIS (SOCIOECONÔMICO, GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL, RAÇA), SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIAS.....	31
3.3 PREVENÇÃO DO <i>CYBERBULLYING</i> .....	42
<b>4. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	47
<b>5. RESULTADOS – SOCIABILIDADE DIGITAL, HIPERVISIBILIDADE E O ATAQUE A FACE CHAMADO <i>CYBERBULLYING</i></b> .....	55
<b>6. RESULTADOS – PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS DE <i>CYBERBULLYING</i> ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES</b> .....	64
<b>7. RESULTADOS – <i>CYBERBULLYING</i> E SAÚDE MENTAL: DIFERENÇAS E SIMILARIDADES ENTRE VÍTIMAS, AGRESSORES E VÍTIMAS/AGRESSORES DE JOVENS BRASILEIROS</b> .....	89
<b>8. RESULTADOS – PREVENÇÃO AO <i>CYBERBULLYING</i> NA ADOLESCÊNCIA</b> .....	116
<b>9. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	135
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	139
<b>ANEXOS</b> .....	161

## 1. INTRODUÇÃO

Este estudo trata sobre a temática do *cyberbullying* a partir de um recorte de uma pesquisa denominada “*Violência na comunicação digital: análise dos discursos e práticas disseminados na internet sobre homofobia, auto-perpetração de violências, cyberdating abuse e cyberbullying*”, coordenada pelas Prof.<sup>as</sup> Dr.<sup>as</sup> Kathie Njaine e Suely Deslandes.

Há uma polissemia de definições para o *cyberbullying* no que diz respeito à sua natureza e aos seus limites (FERREIRA; DESLANDES, 2018). O fenômeno representa uma violência que se manifesta nas ambiências das redes virtuais de sociabilidades digitais, por meio de atos de violência psicológica e causa implicações para a saúde psíquica das pessoas envolvidas, podendo ocorrer sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Para Tokunaga (2010, p. 278), o *cyberbullying* seria "qualquer comportamento realizado através de mídia eletrônica ou digital por indivíduos ou grupos que comunicam repetidamente mensagens hostis ou agressivas, destinadas a infligir dano ou desconforto aos outros". O autor considera inconsistentes as definições sobre o fenômeno.

Segundo o estudo de revisão de Assam e Samara (2016), *cyberbullying* é:

o comportamento agressivo que envolve um desequilíbrio de poder entre aqueles envolvidos, onde o “*ciberbully*” [perpetrador] pretende assediar, intimidar e ameaçar a *cybervítima*, repetidamente durante um período de tempo usando a internet (incluindo sites de redes sociais) e através de dispositivos eletrônicos, como enviar mensagens de texto, e-mails e mensagens de vídeo (ASSAN; SAMARA, 2016, n. p.).

Além disso, é caracterizado como um fenômeno grupal que ocorre no intuito de vitimizar indivíduos que interagem em uma variedade de papéis (ALLISSONE BUSSEY, 2016). Em geral, os atores são crianças, adolescentes escolares e jovens adultos no ensino médio (*high school*) ou na universidade. Quando a temática ocorre entre adultos, por exemplo, entre colegas de trabalho, a denominação comumente utilizada para a violência digital é abuso ou assédio digital (POWELL *et al.*, 2018).

Os jovens são considerados nativos digitais. Esse termo foi cunhado por Max Prenski (2001) para se referir ao quão precoce esses sujeitos possuem contato com as redes sociais digitais. E ainda, para se referir a uma suposta facilidade em manusear dispositivos tecnológicos por estes terem nascido em um contexto mais avançado tecnologicamente, quando comparados com os adultos. Os imigrantes digitais são aqueles que precisaram aprender na vida adulta a utilizar dispositivos eletrônicos com acesso à internet.

Uma parte dos achados sobre *cyberbullying* decorre das definições de *bullying*. A revisão de Thomas *et al.* (2015) aponta que esses fenômenos se atravessam ou são correlacionados entre si. Outra revisão de literatura realizada por Faucher *et al.* (2015) explica que os estudos incorporam a questão do abuso digital para a definição de *bullying*. Importante salientar que para esses autores, *bullying* e *cyberbullying* são distintos do assédio por exigirem o caráter repetitivo em sua caracterização.

O termo *bullying* representa uma modalidade de violência escolar entre pares que, no Brasil, foi denominado juridicamente como *intimidação sistemática*, a partir da Lei 13.185/2015. Os primeiros estudos sobre o tema foram desenvolvidos por Dan Olweus em escolas de países nórdicos. O professor e pesquisador definiu *bullying* como um “comportamento agressivo, intencional, repetido por um período de tempo, onde há um desequilíbrio de poder entre a pessoa que está sendo intimidada e o autor” (OLWEUS, 1996, p. 8). Os atores que se envolvem no *bullying* são os *bullies* ou agressores, *victim* ou vítimas, e os *bystanders* ou espectadores. Sittichai e Smith (2018) afirmam que o *bullying* (*off-line*) e o *cyberbullying* (*on-line*) são um problema sério entre crianças e adolescentes a nível internacional.

O *cyberbullying* se apresenta de forma disseminada e tem sido incluído no campo discursivo da saúde a partir das associações entre sua prática e os desfechos devastadores à saúde dos perpetradores e dos intimidados (ALIM, 2016). Alguns estudos apontam que se trata de uma nova modalidade de *bullying* manifesto no ambiente virtual. Contudo, há estudos que compreendem o *cyberbullying* como um fenômeno de outra natureza. O aumento do acesso às tecnologias digitais e o crescimento exponencial da sociabilidade digital têm contribuído para que as práticas de *cyberbullying* se amplifiquem, passando a ser disseminadas através de meios de comunicação digital. Nessa

ambiência de interação digital, a violência tem encontrado capilaridade. As diferentes formas de apresentação do *cyberbullying* têm sido tema em diferentes áreas de conhecimento, com destaque para a Saúde Coletiva, pois o *cyberbullying* é um problema de saúde pública que atinge diretamente a saúde mental, bem como o desenvolvimento cognitivo e escolar dos envolvidos (CARPENTER; HUBBARD, 2014). Portanto, faz-se importante refletir a prevalência desse fenômeno e o quanto ele atinge determinado grupo social.

Para a Organização Mundial de Saúde (2002), a violência

é o uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2002, p. 5).

Por ter inúmeras faces, formas e naturezas, a violência se manifesta por meio de diferentes atores e se encontra em variados cenários sociais. A violência psicológica é a forma direta de expressão do *cyberbullying*, refletindo-se na subjetividade do indivíduo, resultando em repercussões práticas e reais no cotidiano e na individualidade dos sujeitos envolvidos (DAHBERG; KRUG, 2007).

De acordo com Wanzinack e Signorelli (2015, p. 9), “a violência pode atingir os sujeitos e grupos da sociedade de distintas formas”, mas, sobretudo, de modo desigual. Isso é um aspecto importante de ser ressaltado no estudo do *cyberbullying*, pois determinados grupos populacionais podem estar mais vulneráveis ou mais expostos a esse tipo de violência. Crianças e adolescentes, por exemplo, são consideradas pessoas em desenvolvimento e, por estarem em processo de amadurecimento emocional e físico, são mais vulneráveis a situações sociais e ambientais, especialmente, às distintas formas de violência.

Asam e Sama (2016) reconhecem que o *cyberbullying* traz consequências psicológicas traumáticas. Corroborando da mesma ideia, Baldry (2015) identificou que ser vítima de *cyberbullying* estaria associado com a depressão. Brunet *et al.* (2013) afirmam que as pessoas atingidas pelo fenômeno, geralmente, dormem menos e têm menos apetite que outros tipos de vítimas, têm queda nas notas, faltas, baixa concentração e aumento nos problemas de

comportamento escolar. O estudo de Tokunaga (2010) confirma os achados dos graves problemas de ordem psicossocial, afetivo e acadêmico gerado pelos *cyberbullying*, entre eles: o estresse, a depressão, a queda do rendimento escolar e o conflito no ambiente familiar.

A OPAS — Organização Pan-Americana de Saúde (2018), através do guia de orientação para implementação de ações globais voltadas para a saúde de adolescentes, adverte que o *cyberbullying* (*bullying* digital, conforme descrito no documento) é um determinante que influencia a saúde de adolescentes em nível macrossocial, com impactos singulares na adolescência.

Cabe ressaltar que as consequências negativas descritas em distintos textos dependem da frequência, da duração e do quão severo são os comportamentos na forma de *cyberbullying*. Também a capacidade da vítima em lidar com a violência sofrida e sua rede de suporte social são aspectos importantes para se entender as consequências sobre a vida e a saúde. Contudo, o conhecimento existente a respeito desse tema ainda é incipiente, reconhecendo-se que a natureza degradante de apenas uma postagem pode causar danos importantes, especialmente, na adolescência. Há ainda inconsistência sobre a natureza da repetição do fenômeno, conforme apontada na definição. Zych, Ortega-Ruiz e Del-Rey (2015) apontam que basta uma postagem com conteúdo de humilhação para caracterizar *cyberbullying*, considerando o caráter permanente que possui um conteúdo disponibilizado na internet. Kowalski (2019) identificou estudos, como o de Dorothy Grigg (2010), que pontuam a dificuldade em medir a repetição como uma característica do *cyberbullying*. Esses aspectos indicam que o estudo sobre esse tema precisa ser ampliado.

Constata-se precariedade ainda maior em estudos que abordam a prevenção ao *cyberbullying*. Uma revisão de publicações do período de 2006 a 2016 sobre prevenção e intervenção identificou apenas cinco estudos brasileiros no período analisado (FERREIRA; DESLANDES, 2018), indicando a frágil produção nacional sobre o tema. Alguns estudos internacionais destacam a importância de enfrentamento do *cyberbullying* através da efetivação de leis e intervenções de caráter punitivo por parte de agentes da lei, com vistas a responsabilizar o agressor, inclusive na reparação do dano moral (BAEK; BULLOCK, 2013; BAILEY, 2013).

A noção de prevenção em saúde pode ser considerada como uma eficaz estratégia de enfrentamento ao *cyberbullying*, pois permite atuar com base na antecipação da ocorrência do fenômeno e na redução de sua recorrência (CZERESNIA, 2003). As ações preventivas se definem como intervenções orientadas a evitar o surgimento de agravos ou doenças específicas, reduzindo sua incidência e prevalência nas populações. Ressalta-se ainda que, para que a ação de prevenção seja bem-sucedida, precisa atingir os fatores individuais, comunitários e sociais mais amplos que propiciam a ocorrência da violência e suas consequências.

Assim sendo, o **objeto deste estudo** é o *cyberbullying*, suas expressões e possibilidades de prevenção entre adolescentes escolares.

São evidentes as lacunas de conhecimento sobre *cyberbullying* e suas especificidades, bem como a visão dos profissionais de saúde e educação que atuam com as demandas de *cyberbullying*, uma vez que estudos sobre o tema são recentes e datados da década de 2000. Um estudo do IPSOS (2018) apontou o Brasil como o segundo país no mundo com maior incidência de casos de *Cyberbullying*. Estudos (GAFFNEY *et al.*, 2019; SMITH; BERKKUN, 2017) sinalizam a presença de uma lacuna na literatura sobre *cyberbullying*, com uma concentração de estudos focados na perpetração e vitimização de *cyberbullying*. Zych *et al.* (2015) revelam que Reino Unido, Austrália e EUA estão entre os países com o maior número de publicações de estudos de *cyberbullying*. Os países latino-americanos, com destaque para o Brasil, têm apresentado contribuições mais tímidas sobre o fenômeno (MALLMAN LISBOA; CALZA, 2018; FERREIRA; DESLANDES, 2018).

Assim, a **relevância do estudo** desse tema está fundamentada em diversos fatores. Está ancorada em novas dinâmicas que acompanham os avanços tecnológicos, sobretudo, por se tratar de um problema recente cujo conhecimento precisa ser ampliado, dada a gravidade de seus impactos e para que ações mais assertivas possam ser postas em práticas e/ou aperfeiçoadas. Wendt e Lisboa (2013) afirmam que há carência de evidências empíricas sobre o tema, especialmente, na América Latina, e que o *cyberbullying* tem sido concebido enquanto uma categoria específica, única e sem precedentes de violência, podendo ser mais abrangente que o fenômeno *bullying*.

Outro fator é que essa forma de violência tem profundo impacto na vida de crianças e adolescentes, inclusive no processo saúde-doença. Dessa forma, evidenciar quais as práticas preventivas ao *cyberbullying* têm sido mais relevantes para seu enfrentamento tem o papel social de disseminar o conhecimento não só para a comunidade científica, mas para a sociedade e para os profissionais de saúde e educação, contribuindo como ferramenta de conhecimento e apontamento das estratégias de prevenção em uso.

No que concerne à relevância pessoal do estudo do tema, este trabalho representa a continuidade de uma trajetória de pesquisa sobre o tema do *cyberbullying* iniciada no mestrado em Saúde Pública na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, com dissertação intitulada “*Cyberbullying: definições, associações com o campo da Saúde e Educação e as propostas de ação*”, que resultou em dois artigos de revisão de literatura. O primeiro artigo intitulado *Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde*<sup>1</sup>, o segundo artigo se chama *Cyberbullying: estratégias de enfrentamento para o campo da Saúde e Educação — revisão de literatura*. Durante o doutorado, tivemos a oportunidade de ingressar em grupo de pesquisa que estuda outras formas de violência digital contra crianças e adolescentes e publicamos em parceria um estudo sobre brincadeiras *on-line* e violência autoinfligida<sup>2</sup>.

Esta tese está assim organizada: capítulo 2 apresenta reflexão teórica sobre interações sociais e *cyberbullying*, personagens envolvidos, associações desse fenômeno com a saúde mental dos adolescentes e revisão sobre estratégias de prevenção. Esse capítulo discrimina a base teórico-conceitual em três grandes blocos: (1) *cyberbullying*: histórico, definições, magnitude, papéis, cibercultura e redes sociais digitais; (2) *cyberbullying*, fatores de risco, grupos vulneráveis (socioeconômico, gênero, orientação sexual, raça), saúde mental e violências; (3) prevenção ao *cyberbullying*. A seguir, no capítulo 3, apresenta-se

---

<sup>1</sup>FERREIRA, T. R. de S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbulling: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, [s.l.], v. 23, n. 10, p. 3369-3379, out. 2018. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/cyberbullying-conceituacoes-dinamicas-personagens-e-implicacoes-a-saude/16827?id=16827>. Acesso em: 03 jun. 2022.

<sup>2</sup>DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T., FERREIRA, T. R. S. C.; FLACH, R. M. D. Online challenges among children and adolescents: Self-inflicted harm and social media strategies. **Salud Colectiva**. Lanús, v. 16, n. 3, dec. 2020. DOI 10.18294/sc.2020.3264.

de forma sucinta a metodologia quantiqualitativa da pesquisa de origem, que será detalhada mais adiante nos artigos. Os resultados estão apresentados nos quatro capítulos seguintes (já publicados ou em fase de publicação em diferentes revistas científicas e em livro). O capítulo 5 apresenta um ensaio teórico intitulado Sociabilidade digital, hipervisibilidade e o ataque a face chamado *cyberbullying*; o capítulo 6 se chama *Cyberbullying among Young Brazilians: the roles of victim, aggressor, and victim/agressor*; o capítulo 7 apresenta o texto *Cyberbullying and mental health: differences and similarities in victim, aggressor, and victim/agressor among young Brazilians*; o capítulo 8 se intitula *Prevenção ao cyberbullying*. Por fim, no capítulo 9, apresenta a discussão que articula os resultados e as considerações finais.

## 2. OBJETIVOS

### Objetivo geral

Investigar a magnitude, os fatores associados (individuais, familiares e sociais), a experiência de ser vítima, agressor e testemunha de *cyberbullying*, assim como as possibilidades de prevenção desse fenômeno em escolas públicas e particulares de duas cidades do país: Vitória (ES) e Campo Grande (MS).

### Objetivos específicos

- Propor uma breve reflexão sobre o processo de expansão da cultura digital, apresentando algumas dinâmicas presentes nas interações digitais, em especial: a hipervisibilidade até o ponto nomeado por Recuero de ataques a face.
- Investigar as semelhanças e diferenças entre os papéis do *cyberbullying* nos adolescentes brasileiros: vítima, agressor, agressor-vítima, e nenhum envolvimento.
- Analisar a associação entre os diferentes papéis do *cyberbullying* (vítima, agressor e concomitância entre vítima e agressor) e a saúde mental (autoestima, angústia psicológica, automutilação, ideação suicida, e uso de substâncias) entre adolescentes.
- Identificar as estratégias consideradas e/ou utilizadas para prevenção pelos adolescentes.

### 3. QUADRO TEÓRICO E CONTEXTUAL

#### 3.1 CYBERBULLYING: HISTÓRICO, DEFINIÇÕES, MAGNITUDE, PAPÉIS, CIBERCULTURA E REDES SOCIAIS DIGITAIS

A noção de *cyberbullying* está intimamente relacionada ao *bullying*. Supostamente, a designação para o *cyberbullying* teria sido cunhada pelo educador e pesquisador do Canadá, Bill Belsey, para identificar o *bullying* virtual, nas quais as tecnologias digitais são usadas para hostilizar, ofender ou ameaçar alguém de modo repetitivo e persistente (MALDONADO, 2009 *apud* MELO, 2011). Para Tokunga (2010, p. 210), *cyberbullying* “é qualquer comportamento realizado através de meios eletrônicos ou digitais por indivíduos ou grupos que repetidamente comunicam mensagens hostis ou agressivas destinadas a infligir danos ou desconforto a outros”.

Há, portanto, diferentes designações para nomear o *cyberbullying*, conforme apontado na revisão crítica de revisões internacionais e nacionais (FERREIRA; DESLANDES, 2018), dentre as quais estão: (1) as que consideram o fenômeno como uma agressão eletrônica ou ato agressivo intencional (ABOUJAOUDE *et al.*, 2015; HAM *et al.*, 2015); (2) as que enfatizam o assédio realizado por um indivíduo ou grupo através do uso de novas tecnologias de informação e comunicação — TICs (PATCHIN; HINDUJA, 2006; SMITH *et al.*, 2008 *in* LUCAS-MOLINA *et al.*, 2016; POWELL *et al.*, 2018); (3) ou ainda as que o caracterizam como uma nova forma de *bullying* virtual, portanto o considera como um ato de agressão (SMITH, 2015) com práticas diretas e indiretas.

O *cyberbullying* pode ser entendido como um processo que ocorre em acréscimo ao *bullying* tradicional, ou seja, como subtipo deste com características específicas (STELKO-PEREIRA; WILLIAMS, 2011 *in* WENDT; LISBOA, 2013). A revisão de Aboujaoude *et al.* (2015) identificou ainda nomeações como vitimização cibernética ou cyber vitimização. Todavia, alguns estudos seguem em direção contrária, afirmando que o *cyberbullying* é um fenômeno com outra natureza de agressão ou assédio.

Alguns autores, ao comparar *bullying* com *cyberbullying*, indicam aspectos que os distinguem: anonimato (mesmo que seja temporário), maior impacto, ter maior audiência de espectadores, individualidade na prática de perpetrar,

dispensar a presença física dos envolvidos e atingir vítima em qualquer lugar e a qualquer momento (ALLISON; BUSSEY, 2016; THOMAS; CONNOR; SCOTT, 2015; KOWALSKI *et al.*, 2014; TARINKULU, 2014).

Interessante refletir que apesar das muitas designações conferidas ao *cyberbullying*, entre elas a de assédio, enquadrá-lo como assédio virtual permite incluir outros atores nesse cenário que não seriam pares. Por outro lado, ao tratar qualquer tipo de assédio virtual como *cyberbullying*, pode-se descaracterizar suas especificidades. Por exemplo, há casos de repercussões com atletas, atores e atrizes brasileiras xingados por causa de sua cor de pele ou ainda casos que ocorrem nas relações de trabalho onde o assédio pode ocorrer entre colegas ou de um chefe para com um determinado grupo do trabalho ou funcionário. Para alguns autores, a ação repetitiva, bem como o desequilíbrio de poder, não seria necessariamente uma característica presente no *cyberbullying* (ABOUJAOUDE *et al.*, 2015; ANTONIADOU, 2015; CANTONE *et al.*, 2015), diferente do assédio moral e do *bullying* face a face, que são legitimadas a partir do caráter repetitivo e do desequilíbrio de poder.

O *cyberbullying* também não deve ser confundido com o que Flach e Deslandes (2017) designam como abuso digital em relacionamentos afetivos-sexuais, apesar de ser uma violência que se manifesta nas ambiências de sociabilidade digital, não está limitada aos pares “(há namorados com grande diferença etária, por exemplo), além de também se apresentar nos relacionamentos entre parceiros(as) adultos(as) fato este que raramente ocorre no *cyberbullying*” (FLACH; DESLANDES, 2017, p. 3). As autoras reconhecem que a audiência tem um papel importante na relação de poder e humilhação em casos de *cyberbullying*,

o que não ocorre necessariamente no abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais. Essa forma de abuso digital é estabelecida especificamente entre parceiros ou ex-parceiros afetivo-sexuais (o que não é aplicado ao *bullying*) — o que implica relações de intimidade e de confiança de outra ordem que aquela entre pares/colegas (FLACH; DESLANDES, 2017, p. 3).

Para ocorrer *cyberbullying*, basta apenas uma postagem ofensiva para que o dado conteúdo postado ou compartilhado esteja permanentemente exposto na

internet. Neste caso, a repetição na visualização se distingue da repetição na redação e publicação de novas postagens ofensivas. O conceito é assim posto à prova. Também o critério de ter que ocorrer entre pares pode dificultar o reconhecimento do *cyberbullying*. Em situações de postagens ofensivas na internet por pessoas não conhecidas e que não se repetem, talvez se trate de fenômeno de outra natureza, porém muito próximo ao *cyberbullying*. Tais questões dificultam a existência de um conceito mais universal de *cyberbullying*.

Alguns dados epidemiológicos reiteram a relevância do tema. Investigação realizada pela *Intel Security* (2015) no Brasil, com 507 crianças e adolescentes de 8 a 16 anos, mostrou que a maioria (66%) já presenciou agressões nas mídias sociais. A pesquisa identificou que 21% dos entrevistados vivenciaram casos de *cyberbullying*, entre os mais atingidos estão adolescentes de 13 anos e 16 anos de idade<sup>3</sup>. A pesquisa europeia (*EU Kids Online/Net Children Go Mobile*, 2014), ao comparar dados dos anos de 2010 e 2014 dos países de Portugal, Dinamarca, Itália, Irlanda, Romênia, Bélgica e Reino Unido, constatou um aumento de oito para 12 por cento dos casos de *cyberbullying*. Tal crescimento ocorreu, sobretudo, nas meninas mais jovens, entre nove e dez anos de idade.

A edição de 2019 da *Tic Kids Online Brasil* (CGI, 2020), que entrevistou crianças e adolescentes entre 09 e 17 anos de idade e os respectivos responsáveis, constatou que 15% dos entrevistados foram tratados de forma ofensiva na internet e não houve diferenças significantes quanto a variável sexo, classe social. Porém 21% dos entrevistados não tinham acesso à internet em casa; em média 8% receberam pela internet mensagens ofensivas e 5% foram excluídos de grupos ou deixados de fora de alguma atividade. A pesquisa constatou ainda que aproximadamente 13% declararam que foram tratados de forma ofensiva ou desagradável nos últimos 12 meses (as meninas foram mais afetadas que os meninos, sem destaque para orientação sexual dos entrevistados). Tais dinâmicas estão presentes no fenômeno *cyberbullying*.

As primeiras descrições sobre as dinâmicas do fenômeno se deram em tempos em que os modos de interações digitais eram restritos ao uso de computadores, a telefones fixos ou ainda celulares com tecnologias — hoje

---

<sup>3</sup>PESQUISA da Intel revela dados sobre cyberbullying no Brasil. **Canaltech**, [s.l.], jul. 2015. Disponível em: <https://canaltech.com.br/comportamento/pesquisa-da-intel-revela-dados-sobre-cyberbullying-no-brasil-46105/>. Acesso em: 17 ago. 2017.

consideradas obsoletas se comparadas às experiências de acesso à internet e interações digitais que existem atualmente. Como exemplo disso, o e-mail e as mensagens por SMS eram as formas mais recorrentes de interação digital. Na atualidade, há possibilidades de compartilhamento de vídeos e mensagens através de aplicativos de mensagens instantâneas, o que possibilita novas formas de manifestação do *cyberbullying*, entre as quais estão: “*namecalling*” (apelidar alguém de modo grosseiro), disseminação de fofocas, “*flamings*” (discussões calorosas *on-line*), ameaçar, fingir ser outra pessoa *on-line* (*fake names* ou uso de *fakes profile*), envio de fotos indesejadas ou mensagens de texto (*sexting*), postar e/ou compartilhar imagens e vídeos com conteúdo íntimo de outra pessoa sem consentimento desta (CARPENTER; HUBBARD, 2014).

Além das redes sociais, o *cyberbullying* também se manifesta através de jogos MMOGs — jogos *on-lines* com múltiplos jogadores (*multiplayers games*) — nos quais um jogador com mais experiência pode “trollar” (zombar, humilhar) alguém, roubando itens do jogo, como: recompensas, invadindo a conta, formar gangues e bloquear pessoas em uma rede social; fazendo piadas com a imagem de uma pessoa e controlando remotamente a câmera/computador de uma pessoa sem o consentimento desta (CHISHOLM, 2014).

Percebe-se ainda que alguns autores buscam classificar as expressões/dinâmicas de *cyberbullying*. Willard (2005), por exemplo, optou por classificar em seis categorias as agressões que se manifestam eletronicamente: 1) assédio — *harassment* (envio repetido de mensagens de caráter ofensivo); 2) personificação — *mascarede* (quando o perpetrador se passa pela vítima com a intenção de colocá-la em situação desagradável ou perigo); 3) *cyberstalking* (perseguição através do envio de mensagens repetitivas com conteúdo de intimidação e/ou ameaças de dano); 4) difamação — *flaming* (publicação de conteúdo falso, rude ou maldoso acerca da vítima em meio digital); 5) violação ou trapaça — *Outing and Trickery* (envio, postagem ou encaminhamento de informações confidenciais ou embaraçosas, com a intenção de torná-las públicas); 6) exclusão — *exclusion* (excluir específica e intencionalmente uma pessoa de um grupo ou lista de transmissão de “amigos de mensagens instantâneas”).

A velocidade do desenvolvimento tecnológico refletido nas mídias sociais pode ajudar a entender as diferenciadas classificações para *cyberbullying*. Logo, ao passo que os modos de interações sociais digitais vão adquirindo novos contornos, outras poderão ser designadas. Ademais, as constantes transformações tecnológicas, bem como a sociabilidade digital peculiar dos adolescentes, favorecem que as dinâmicas de *cyberbullying* sejam ampliadas ou apresentem novas/outras dinâmicas/expressões.

Além disso, as múltiplas plataformas de redes sociais digitais existentes que estão em constante atualização refletem no reconhecimento e na capacidade de atuação frente ao problema, podendo inclusive atuar no sentido de ampliar, restringir/inibir ou modificar as formas de *cyberbullying* existentes em cada sociedade.

#### *Personagens envolvidos*

Com relação aos personagens envolvidos, são representados o perpetrador, o que sofre a violência e os expectadores. Estes podem ser agentes passivos diante do ato ou o fortalecem ao compartilhar, curtir e/ou comentar conteúdos ofensivo sobre alguém. Os que sofrem *cyberbullying* costumam ser representados como pessoas que fogem de determinados padrões estéticos impostos pela sociedade e/ou determinado grupo, por conta da cor de pele, da religião, da característica física ou do perfil socioeconômico. Os que praticam o *cyberbullying* podem apresentar motivos reativos, como vingança e retaliação de agressão, e motivos de diversão, como brincadeira e fuga ao tédio (CAETANO *et al.*, 2017, p. 1.031<sup>4</sup>). Ratificando o estudo anterior, Sanders, Smith e Cillessen (2011 *apud* CAETANO *et al.*, 2017) apontaram a inveja, os problemas de aceitação pelos pares e também vingança como algumas características dos perpetradores de *cyberbullying*.

Brasileiro (2016), ao realizar estudo com 529 estudantes de uma escola privada de Lisboa (Portugal), pontuou que a prevenção e intervenção devem ter em conta as especificidades do *cyberbullying* e a sobreposição de papéis que esse fenômeno permite. Há um reconhecimento da necessidade de compreender que tipo de fenômeno emerge em meio à sociabilidade digital dos

---

<sup>4</sup>A revista que publica este estudo segue a contagem da numeração de páginas das edições do ano vigente.

adolescentes. O perpetrador de *cyberbullying* pode também ocupar o lugar de acometido por essa violência ao mesmo tempo, ou ainda, aquele que é vítima por vingança passar a praticar *cyberbullying* como ato de “justiça própria” de enfrentamento da mesma violência que outrora o atingiu.

Ou seja, em alguns momentos, a vítima pode vir a se tornar um potencial perpetrador do *cyberbullying* e vice e versa. As revisões de Allisoon, Bussey (2016) e Desmet *et al.* (2016) apontam que os expectadores têm papel relevante na manutenção da violência e divulgação dos conteúdos ofensivos de *cyberbullying*. Estudos apontam ainda que as experiências de *cyberbullying* vivenciadas pelos atores envolvidos nesse tipo de violência podem ter especificidades associadas a exposições concomitantes a outras formas de violência e/ou a fragilidades emocionais (FOODY; SAMARA; CARLBRING, 2015; RANNEY *et al.*, 2016; SANTRE, 2022). Por exemplo, quem pratica e quem sofre, além de quem pratica e sofre ao mesmo tempo, ataques de *cyberbullying* possuem particularidades que devem ser investigadas (ALONSO; ROMERO, 2017; BETTS *et al.*, 2016)

Pesquisa internacional tem mostrado dados relevantes sobre *cyberbullying*. Um estudo com 174 alunos de 11 a 15 anos de idade do 9º ano e do ensino médio em Nova Deli (Índia) mostrou que, do total, 8% se envolveram em *cyberbullying* e 17% relataram ter sido vitimados por tais atos. Os meninos eram mais prováveis de serem vítimas de agressão *on-line* e *off-line* (SHARMA *et al.*, 2017).

Por fim, um estudo de Wiguna e colaboradores (2018), que contou com 2.917 adolescentes do primeiro e último ano do Ensino Médio em Jakarta (Indonésia), visou identificar as experiências de *cyberbullying* vivenciadas pelos entrevistados incluindo tabagismo, consumo de álcool e comportamentos autolesivos como comportamentos de alto risco. Constatou que grande parte dos participantes era vítima/autor (52,25%); os adolescentes do sexo masculino que se envolveram em *cyberbullying* apresentaram um aumento no risco de fumar (OR= 2,97), e os que foram só vítimas e vítima/autor de *cyberbullying* teve um risco maior de consumir álcool (OR=2,96 e OR= 6,93), respectivamente.

Para falar que lugar é esse em que essa e outras formas de violência digital estão postas falaremos a seguir sobre cultura digital e as redes sociais digitais.

### *Cibercultura e redes sociais digitais*

Para estudar *cyberbullying*, é necessário, inicialmente, refletir sobre o conceito de cultura ciber e sobre as redes sociais digitais. A tecnologia tornou a comunicação mais veloz e o uso das redes sociais digitais passou a fazer parte do cotidiano das pessoas como uma característica marcante da sociedade pós-moderna (VÉRON, 2014; STELKO-PEREIRA *et al.*, 2018). A mídia e a comunicação passaram não somente a influenciar a cultura e a sociedade pós-moderna, mas estariam incutidas nelas (PRIMO, 2012).

A cibercultura enquanto fenômeno trouxe transformações socioculturais significativas permitindo que as relações sociais pudessem se estabelecer através de novos formatos (OLIVEIRA, 2018).

Cabe aqui apresentar um breve histórico sobre o surgimento da Internet, a partir da obra de Castells (2003): *A Galáxia da Internet: os negócios e a sociedade*. No final de década de 1950, no período da Guerra Fria, o departamento de defesa norte-americano *Advanced Projects Agency (ARPA)* criou uma rede de informações por computadores com aparato tecnológico de guerra, visando o monitoramento e controle de informações, buscando assim superioridade com relação a União Soviética. Em meados de 1962, o IPTO (*Information Processing Techniques Office*) começa a estimular a pesquisa por computação interativa da ARPA, buscando, assim, construir um sistema militar de comunicações capaz de sobreviver a um possível ataque nuclear. Já em meados de 1969, surgem as primeiras redes de computadores nos *campus* da Universidade da Califórnia (Los Angeles e Santa Barbara), e em Universidades em Stanford e em Utah, com intuito de que diferentes centros de computação e grupos de pesquisa pudessem transmitir dados em tempo real (*on-line*).

No início da década de 1970, cria-se o primeiro protocolo de controle de transmissão (TCP) da Unix que teria desenhado a arquitetura básica da internet e introduzido os primeiros conceitos de rede. Um pouco mais tarde, na década 1990, a ARPA deixa de operar e a internet deixa o contexto militar, passando a ser gestada por um curto período pela NSF (*Nacional Science Foundation*) e em seguida ser privatizada. O sistema operacional Linux foi criado nessa época, passando a ser distribuído gratuitamente e adotando, assim, uma lógica de internet “livre” e colaborativa.

Em seguida, ocorre uma espécie de expansão da internet e companhias como a *Nescape*, que inicia a comercialização da internet com o programa *Navigator* para fins educacionais. Posteriormente, a empresa Microsoft lança seu próprio sistema operacional *Windows 95*. Nessa lógica, a comercialização da internet teria ocorrido partir da década de 1980, período no qual adquiriu usos e costumes diferenciados (VIANA, 1995).

A partir daí, os computadores com acesso à internet passaram gradativamente a fazer parte do cotidiano das pessoas, mas ainda de forma seletiva. Entrar na internet para enviar um e-mail ou publicar uma postagem em *blog* foi se tornando algo peculiar. Pode-se dizer que havia uma espécie de divisão de mundos, o real e o virtual.

Com o passar dos tempos, essa ideia vem caído em desuso, por se acreditar que essas fronteiras *on-line* e *off-line* já não mais existem ou estariam misturadas. Para Rogers (2010), esse “borramento” das fronteiras tem relação com a extensão das interações face a face e com as relações estabelecidas a todo tempo no cotidiano da sociedade que utiliza algum dispositivo eletrônico com acesso à internet. Do mesmo modo, Castells (2018) afirma que as fronteiras entre meios de comunicação de massa (internet é um deles) e todas as outras formas de comunicação estão perdendo a nitidez.

Essa nova sociabilidade digital é mediada por diferentes dispositivos tecnológicos que permitem o envio e recebimento de mensagens de textos, áudios, imagens, fotos e vídeos para criação e manutenção de vínculos afetivos, sociais e/ou profissionais. Cada vez mais pessoas têm utilizado o ambiente digital para estabelecer essas conexões para compartilhar seus interesses e publicizar de forma espontânea e gratuitamente seus corpos e suas vidas. O significado da palavra compartilhar passou a ter um novo significado a partir da experiência no uso da plataforma de relacionamentos digitais, como no caso do Facebook (VAN DICK, 2011).

Nesta conjuntura de interações digitais, a sociedade assume um *ethos* a partir do que pretende postar (mostrar) para os outros, ou seja, no que quer evidenciar. Tal fenômeno é denominado por Maffesolli como a ética da estética (MAFFESOLI, 1987 *apud* LEMOS 2015). A exposição passou a ser uma marca das relações sociais que são mantidas no ambiente digital.

Houve uma espécie de estreitamento entre o que seria de caráter público e privado. A publicização de atividades cotidianas passou a ser naturalizada, norteadas pela lógica da hipervisibilidade (KEEN, 2012). Essa hipervisibilidade é pautada em uma espécie de autopromoção na qual o que se expõe são as melhores situações/condições estéticas, sociais e financeiras.

Para entendermos o que representa essa hipervisibilidade, bebemos da fonte de André Lemos (2015) que vai chamar de hipervisibilidade a configuração dessa exposição e ampliação da visibilidade dos corpos e das vidas, a partir desses mecanismos eletrônicos de propagação de informação, imagens e vídeos.

Nesse contexto de hiperexposição/hipervisibilidade, ser visto e visualizar aquilo que os outros publicam possui um valor simbólico. Fernanda Bruno (2015) denomina de Palinóptico a representação dessa exposição da subjetividade, o lugar onde a verdade é representada por aquilo que é aparente, ou seja, onde todos vigiam todos. Essa vigilância é pautada por uma espécie de consentimento mútuo e de certo modo permissivo.

Em meio a esse cenário de espetacularização do que pretende se expor para audiência, as simulações, que vão desde a aplicação de filtros (retoques) em fotos digitais até a montagem de cenário para captura de uma “imagem perfeita”, são roupagens dessas simulações para alcance de maior visibilidade. Uma forma de impulsionar o prestígio social.

Reis (2018) afirma:

o digital tem o poder recriar quem somos, se não por avatares claramente ficcionados, por fotos retocadas, post bem escritos (...), compartilhamentos bem sacados e outros recursos que nos apresentam e representam de forma ideal (...) (REIS, 2018, p. 14).

Quanto mais conexões se alcançam, maior é a audiência baseada na popularidade e visibilidade (MAIA; BRAGA, 2017), o que demonstra que as conexões estabelecidas em rede são intencionais. A aprovação do que é postado em uma plataforma de conteúdo digital se manifesta através de reações como a curtida (“like”).

Nesses espaços de interações sociais, o processo da comunicação tenta se impor, e os discursos travam diálogos, duelos e negociações de interesses,

assinalando “o reconhecimento da necessidade do outro e a aceitação do risco de fracasso” (WOLTON, 2006, p. 172 *apud* GONÇALVES; SILVA, 2014). Entretanto, Oiwaka (2016) diz que, desde o surgimento das primeiras páginas da *Word Wilde Web* e da proliferação dos sites pessoais, as “performances dos sujeitos” têm sido pauta de estudos sobre interação mediada por computadores. Ao ler o termo performance dos sujeitos, imediatamente, faz-se um *link* com o termo “a escrita de si” usado por Foucault (1999) para dizer que a escrita constitui o próprio sujeito e que constrói a ideia de indivíduo. É uma narrativa que apresenta um modo próprio de subjetivação, construção da identidade e representação do eu.

Entretanto, a imagem pode ser defraudada por meio de ataques diretos a dignidade e a honra de um indivíduo com apenas uma postagem. Esse seria um dos lados nefastos das interações digitais. Curtir um conteúdo de humilhação pode legitimar a aprovação de uma violência. Violência que é capaz de destruir emocionalmente uma pessoa, com destaque para os adolescentes — dado o processo de desenvolvimento psicossocial, no qual esses últimos estão submetidos nesta fase da vida.

Raquel Recuero (2013) se apropria do conceito “ataque a face” cunhado por Goffman, em 1967, para falar do impacto que tais ataques digitais podem significar para a reputação/imagem de um indivíduo. Ou seja, a face seria colocada em risco quando as regras de interações são burladas, com mensagens ofensivas, por exemplo. A superexposição pode também potencializar a ameaça a face (a hiperexposição digital pode representar um fator de risco para o *cyberbullying* e outras violências digitais). Com base em Recuero (2013), todo ataque a face no espaço de mediação digital deslegitima os participantes da conversação, especialmente, os que foram atingidos pelo ataque.

Os *trollings* (comentários abusivos) nas conversações, por exemplo, podem acontecer como um tipo de ameaça a face, mesmo quando a ação de *trolling*, supostamente, não possui intencionalidade. O que para uma pessoa representa “apenas uma brincadeira” ou “traquinagem”, para o outro pode ser algo devastador, como nos casos das postagens com conteúdo humorístico, que visam humilhar, exemplo dos *Memes* (imagens, vídeos, *gifts* com teor humorístico que alcançam audiência na internet em curto prazo) ou *gifts*

(imagens animadas) utilizados em aplicativos de conversação e comentários em plataformas de redes sociais.

Em meio a esse tipo de narrativa, o humor tende a mascarar certos discursos de ódio e ofensa nas redes sociais contra um determinado indivíduo ou segmento populacional (RECUERO, 2013).

Assim, uma postagem com discurso de ódio, humilhação, misoginia, gordofobia (entre outros tipos de ataques à classe social, raça/cor, estereótipos, orientação sexual, religião e política) pode ser propagado travestido de humor, como um manejo para aceitação de atos que podem ser considerados inadmissíveis socialmente falando. Cabe considerar que tais conteúdos circulam em meio à dinâmica de sociabilidade digital dos jovens e que eles são os usuários que mais utilizam as tecnologias com acesso à internet.

Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013, p. 36) afirmam que “as mídias de hoje deram aos adolescentes uma voz que pudesse ser ouvida e transmitida, favorecida por um ambiente [digital] que permite a disseminação viral de ideias e a organização de movimentos em favor de uma determinada causa”.

Em meio a essa cultura digital, os blogs, os canais de youtubers e outras redes sociais digitais favoreceram esse lugar de fala e/ou autorização dessa fala para os sujeitos. Ao mesmo tempo, essa legalidade pode deliberar, inconscientemente, que discursos ofensivos possam ser difundidos com base, por exemplo, na liberdade de expressão ou ainda para ser aceito em um determinado grupo, com a adoção de uma determinada linguagem, *hashtag* ou postagem.

### 3.2. CYBERBULLYING, FATORES DE RISCO, GRUPOS VULNERÁVEIS (SOCIOECONÔMICO, GÊNERO, ORIENTAÇÃO SEXUAL, RAÇA), SAÚDE MENTAL E VIOLÊNCIAS.

São múltiplos os fatores de risco para a saúde associados ao *cyberbullying*.

Apesar da tecnologia ser vista como um facilitador e um mecanismo para manutenção das interações sociais, os jovens estariam vivenciando um conflito entre a necessidade de ser sociável e o desejo de manter a privacidade. Diante

desse cenário de uso dessas plataformas de redes sociais, atos de *cyberbullying* são concebidos como uma espécie de perturbação da ordem do sociável (BETTES; SPENSER, 2017). O uso prolongado da internet através de celulares tem sido considerado um fator de risco de exposição ao *cyberbullying*, assim como para perturbações do sono e exposição de imagens íntimas sem o consentimento (SANSONE; SANSONE, 2013).

Um estudo transversal de Athanasiou *et al.* (2018) com cerca de dois mil estudantes da Alemanha, Romênia, Polônia, Ilha da Noruega, Grécia e Espanha concluiu que a vitimização pelo *cyberbullying* representa um problema contínuo e que estaria sujeito a condições sócio-demográficas específicas de cada país, incluindo os padrões de uso da Internet por parte dos envolvidos.

Ainda sobre risco, a hipervisibilidade propiciada com o uso prolongado de redes sociais digitais pode representar um fator de risco à saúde dos jovens que vivenciam o *cyberbullying*, além de evidenciar suas vulnerabilidades. Interagir digitalmente pode apresentar riscos com base nessas possíveis ameaças ou ataques a imagem de um indivíduo resultantes dessas interações.

Outro aspecto a ser apontado é a existência de uma interseção entre o estigma e a vulnerabilidade dos jovens no contexto digital. O estigma pode ser considerado um fator que pode desencadear a experiência de sofrer *cyberbullying*. Cabe mencionar que a discriminação também se manifesta nas ambiências digitais. Para Flach e Deslandes (2017), as interações digitais também passam a constituir espaços de práticas de discriminação e violência.

Experiências de *cyberbullying* perpassam adolescentes de diferentes **classes sociais**. Desigualdades sociais e de saúde apontam para uma vulnerabilidade em sofrer ou cometer atos de *cyberbullying* associados ao *bullying* (RONIS; SLAUNWHITE, 2017). Pertencer a uma família de alto padrão socioeconômico pode contribuir para que o adolescente seja vítima de *cyberbullying* e que pratique *bullying* (PERASSO *et al.*, 2020).

Estudo de revisão sobre a teoria da comunicação na **família** e o *cyberbullying* (CRAIG; COMPTON; LUURS, 2022) revelou dados sobre o perfil familiar de cyber vítimas: os pais tendem a ser autoritários ou negligentes, vivenciam conflitos familiares; os filhos recebem baixo apoio parental, são distantes e os vínculos emocionais estabelecidos na família são negativos. Já em relação aos cyber agressores, relatam: pais autoritários, negligentes ou

permissivos e existência de conflitos com parentes. Quanto aos fatores de proteção destacam-se: pais/mães com perfil democráticos, equilibrados, sem a presença de conflitos domésticos, união familiar, interações familiares de qualidade e fácil comunicação entre pais e filhos. Relatam ainda que pais/mães que apoiam seus filhos estimulam afeto em relações de confiança.

Pesquisas apontam que relações conflituosas com os pais [responsáveis] interferem na dinâmica familiar, e os modelos disciplinares parentais são preditivos do envolvimento dos jovens com *cyberbullying* (CROSS *et al.*, 2015; BRIGHI *et al.*, 2012; WANG *et al.*, 2009; YBARRA; MITCHELL, 2004). Além disso, ações de monitoramento *on-line* (METER; BAUMAN, 2018) e o suporte familiar aparecem como fatores de proteção, tanto para perpetração de *cyberbullying* quanto para que a vitimização não ocorra (CROSS *et al.*, 2015).

Vínculos familiares fragilizados aumentam as chances dos adolescentes se envolverem em casos de *cyberbullying*, como cyber vítima ou cyber agressor (MARTÍNEZ-MONTEAGUDO *et al.*, 2019). Insatisfação familiar pode ser um preditivo de médio potencial para um cyber agressor. Ter menos qualidade de vida familiar pode ser considerado um preditivo tanto para sofrer quanto para praticar *cyberbullying* (LIVAZOVIĆ; HAM, 2019), uma vez que a família possui uma função protetiva na vida dos indivíduos, sobretudo, de sujeitos em desenvolvimento.

No que diz respeito ao recorte de **gênero**, é possível identificar divergências sobre aqueles que praticam e os que sofrem o *cyberbullying*.

Há autores que consideram os adolescentes do sexo masculino como mais propensos a praticar o *cyberbullying* enquanto as meninas são maiores vítimas (WANG; IANNOTTI; NANSEL, 2009). A revisão feita por Bauman *et al.* (2013) identificou na literatura casos de pessoas do sexo masculino que eram praticantes de *cyberbullying* e de *bullying* ao mesmo tempo, e os adolescentes seriam os mais atingidos por esse ato de violência. Já Hamm (2015) aponta que o fator idade não influencia se uma pessoa será acometida pelo *cyberbullying*, destoando da maioria dos estudos que analisa o fenômeno, no que se refere a prioridade entre jovens estudantes.

A violência em suas diferentes expressões pode ocorrer em distintos grupos sociais, entretanto alguns são mais vulneráveis, como o LGBTQIA+, em decorrência da LGBTfobia e o heterossexismo.

Interessante apontar que práticas de LGBTQfobia têm relação direta ou representam formas de discriminação, nesse caso por orientação sexual (violência de gênero). Além dessas, existem outras formas de discriminação, como: raça/cor, religião e/ou ainda condição socioeconômica. Entendemos que *cyberbullying* poderia, portanto, ocorrer de modo a atingir quaisquer um desses atributos de um indivíduo ou grupo.

Cabe ressaltar que gênero, identidade de gênero e orientação sexual são teoricamente distintos (LOURO, 1997). Por exemplo: uma pessoa transexual pode se reconhecer como heterossexual, bissexual ou homossexual, o mesmo ocorreria com pessoas cisgênero (aqueles(as) cuja identidade de gênero é a mesma que lhe foi concedida desde o nascimento). Ademais, a categoria orientação sexual, segundo Cardoso (2008), é frequentemente relacionada ao objeto de desejo sexual “se para pessoas do sexo oposto, do mesmo sexo ou para ambos” (CARDOSO, 2008, p. 73). Assim, o critério mais eficiente para detectar a orientação sexual seria tomar como base a natureza da fantasia sexual de cada indivíduo.

Falar sobre *cyberbullying* e questões de gênero remete a pensar em dois aspectos relevantes apontados pela literatura. O primeiro deles tem a ver com a restrição por parte dos estudos acerca da categoria binária cisnormativa, na qual os estudos, ao abordarem os impactos e os papéis desenvolvidos (perpetrador e acometido), reduzem a discussão para a categoria sexo masculino e feminino (FERREIRA; DESLANDES, 2018). O segundo ponto é que grande parte dos estudos é realizado com o público jovem, no qual, por estar em processo de desenvolvimentos e descobertas, a categoria orientação sexual é suprimida/desconsiderada do debate.

Há, entretanto, avanço gradativo de estudos recentes focados nas questões de gênero que perpassam pela questão do *cyberbullying* (MACAULAY *et al.*, 2018; SITTICHAJ; SMITH, 2018; WIGUNA *et al.*, 2018; SHARMA *et al.*, 2017).

Há estudos que reconhecem gênero como uma variável que merece ser considerada na relação de causa do *cyberbullying* (VIEIRA, 2008), mas não define o tipo de *cyberbullying* que essa população experimenta (VIEIRA, 2008). Gênero também representaria um fator determinante para os resultados de comportamento de risco (WINUGA *et al.*, 2018).

Sittichai e Smith (2018) referem-se a um relatório de pesquisa Tailandês com 1.049 estudantes adolescentes na faixa etária de 12 a 18 anos, em que 42% dos entrevistados era meninas e 58% meninos, de 12 escolas de três províncias. O estudo analisou as estratégias de enfrentamento de *cyberbullying* entre pessoas do sexo masculino e feminino e constatou haver diferenças de gênero no que tange às estratégias de *coping*. As meninas tendem a ter estratégias mais passivas, como comunicar aos responsáveis, bloquear mensagens ou pessoas ofensivas, e mudar de perfil ou número de telefone. O comportamento dos meninos é mais de revidação ou vingança. A postura adotada pelos diferentes atores do sexo feminino e masculino, possivelmente, tenha relação com o processo de construção social e de identidade a qual os sujeitos experienciam em seu processo de formação e desenvolvimento. Tradicionalmente, é esperado que os meninos utilizem/demonstrem força enquanto as meninas devem obter uma postura mais discreta, como um viés normativo de papéis de gênero já configurados socialmente.

Outro estudo com amostra de 174 estudantes indianos do ensino médio identificou que os adolescentes do sexo masculino eram mais propensos a serem vítimas de *cyberbullying* e *bullying*. Os meninos tinham maior tendência a exprimir enquanto as meninas mostraram uma maior tendência a internalizar as experiências de *cyberbullying*. O estudo conclui que o impacto dessa violência *on-line* não variou em ambos os gêneros (WIGUNA *et al.*, 2018).

Elipe *et al.* (2017), ao analisarem *bullying* homofóbico e o *cyberbullying* entre 533 estudantes espanhóis do ensino médio com idades entre 12 e 20 anos, constataram que entre estudantes lésbicas, gays, bissexuais e questionadores<sup>5</sup> (LGBQ)<sup>6</sup> os fenômenos *bullying* homofóbico e *cyberbullying* estavam bem representados. Estudantes identificados como não heterossexuais experimentaram um nível mais alto de ser alvo de *cyberbullying*, cerca de 20%

---

<sup>5</sup>Um dos públicos que é identificado na letra 'Q' da sigla LGBTQ. Pessoas que estão questionando sua identidade ou aqueles que ainda não definiram sua orientação sexual ou gênero. Ressaltamos que a referida letra na sigla também inclui Queer — pessoas que se identificam como não heterossexuais ou cisgêneros.

<sup>6</sup>Na ocasião do estudo, não haviam sido incluídas as siglas 'I' (representada pelos intersexuais), 'A' (representada os assexuados), seguido do símbolo de '+' que visa contemplar as demais orientações sexuais que não se enquadram nas anteriores e simpatizantes.

foram vítimas. As análises mostraram que a orientação sexual pode ser considerada um fator de risco para o sofrimento dessas agressões.

Calmaestra *et al.* (2020), ao pesquisarem a prevalência de *cyberbullying* entre adolescentes do Equador e da Espanha e as diferenças de gênero, ano letivo e diferenças étnico-raciais, constataram que não havia diferenças significativas em relação às questões de gênero, mas desconsiderou a orientação sexual. O mesmo ocorreu em outros estudos (FOODY *et al.*, 2019; VIEIRA *et al.*, 2016). Percebe-se que estudos como os supracitados se apropriam da utilidade da categoria gênero para “designar as relações sociais entre a categoria sexo” (SCOTT, 1995, p. 75).

Em contrapartida, Magalhães (2017) discute a questão de gênero em uma perspectiva de reconhecimento da categoria orientação sexual e sua relação com o *cyberbullying* entre adolescentes. Afirma que as práticas de *cyberbullying* podem apresentar conteúdo homofóbico e conclui que homofobia é utilizada de forma a controlar não só a sexualidade, como também a conformidade com os papéis de gênero socialmente estabelecidos. Ou seja, homofobia também se manifesta nas redes sociais digitais, que assume contornos de uma instância de controle de estéticas e estereótipos corporais e da expressão da sexualidade (DANTAS; NETO, 2015).

Para Crothers *et al.* (2005), as adolescentes que se identificam com um papel de gênero feminino mais tradicional (binário) tendem a se perceberem usando mais agressão relacional do que as adolescentes que se identificam com um papel de gênero do que chamaram de não tradicional (não binário). No estudo de Woods (2009), os adolescentes que se identificam mais com o gênero masculino tradicional são mais propensos a se envolverem em formas físicas de agressão como meio de manter a popularidade e o status entre seus pares.

Percebe-se que há uma dificuldade em discutir o tema a partir de uma perspectiva de gênero mais ampliada e que, por vezes, as escalas de *cyberbullying* usadas nos estudos não consideram essas variáveis, apenas quando cruzadas com escalas de perfis sociodemográficas, por exemplo.

O estudo de Powell *et al.* (2018) se propôs a estudar as experiências de abuso e assédio sexual digital, incluindo o *cyberbullying* entre a população de 2.956 australianos e 2.842 britânicos adultos entre 18 e 54 anos. A pesquisa aponta que há uma lacuna importante no que diz respeito a pesquisas que

estudam a relação gênero, o abuso e o assédio digital e sexual e de gênero. Os resultados demonstraram que pessoas transgêneros experimentam taxas mais altas de assédio e abuso digital em geral, se comparadas com pessoas heterossexuais cisgêneros.

Compreende-se que as normativas de condutas sociais que perpassam as sociedades tendem a produzir segregação de determinados grupos sociais (minoritários) que não se encaixam em padrões pré-estabelecidos. Também é relevante ressaltar que, independente da faixa etária, deve-se observar a categoria gênero para além dos moldes heteronormativos. Sob outra perspectiva, a questão de gênero tem sido tratada por parte dos estudos como dado secundário, considerando apenas a categoria sexo (menino ou menina), mostrando uma limitação significativa ainda hoje presente na literatura científica.

*Cyberbullying e saúde mental (automutilação, sofrimento psíquico, autoestima, uso de substâncias e ideação suicida)*

A literatura tem apontado alguns dos efeitos deletérios que o *cyberbullying* pode trazer a saúde de suas vítimas, o que reforça a importância deste tema continuar sendo investigado.

No que tange os impactos à saúde, Li *et al.* (2012) destacam que os efeitos do *cyberbullying* são tão graves quanto o do *bullying* presencial. Cabe ressaltar que os acometidos por essa forma de violência digital, por vezes, mantêm um silenciamento por longos períodos, ao mesmo tempo em que vivenciam as repercussões do sofrimento causado pelo *cyberbullying* e o perpetuamento do conteúdo de humilhações e xingamentos.

Dentre os impactos à saúde estão o isolamento, a depressão, os danos à autoestima, o baixo rendimento escolar e até a tentativa ou a efetivação de suicídio. Cabe salientar que o *cyberbullying* também tem o potencial de gerar estigma, podendo repercutir em revitimização (ROCHA, 2021; BORTMAN, 2019; WOLFORD-CLEVENGER *et al.*, 2016; JACKSON *et al.*, 2015; ZWEIG; LACHMAN; YAHNER; DANK, 2014; AZEVEDO *et al.*, 2012; CASSIDY *et al.*, 2009).

Um artigo de Kowalski, Limber e MacCord (2019) constatou, a partir da literatura revisada por eles, que o *cyberbullying* está associado a variadas consequências negativas, tanto para os acometidos quanto para os

perpetradores. Entre as consequências vivenciadas pelas vítimas, estariam elevado nível de ansiedade, depressão, solidão, aumento na ideação suicida, baixa autoestima e queda no desempenho acadêmico/escolar.

Um estudo de Lucas-Molina *et al.* (2018), no qual entrevistaram 1.664 adolescentes espanhóis entre 14 a 19 anos, buscaram analisar as taxas de prevalência de *bullying*, cyber vitimização (ser vítima de *cyberbullying*) e ideação suicida, baseado nas variáveis sexo e idade. Constatou que cerca de 8,6% dos adolescentes entrevistados foram vítimas de *cyberbullying* pelo menos uma ou duas vezes nos últimos dois meses que antecedeu a realização da pesquisa. Além disso, as taxas de prevalência encontradas para ideação suicida (23,2%) foram consideradas altas nesse grupo, corroborando assim com outros estudos que aferiram a questão.

Grande parte dos estudos evidencia os impactos do *cyberbullying* na saúde mental das vítimas. Entre esses impactos, cita-se o aumento da chance de a vítima desenvolver diversos transtornos mentais, o que pode inclusive facilitar o suicídio (PEREIRA *et al.*, 2019). Costa e colaboradores (2019) consideram importante avaliar com profundidade sobre quais transtornos mentais podem incidir em decorrência do *cyberbullying*.

Parte da literatura internacional associa o *cyberbullying* às violências autoperpetradas e isso pode estar ligado ao quanto esse tipo de violência afeta a saúde mental dos adolescentes, sua subjetividade/autoimagem. Fatores, como depressão, insônia, queda no rendimento escolar, ideação suicida, estresse, automutilação, ansiedade e suicídio, têm sido estudados como aspectos associados ao *cyberbullying* (GINI; ESPELAGE, 2014).

No que se refere à ideação suicida, Hinduja e Patchin (2010) constataram que os jovens que foram acometidos por *bullying* ou *cyberbullying*, como agressor ou vítima, tiveram mais pensamentos suicidas e eram mais propensos a tentativas de suicídio do que aqueles que não sofreram essas formas de agressão de colegas escolares. Além disso, ser acometido por tal violência estava mais fortemente relacionada a pensamentos e comportamentos suicidas do que a ofender (perpetrar a violência).

Um outro estudo (JOHN *et al.*, 2018) reforça a ideia de que as vítimas de *cyberbullying* correm um risco maior do que as não vítimas de comportamentos suicidas e automutilação. Ou seja, cyber vítimas teriam 3,34 vezes mais chances

de automutilação, estariam 2,71 vezes mais susceptíveis à apresentarem pensamentos suicidas e 3,90 vezes mais chances de tentarem suicídio. Porém, com relação aos cybers agressores, o referido estudo constatou que estes teriam menor risco se comparados com às cyber vítimas, mas o risco de comportamentos suicidas e de ideação suicida se eleva quando comparados com os não perpetradores de *cyberbullying*.

A solidão ou o isolamento social tem sido considerada como preditivo para *cyberbullying* (AL QUDAH *et al.*, 2020; BREWER; KERSLAKE, 2015).

Quando o assunto é autoestima, sofrimento emocional e ideação suicida, podemos destacar o estudo de Cénat *et al.* (2015) com uma amostra representativa de 8.194 estudantes do ensino médio do Québec (Canadá), entre a faixa etária de 14 a 20 anos. Tal estudo buscou avaliar o *cyberbullying*, o *bullying* homofóbico, *bullying* na escola ou em outros locais e a sua associação com a autoestima (na ocasião do estudo) e o sofrimento psíquico, bem como as ideias suicidas. Os autores constataram que as meninas e os jovens considerados “sexualmente minoritários” tinham mais probabilidades de sofrer *cyberbullying* e outras formas de *bullying*, bem como desenvolver sofrimento psicológico, baixa autoestima e ideias suicidas. A prevalência de *cyberbullying* ficou 22,9% entre os entrevistados.

Experiências de depressão e ansiedade também geram sofrimento psíquico e representam alguns dos impactos do *cyberbullying*. Para Rose e Tynes (2015), haveria uma relação de reciprocidade entre a cyber vitimização depressão e ansiedade. É uma violência digital que atinge a saúde mental dos jovens e contribui para a baixa estima dos mesmos (ALSAWALQA, 2021).

Percebe-se, portanto, uma associação entre *cyberbullying*, uso abusivo de álcool e depressão. Segundo Selkie *et al.* (2015), adolescentes envolvidos nos diferentes papéis de *cyberbullying* têm probabilidade aumentada de sofrer de depressão e consumir abusivamente álcool. Ou seja, essas experiências não estariam restritas aos jovens cyber vítimas se considerarmos os impactos do *cyberbullying* entre os envolvidos.

Brewer e Kerslake (2015) constataram que jovens com baixa estima estariam mais propensos a relatar experiências de *cyberbullying*. Para Extrema e colaboradores (2018), a baixa inteligência emocional repercute em sintomas negativos associados a vitimização do *cyberbullying*, como a baixa estima e

ideação suicida, enquanto taxas mais elevadas de inteligência emocional têm um caráter de representativo de proteção.

Adolescentes envolvidos com *cyberbullying* e *bullying* escolar têm risco aumentado (três vezes maior) de consumir abusivamente álcool, seguido de cigarro e maconha, sendo as vítimas mais predispostas a esses comportamentos de risco (PICHE *et al.*, 2022; WOOD; GRAHAM, 2020).

Um estudo de revisão de literatura de Bottino e colaboradores (2015) identificou uma diversidade de fatores de risco psicossociais associados ao *cyberbullying* entre perpetradores e acometidos, como também naqueles que ao mesmo tempo desempenham o papel de vítima e perpetrador. Entre tais fatores estão: sintomas de depressão, estresse, baixa autoestima, ansiedade social e comportamentos hostis.

Em contrapartida, esses autores (2015) consideram ainda que seria improvável que experiências de *cyberbullying* por si só levem ao suicídio dos jovens. Ao contrário, acreditam que tais experiências podem exacerbar a instabilidade e a desesperança de um adolescente em um momento em que já está lutando com circunstâncias estressantes da vida.

### *Cyberbullying e outras experiências de violência*

Experiências de violência trazem danos terríveis à saúde dos envolvidos. Estudos alertam que o *cyberbullying* teria associação com outras formas de violência, o que pode potencializar os danos e efeitos causados por tais atos danosos. Entre as violências associadas ao *cyberbullying*, estariam os maus tratos ou violência intrafamiliar e ainda os abusos sexuais (WANG *et al.*, 2019; HÉRBET *et al.*, 2016).

No que tange às experiências de violência e seus impactos na vida de crianças e adolescentes, cabe destacar Assis *et al.* (2004) que afirmam:

crianças e adolescentes que sofrem violência das pessoas que amam possivelmente estão mais ameaçadas pela vulnerabilidade, o que as tornaria mais suscetíveis à violência em outros âmbitos sociais. Pode-se especular que a própria vulnerabilidade dessa criança faz com que se posicione mais no lugar de vítima e esteja mais aberta ao estresse, no caso a violência; e que existe circularidade da violência nos espaços sociais, ou seja, as crianças mais expostas a violência familiar estariam também mais vulneráveis em outros universos onde a

violência se estabelece como forma de relacionamento e, muitas vezes, de organização (ASSIS *et al.*, 2004, p. 49).

As constantes atualizações das legislações internacionais de regulação da internet têm feito com que as plataformas de redes sociais digitais estabeleçam e/ou atualizem diretrizes que coíbam postagens de conteúdos violentos. YouTube, por exemplo, nas diretrizes da comunidade, afirma que:

não aceitamos conteúdo que promova ou apoie violência contra indivíduos ou grupos com base em raça ou origem étnica, religião, deficiência, gênero, idade, nacionalidade, status de veterano ou orientação sexual/identidade de gênero, ou cujo intuito principal seja incitar o ódio com base nessas características. Isso pode ser difícil de determinar, mas se o intuito principal for atacar um grupo protegido, significa que o conteúdo extrapola o limite (YOUTUBE, 201?).

O Facebook, nos padrões de comunidade, afirma:

nosso objetivo é evitar potenciais danos offline que possam estar relacionados a conteúdo do Facebook. Removeremos conteúdo, desativaremos contas e poderemos acionar as autoridades locais se notarmos um risco real de danos físicos ou ameaça direta à segurança pública. Também procuramos levar em conta a linguagem e a situação para poder distinguir declarações casuais de conteúdo que constitua uma ameaça real à segurança pública ou pessoal. Quando tentamos determinar se uma ameaça é real, podemos levar em conta também informações adicionais, como a visibilidade pública de uma pessoa e os riscos a sua segurança física (FACEBOOK, 201?).

Percebe-se que tais ações são resultados de clamores sociais, bem como de ações de organizações que militam em prol de uma internet mais segura e empática. Um estudo de revisão e estratégias de intervenção de *cyberbullying* (BLAYA, 2019) reconheceu a existência de tentativas de combate ao discurso de ódio por meio da educação e alfabetização midiática, o que permite a identificação e as reações apropriadas ao ódio como testemunha ou alvos. Identificou ainda estratégias para mobilizar os jovens e a sociedade civil como um todo para irem contra essas narrativas e se tornem ativistas contra o ódio na internet.

Haveria uma maior probabilidade de ser cyber vítima, cyber agressor ou cyber vítima-agressor à medida que a capacidade preditiva de agressividade física e a raiva aumentassem (MARTÍNEZ-MONTEAGUDO *et al.*, 2019).

Uma amostra (Chen *et al.*, 2018) em seis cidades chinesas com 18.341 estudantes entre 15 e 17 anos, que investigou a associação entre *cyberbullying* na adolescência e nos diferentes tipos de violência familiar, constatou que vivenciar situações de conflito familiar, violência por parceiro íntimo e maus tratos em crianças foram associados a maior probabilidade de um adolescente se tornar vítima de violência na internet. Além disso, casos de divórcio, separação dos pais, baixa renda familiar, mães com baixo nível de escolaridade e desemprego do pai foram todos associados à vitimização pelo *cyberbullying*.

Adolescentes expostos à violência doméstica têm probabilidade de se envolverem em casos de *cyberbullying*, o que é bem maior entre jovens do sexo masculinos se comparados as jovens do sexo feminino (AHMED, 2020).

Quando o assunto é violência escolar, a literatura aponta que os *cyberbullies* graves têm maior rejeição da autoridade institucional, transgressão de normas, comportamentos violentos diretos e relacionais na escola em relação aos colegas. Os meninos têm atitudes mais favoráveis à transgressão das normas sociais e participam mais do que as meninas em comportamentos escolares violentos diretos envolvendo ainda o confronto direto com a vítima (ORTEGA-BÁRON *et al.*, 2017).

### 3.3 PREVENÇÃO DO CYBERBULLYING

Em geral, as estratégias de prevenção ao *cyberbullying* são voltadas para o monitoramento e controle das ações praticadas em redes sociais digitais.

No início da década de 2010, as revisões de Couvillon e Ilieva (2011) e Smith *et al.* (2012) indicavam a limitação do uso de celulares na escola como principal estratégia. Destacavam a legitimidade das escolas em implementar estratégias de controle sobre as mídias existentes no contexto escolar, restringindo a área de acesso à Internet em que o *cyberbullying* provavelmente ocorre (por exemplo: salas de bate-papo, mídias sociais, sites) e “excluir a mídia não necessária para a experiência de aprendizagem, como celular” (SMITH *et al.*, 2012, p. 121).

Entretanto, em tempos em que é peculiar os mais jovens terem seus próprios aparelhos eletrônicos com acesso a internet, inclusive para realizar pesquisas escolares, faz-se necessário pensar o processo de autonomia e liberdade de acesso à internet. Na França, por exemplo, desde o ano de 2010, o uso de aparelhos celulares era proibido em sala de aula. Recentemente, o governo proibiu o uso de outros aparelhos eletrônicos no contexto escolar (como os notebooks), com um discurso supostamente pautado na saúde pública por identificar que a juventude francesa se tornou hiperconectada.

Segundo postagem de agosto de 2018<sup>7</sup> do jornal Folha de São Paulo, “especialistas afirmam que o tempo excessivo em *smartphones* e o fascínio da internet causa uma dependência cibernética, além de problemas mais graves como perda de sono”. Em contraponto, nos EUA, a proibição do uso de *smartphones* em sala de aulas tem se tornado cada vez menor, dado que os pais querem garantir a possibilidade de manterem a comunicação com os filhos como uma estratégia de monitoramento.

Até o momento, as estratégias de prevenção para o *cyberbullying* e as propostas para o campo da saúde são escassas. Em suma, essas estratégias estão associadas às ações de combate ao *bullying* no contexto escolar, além de apresentarem propostas de capacitação de pais, profissionais e vítimas (KORENIS; BILLICK, 2014). Aponta-se ainda que o monitoramento e o controle (alguns autores chamam de supervisão) das práticas dos jovens nas redes sociais são estratégias essenciais para prevenção do *cyberbullying* (ÀRSENE; RAYNAUD, 2014; BRUNETT *et al.*, 2013; BAILEY, 2013). A falta de ações específicas para o enfrentamento do *cyberbullying* pode repercutir na não eficiência ou nos resultados incipientes dessas ações.

O estudo de Wendt e Lisboa (2014) aponta que os jovens acreditam que os adultos não possuem manejo sobre o *cyberbullying*, todavia os autores defendem que o monitoramento parental representa um “fator protetivo”, que pode contribuir para um menor comportamento de risco para os jovens na internet. Wendt e Lisboa (2014) pontuam que a ênfase e a atenção da prevenção

---

<sup>7</sup>FRAGA, E. Uso de celular em sala de aula dobra efeito negativo nas notas, aponta estudo. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2018/09/uso-de-celular-em-sala-de-aula-dobra-efeito-negativo-nas-notas-aponta-estudo.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2019.

devem ser voltadas para a qualidade da relação entre pais e filhos, com coerência entre as práticas parentais utilizadas e a abertura para o diálogo e a negociação. Ressaltam ainda que o tempo gasto na internet prejudica a qualidade na convivência familiar.

Chisholm (2014) salientou a importância de se efetuar campanhas de conscientização para prevenção do *cyberbullying*, defendendo que profissionais de saúde que atuam nas escolas (como nos casos das equipes de saúde escolar) ou profissionais de instituições parceiras deveriam “capacitar” alunos e pais. Outros estudos apontam ainda a importância de capacitação para o desenvolvimento de habilidades emocionais, de modo que permita reduzir comportamentos impulsivos, agressivos, empoderando crianças e adolescentes a desenvolverem empatia e a controlar a raiva, pautados em técnicas de “auto-gestão emocional” ou resiliência (VON MARÉES; PETERSON, 2012). Suzuki *et al.* (2012) afirmam que os responsáveis precisam ser capacitados de forma reflexiva sobre os efeitos deletérios do *cyberbullying*, tanto por profissionais escolares quanto por profissionais de saúde.

A disseminação de informações é um tipo de prevenção sugerida tanto na literatura quanto nas legislações vigentes. Interessante refletir que a legislação representa uma ferramenta que visa o fortalecimento da conscientização, contribuindo para a prevenção, além de possuir caráter punitivo. A Lei nº 12.737/2012 (apelidada de Lei Carolina Dieckman), por exemplo, trata como crimes virtuais a invasão de computadores de terceiros ou redes, alterar ou furtrar dados e/ou ainda apagar informações e arquivos de dispositivos eletrônicos sem o consentimento do proprietário.

Cabe ressaltar que a recente Lei Brasileira de Intimidação Sistemática (Lei 13.185/2015) institui, no âmbito nacional, o Programa de Combate a Intimidação Sistemática (termo jurídico para o *Bullying* e que enquadra o *cyberbullying*). O programa determina, como sendo responsabilidade das escolas, o desenvolvimento de ações preventivas dessas práticas de violência. Entre as ações estão previstas:

- I - Prevenir e combater a prática da intimidação sistemática (***bullying***) em toda a sociedade;
- II - capacitar docentes e equipes pedagógicas para a implementação das ações de discussão, prevenção, orientação e solução do problema;

III - implementar e disseminar campanhas de educação, conscientização e informação;  
V - dar assistência psicológica, social e jurídica às vítimas e aos agressores;  
VI - integrar os meios de comunicação de massa como as escolas e a sociedade, como forma de identificação e conscientização do problema e forma de preveni-lo e combatê-lo;  
VII - promover a cidadania, a capacidade empática e o respeito a terceiros, nos marcos de uma cultura de paz e tolerância mútua;  
IX - promover medidas de conscientização, prevenção e combate a todos os tipos de violência, com ênfase nas práticas recorrentes de intimidação sistemática (*bullying*), ou constrangimento físico e psicológico, cometidas por alunos, professores e outros profissionais integrantes de escola e de comunidade escolar. (Art. 4. Parágrafos).  
(BRASIL, 2015)

Um fato a ser considerado é que a lei é muito recente, contudo a discussão sobre a temática se faz crescente, tendo como pano de fundo o aumento expressivo de casos de violência digital. Não é à toa que o Brasil ocupa o segundo lugar (atrás apenas da Índia) no ranking de países com maior incidência de casos de *cyberbullying* (IPSOS, 2018), aspecto que pode estar vinculado direta ou indiretamente à desigualdade social e ao racismo presentes na sociedade brasileira.

Um estudo português (CAETANO *et al.* 2017) considera importante trabalhar a capacidade das crianças, dos adolescentes e dos jovens se relacionarem com seus pares, a ter cooperação mútua e empatia nos diálogos, o que demonstra o quão importante é trabalhar princípios, como dignidade humana, respeito e igualdade no contexto escolar e familiar.

Ao longo da década 2010, estudos mostram que programas de prevenção e promoção de cultura de paz são relevantes. Cabe mencionar que esse movimento de cultura de paz promovido pela UNESCO foi iniciado no final da década de 1990, com o objetivo de prevenir situações de violência nas escolas, a partir da promoção de valores simbólicos, como a solidariedade, respeito mútuo, empatia, responsabilidade, entre outros (UNESCO, 2010).

Estratégias como essas vêm sendo consideradas como alternativas eficientes no enfrentamento ao *cyberbullying* (CASSIDY *et al.* 2012). Ao analisar programas de prevenção ao *cyberbullying*, Della Cioppa *et al.* (2015) identificaram que parte desses programas não transcendem o ambiente escolar,

o que pode justificar o motivo pelo qual poucos programas de prevenção conseguiram reduzir significativamente a vitimização nos casos de *cyberbullying*. É de suma importância considerar a interdisciplinaridade na perspectiva de interação entre diferentes áreas de conhecimento, como um ponto estratégico para ações mais assertivas e eficazes para a prevenção desse fenômeno.

#### 4. MATERIAIS E MÉTODO

O estudo parte da pesquisa “*Violência na comunicação digital: análise dos discursos e práticas disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetração de violências, cyber dating abuse e cyberbullying*”, que se baseia em uma triangulação metodológica e está calcada em métodos quantitativo e qualitativo (MINAYO; ASSIS; SOUZA, 2005), descritos mais adiante. O inquérito foi realizado em duas capitais brasileiras que apresentavam elevados índices de *bullying*. Toda a parte de *cyberbullying* já coletada na pesquisa original integra a presente tese de doutorado.

**A tese se organiza em formato de artigos científicos que abordam os seguintes temas:** (1) capítulo 5 – Sociabilidade digital, hipervisibilidade e o ataque a face chamado *cyberbullying*, artigo publicado na revista *Cadernos Zigmunt Bauman*, v. 10, n. 23, 2020; (2) capítulo 6 – *Cyberbullying among young Brazilians: the roles of victim, aggressor, and victim/agressor*, encaminhado para publicação na revista *Cadernos de Saúde Pública*; (3) capítulo 7 – *Cyberbullying and mental health: differences and similarities in victim, aggressor, and victim/aggressor among young Brazilians*, encaminhado para publicação na revista *Child Abuse & Neglect*; e (4) capítulo 8 – *Prevenção ao cyberbullying*, texto encaminhado como proposta de capítulo a ser incluído no livro “*Infâncias plurais e recortes transversais*”, da editora CRV.

O capítulo 5 apresenta reflexões teóricas sobre o tema produzidas ao longo do doutorado. Os capítulos 6 e 7 são frutos dos dados quantitativos, e o capítulo 8 apresenta informações qualitativas oriundas da pesquisa, com base nas informações obtidas em entrevistas com adolescentes. Toda a descrição metodológica mais detalhada se encontra nos respectivos artigos ou capítulos de resultados. Nesta seção, é apresentado apenas o contexto metodológico geral.

##### Contexto do estudo

Quanto à seleção das capitais do estudo, utilizou-se como critério dados de prevalência sobre a vitimização de *bullying*, segundo a Pesquisa Nacional de Saúde Escolar (PENSE, 2012), pressupondo-se que altas prevalências de *bullying* podem indicar práticas de *cyberbullying*. Assim, Campo Grande e Vitória

foram as capitais selecionadas por apresentarem elevados percentuais do fenômeno 7,9 e 6,8%, respectivamente. Além disso, levou-se em consideração o acesso à internet e o perfil socioeconômico.

Vitória é a capital do estado do Espírito Santo localizado na região Sudeste do Brasil. Estima-se que a população seja de um pouco mais de 211 mil habitantes, de acordo com o censo de 2010. Os dados da PENSE (2012) revelaram que Vitória (2.140 estudantes entrevistados) foi a capital brasileira com o maior percentual de estudantes que praticaram *bullying* (27,5%). Além disso, 8,1% dos estudantes foram humilhados sempre ou quase sempre por seus colegas. Na ocasião do estudo, Vitória foi considerada a capital da Região Sudeste que obteve o maior percentual (7,6%) de estudantes envolvidos em brigas com armas de fogo.

A cidade de Campo Grande fica localizada na região Centro-Oeste do Brasil e é a capital do estado do Mato Grosso do Sul, com uma população estimada em mais de 774 mil habitantes (IBGE, 2010). De acordo com o então Ministério de Direitos Humanos (atual Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos), foi o estado que mais realizou denúncias de violação de direitos humanos totalizando em 2.555 ligações de denúncias de violência contra crianças e adolescentes, LGBTs, pessoas com deficiências e idosas, além de denúncias envolvendo situações de vulnerabilidade sociais. Em 2017, houve registro de crescimento de 9% no número de denúncias de violação em direitos humanos.

### Abordagem quantitativa

A população de referência é composta por adolescentes estudantes do 2º ano do ensino médio das escolas públicas e particulares de Vitória (ES) e de Campo Grande (MS) no ano de 2018, com as seguintes características: (1) faixas etárias entre 15 e 19 anos de idade; (2) maior disponibilidade desse grupo etário em responder a temas considerados mais delicados; (3) por não estarem ainda no último ano, etapa em que as escolas têm mais dificuldade em liberar turmas para pesquisa. A opção por trabalhar com amostra de escolares decorre, principalmente, pelo acesso facilitado, uma vez que amostra domiciliar exigiria elevado custo financeiro.

O plano amostral define dois estratos em função da natureza da instituição (pública e particular). A amostra foi dimensionada para se obter estimativas de proporção, com precisão de 5%, nível de confiança de 95% e assumindo proporção (P) da ocorrência de vitimização de adolescentes igual a 20% (opção mais desfavorável, gerando a maior variância possível, e, conseqüentemente, maximizando o tamanho amostral). Em virtude de se desconhecer, na ocasião do cálculo do dimensionamento amostral, a variabilidade das características populacionais na clientela, adotou-se a amostragem pelas proporções de cada estrato. Ao se presumir uma amostra aleatória simples (AAS), o tamanho amostral pode ser definido por Cochran e Chambers (1965), como:

$$n = \frac{\frac{z^2 PQ}{d^2}}{1 + \frac{1}{N} \left( \frac{z^2 PQ}{d^2} - 1 \right)}, \text{ onde:}$$

$z = 1,96$ , é a abscissa da curva normal

$P$  = prevalência de sucessos

$Q = 1 - P$  = prevalência de fracassos

$d = 0,05$  = precisão da estimativa

$N$  = total populacional

Sabe-se que a execução de uma AAS eleva os custos e pode ser de difícil operacionalização. Assim, pode-se efetuar um segundo plano, considerando uma amostragem estratificada de unidades conglomeradas com múltiplos estágios de seleção. Contudo, a adoção dessa estratégia requer a inclusão de um efeito de desenho de pelo menos 2 (*deff*) a fim de manter o mesmo nível de precisão de uma AAS.

Assim, na presente pesquisa, utilizou-se uma amostragem conglomerada multiestágio, com seleção em três etapas: 1ª etapa – seleção do estrato (pública ou privada); 2ª etapa – escolha das escolas, com probabilidade de seleção proporcional a quantidade de alunos (PPT) da 2ª série; 3ª etapa – seleção aleatória de uma turma dentro da escola para a aplicação do questionário com todos os alunos.

O tamanho amostral estimado foi de 242 alunos em Campo Grande e 238 em Vitória, distribuídos pelos estratos de natureza da escola (pública e

particular), ao nível de 95% de confiança, erro relativo de 5% e prevalência de 20% para o *cyberbullying* e *deff* de 2.

A expansão da amostra foi utilizada com a finalidade de possibilitar que uma amostra de alunos de 2ª série do ensino médio dos municípios de Vitória e Campo Grande represente toda a população de mesmo segmento. Para tal, foram calculados os pesos de cada aluno selecionado para o estudo, segundo a alocação em cada uma das unidades de amostragem (escola e turma). Assim, todas as informações dos alunos são ponderadas de acordo com o peso amostral calculado, considerando todas as etapas de seleção, permitindo a análise das estimativas “expandidas” para toda a população de interesse (CARLINE-COTRIM; BARBOSA, 1993).

Para a seleção amostral das escolas e turmas, foi empregado o software R 3.6.1 e dos *packages* *ppls* e *sampling*. Na Tabela 1, estão detalhadas as informações sobre a amostragem realizada.

Tabela 1: Número de matrículas da 2ª série do ensino médio

<b>Estratos</b>	<b>População</b>	<b>Escolas</b>	<b>Turmas</b>	<b>Amostra calculada</b>	<b>Amostra final obtida</b>
<b>Campo Grande</b>					
Pública	10187	59	210	123	122
Privada	1665	30	54	119	123
<b>Total</b>	<b>11852</b>	<b>89</b>	<b>264</b>	<b>242</b>	<b>245</b>
<b>Vitória</b>					
Pública	3435	15	102	121	126
Privada	1160	20	39	117	159
<b>Total</b>	<b>4595</b>	<b>35</b>	<b>141</b>	<b>238</b>	<b>285</b>

A coleta de dados quantitativos foi realizada entre os meses de junho e julho de 2019 em cinco escolas públicas e cinco particulares das cidades selecionadas.

### *Instrumentos*

Foi elaborado um questionário fechado com questões, como: perfil de identificação do adolescente (sexo, idade, cor da pele, religião, pessoas com quem mora, irmãos, escolaridade dos pais, trabalho do adolescente e estrato social – Critério Brasil), relacionamento familiar e com pares, uso de substâncias, sofrimento psíquico (HARDING; ARANGO; BALTAZAR; CLIMENT; IBRAHIM, 1980), acesso à internet, *cyberbullying* (WENDT, 2012), dentre outras.

Como escala de referência para *cyberbullying*, tomou-se por base a *Revised Cyberbullying Inventory* – RCBI (TOPCU; ERDUR-BAKER, 2010), um instrumento composto por 14 itens que avaliam a frequência com que o respondente realizou ou sofreu determinadas formas de agressão *on-line* nos últimos seis meses em plataformas digitais. As questões são respondidas em uma escala de quatro pontos, que varia de *nunca* a *mais de três vezes*. Cada item deve ser respondido duas vezes, considerando a frequência dos eventos relacionados à cyber agressão (“Eu fiz isso”) e a cyber vitimização (“Isso aconteceu comigo”). O processo de validação dessa escala foi realizado em população turca, com idades que variam entre 13 e 21 anos, indicando alfas de Cronbach de 0,82 na subescala de cyber agressão e de 0,75 na escala de *ciber* vitimização (TOPCU; ERDUR-BAKER, 2010 *apud* MALLMAN; LISBOA; CALZA, 2018). Para esse estudo, foi utilizada a versão adaptada por Wendt (2012) para adolescentes, com alfa de Cronbach 0,75 para a escala de cyber agressão e 0,76 para a escala de cyber vitimização.

Levando em consideração as constantes atualizações no universo tecnológico, o aumento do acesso às diferentes plataformas digitais e às redes sociais da atualidade, fez-se necessário adaptar as redes sociais mencionadas na escala para as mais atuais, como: Instagram, *direct* do Instagram (mensagens privadas), e aplicativos de comunicação, como: WhatsApp, considerando que o instrumento de referência é datado de 2012.

A escala foi identificada como a mais adequada ao cenário nacional dentre outras escalas que aferem sobre o fenômeno, especialmente, por adaptação ao português brasileiro já realizada. As outras escalas existentes são: Cyber-agression perpetration – CAV-P – e Cyber-victimization – CAV-V (SHAPKA; MAGHSOUDI, 2017); Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* – ECVB (SOARES *et al.*, 2015); Escala de Comportamento de *Bullying* – ECB (MEDEIROS *et al.*, 2015); *Cyberbullying* victimization scale e *Cyberbullying*

offending scale (PATCHIN; HINDUJA, 2015), algumas delas são escalas de *bullying* adaptadas para *cyberbullying* (SOARES *et al.*, 2015; MEDEIROS *et al.*, 2015) ou então têm como alvo contextos diferentes como, por exemplo, entre jovens universitários.

Na tese, são priorizadas as variáveis raça/cor, sexo, orientação sexual, escola de origem, religião, estrutura familiar, perfil socioeconômico, suicídio, *bullying* e questões sobre a saúde mental, especialmente, a versão adaptada, traduzida e validada da escala *Self-Reporting Questionnaire* – SRQ-20 – que afere o sofrimento psíquico.

Esta última foi desenvolvida, originalmente, por Harding e colaboradores na década de 1980 para avaliar elementos relativos à saúde mental. Tornou-se um instrumento amplamente utilizado para suspeição diagnóstica dos transtornos mentais comuns (SANTOS; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2009).

#### Abordagem qualitativa

O recorte qualitativo deste estudo versa identificar a percepção dos entrevistados sobre *cyberbullying*; grupos vulneráveis; ações identificadas pelos adolescentes para apoiar a prevenção de violências digitais, para quem sofre e quem não sofre *cyberbullying*; o papel das famílias frente ao *cyberbullying* e sua prevenção; o papel da escola.

A metodologia qualitativa se baseia em perspectivas construtivas por auxiliar a exploração da realidade e o entendimento de fenômenos sociais, permitindo que as perspectivas teóricas sejam testadas e/ou analisadas na prática (MASSUKADO, 2008). Além disso, possui como característica “o compromisso de ver o mundo do ponto de vista do ator” e “sendo fundamentalmente interpretativo o que permite que o pesquisador conduza a interpretação dos dados” (BRYMAN, 1994; CRESWELL, 2003 *apud* MASSUKADO, 2008, p. 13).

A tese se apoia na realização de grupos focais com alunos de escolas públicas e privadas do 2º ano do ensino médio que participaram do estudo quantitativo. Os alunos que responderam o questionário foram convidados a participar do Grupo Focal ou puderam indicar algum amigo. No total, foram realizados quatro grupos focais nas cidades de Vitória (ES) e Campo Grande (MS), sendo que para cada cidade dois grupos em escolas públicas e dois em

escolas privadas, totalizando oito grupos focais para cada uma das cidades, e um total de 77 adolescentes.

As equipes que aplicaram os grupos focais antes da aplicação introduziram as seguintes questões: objetivos da pesquisa; motivos de escolhas da amostra; apresentação das regras de participação no grupo focal; papel do animador e relator do grupo focal.

As perguntas que compõem o questionário possuem questões relacionadas, por exemplo, com a compreensão dos adolescentes sobre o fenômeno e as estratégias de prevenção. Cabe salientar que o grupo focal foi gravado com o consentimento dos responsáveis e assentimento dos participantes e, posteriormente, a gravação de cada um dos grupos foi transcrita e a identidade dos envolvidos preservada.

Para Fragoso, Recuero e Amaral (2013, p. 167), o grupo focal é uma técnica que permite, “a partir de conversações, práticas e negociações simbólicas, decompor e desvendar padrões de comportamento social e cultural”. Forero (2007) aponta algumas etapas para a sua realização: (1) criação de protocolo para observação; (2) diário de campo; (3) se necessário, o registro também de imagens, áudios, entre outros materiais. Considera-se o uso dessa técnica por representar um recurso que visa compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (VEIGA; GONDIM, 2001 *apud* GODIM, 2003). Ainda segundo Godin (2003), nos pequenos grupos, tende-se a reproduzir o discurso ideológico das relações macrossociais. As falas relevantes foram destacadas, analisadas e fundamentam a reflexão do capítulo 8.

### **Aspectos éticos**

Ressaltamos que o inquérito sobre Violência Digital foi submetido ao Comitê de Ética – CEP da ENSP/Fiocruz, e obteve a aprovação cujo número de parecer é 1.726.867 e CAE 58943916.3.0000.5240.

A pesquisa desta tese seguiu os preceitos éticos da Resolução 466/12, nos quais os adolescentes envolvidos neste estudo receberam termo de assentimento que foi, previamente, assinado por seus responsáveis legais, que também assinaram o termo de consentimento livre esclarecido — em que receberam as devidas orientações sobre este estudo (em anexo).



## **CAPITULO 5 – SOCIABILIDADE DIGITAL, HIPERVISIBILIDADE E O ATAQUE A FACE CHAMADO CYBERBULLYING**

Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira<sup>1</sup>

Simone Gonçalves de Assis<sup>2</sup>

Joviana Quintes Avanci<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher pelo Instituto Fernandes Figueiras – IFF (FIOCRUZ). E-mail: taiza.as@gmail.com

<sup>2</sup>Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueiras – IFF (Fundação Oswaldo Cruz). E-mail: simonegassis@globo.com

<sup>3</sup>Professora do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Fernandes Figueiras – IFF (Fundação Oswaldo Cruz). E-mail: avanci@globo.com

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo refletir sobre o processo de expansão da cultura digital, apresentando algumas dinâmicas presentes nas interações digitais, em especial, a hipervisibilidade até o ponto nomeado por Recuero de “ataques a face”. Consideramos, neste estudo, o fenômeno cyberbullying como um tipo de violência que ocorre nas ambiências de redes de sociabilidades digitais e que podem causar danos sem precedentes à saúde psíquica de jovens. O estudo pretende iniciar uma reflexão sobre a relevância de pensar a violência que ocorre no contexto digital não como um fator isolado. Concluimos com este artigo que estar hiperconectado às redes sociais digitais é uma realidade presente na pós-modernidade, que pode potencializar práticas de cyberbullying dada a vulnerabilidade de crianças e adolescentes.

Palavras-chaves: Cyberbullying, Hipervisibilidade, Sociabilidade, Jovens, Saúde mental.

**ABSTRACT:** This article aims to reflect on the expansion process of digital culture, presenting some dynamics present in digital interactions, especially hypervisibility to the point named by Recuero of “attacks on the face”. In this study, we consider the phenomenon of cyberbullying as a type of violence that occurs in the environments of digital social networks and that can cause

unprecedented damage to the psychological health of young people. The study intends to start a reflection on the relevance of thinking about violence that occurs in the digital context, not as an isolated factor. We conclude with this article that being hyperconnected to digital social networks is a reality present in postmodernity that can potentiate cyberbullying practices given the vulnerability of children and adolescents.

Keywords: Cyberbullying, Hypervisibility, Sociability, Youth, Mental Health.

## **Introdução**

A comercialização da internet, a partir da década de 1980, adquiriu usos e costumes diferenciados (VIANA, 1995). Segundo Castells (2018), a internet, antes de ser mídia no sentido originário da palavra, é um meio para comunicação interativa. Pode-se afirmar que o mundo não é mais o mesmo depois da internet. Desde então, a internet estabelece formas peculiares de exercício da subjetividade ao possibilitar a “imersão” no universo on-line através do acesso e compartilhamento de informações. Oiwa (2010) vai dizer que, desde o surgimento das primeiras páginas da World Wide Web e da proliferação dos sites pessoais, as “performances dos sujeitos” têm sido pauta de estudos sobre interação mediadas por computadores. Ao lermos o termo “performance dos sujeitos”, imediatamente, fizemos um link com outro termo “a escrita de si” usado por Foucault (1999) para dizer que “a escrita constitui o próprio sujeito e que constrói a ideia de indivíduo”. Narrativa que apresenta um modo próprio de subjetivação, construção da identidade e representação do eu. As interações, em redes sociais digitais, contribuíram para uma nova cultura, a cultura digital. Levy (2010) nomeia essa forma de cultura como cibercultura, por representar um conjunto de artifícios materiais e intelectuais, de práticas, de costumes, de maneiras de pensamento e de valores desenvolvidos juntamente com a expansão do ciberespaço. Todavia, essa ideia de navegação on-line, ou seja, aquela ideia de “entrar na internet”, como se houvesse uma separação entre o real e o virtual, representa uma realidade mais concebível em tempos em que o acesso à rede mundial de computadores era feito por meio da internet discada.

Com o passar dos tempos, essa ideia vem caído em desuso por se acreditar que essas fronteiras on-line e off-line já não mais existem ou estariam misturadas. Para Rogers (2016), esse borramento das fronteiras tem relação com a extensão das interações face a face com as relações estabelecidas a todo tempo no cotidiano da sociedade, que utiliza algum dispositivo eletrônico com acesso à internet. Castells (2018) afirma que as fronteiras entre meios de comunicação de massa [a internet é um deles] e todas as outras formas de comunicação estão perdendo a nitidez [grifo do autor]. Em meio a uma sociedade pós-moderna, a inserção de dispositivos tecnológicos no cotidiano trouxe consigo novos significados para o que representa viver coletivamente. Entre as características está o que Lemos (2015) chama de hipervisibilidade, ou seja, a configuração dessa exposição e ampliação da visibilidade que os corpos e as vidas passam a ter a partir desses mecanismos eletrônicos de propagação de informação, imagens e vídeos.

Com isso, a cultura digital e o desenvolvimento de uma sociabilidade digital apresentam diferentes formas, e a violência é uma delas. E ela se apresenta em meio a essa cultura peculiar e nas relações digitais que se estabelecem nesse universo. Essa nova sociabilidade digital é mediada por diferentes dispositivos tecnológicos que permitem o envio e recebimento de mensagens de textos, áudios, imagens, fotos e vídeos para criação e manutenção de vínculos afetivos sociais e/ou profissionais. Ademais, o compartilhamento de conteúdo digital pode ser utilizado de maneira negativa, no intuito de expor de forma vexatória a imagem de um indivíduo. Tais ações, quando ocorridas através de redes sociais digitais, podem ser configuradas como “atos de ameaça à face”. Goffman, em 1967, no artigo “a elaboração da face”, traz a ideia da face como possuidora de um valor social positivo reclamado propriamente pelo indivíduo. Nesse sentido, as pessoas tenderiam a viver experiências emocionais que trazem impacto à face que lhe é apresentada em um contato com outras pessoas. Raquel Recuero (2012) apropria-se do conceito de “atos de ameaça a face” para falar da conversação nos sites de redes sociais, trazendo uma reflexão de que atos de ameaça a face podem ser danosos e levar a perda de capital sociais, silenciamento e rompimento das conexões que mantem as redes. Como exemplo, podemos citar as exclusões e os bloqueios de grupos e aplicativos de redes sociais digitais, como WhatsApp, Instagram, Facebook, entre outros. É

possível considerar que as ameaças a face representam formas de violência. A Organização Mundial da Saúde – OMS (2002) considera a violência como “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2002, p. 5).

A definição dada pela OMS associa intencionalidade com a realização do ato, independentemente do resultado produzido. De acordo com dados da pesquisa TIC KIDS ONLINE (2017) que mapeia possíveis riscos e oportunidades na internet, ao entrevistar crianças e adolescentes entre a faixa etária de 09 e 17 anos, o estudo revelou que cerca de 24% são pessoas do sexo feminino, sem destaque para a orientação sexual. Além disso, 30% dos adolescentes entre 15 e 17 anos foram tratados de forma ofensiva na internet nos últimos 12 meses. Entre os adolescentes de 11 a 14 anos, 11% foram excluídos ou bloqueados de algum grupo ou atividade digital. Tipos de violência como essas ocorridas entre pares descrevem algumas das dinâmicas presente no fenômeno chamado de cyberbullying. O cyberbullying pode ser considerado um ato de ameaça à face que pode ser concebido e difundido nas ambiências de sociabilidade digital como atos de violência simbólica, sistemática e psicológica. Diante disso, temos como objetivo: refletir sobre o processo de expansão da cultura digital, avaliando as interações digitais até o ponto nomeado por Recuero de “ataques a face”; apresentar o cyberbullying como um ato de ameaça a face que se manifesta nas redes sociais digitais; analisar algumas formas de interações que vão sendo moduladas através da cultura digital podem ser negativas se não vivenciadas de forma reflexiva e empática.

No que tange a metodologia, trata-se de um estudo descritivo (ANDRADE, 2007, p. 114) com abordagem qualitativa de caráter documental realizado por meio de revisão bibliográfica. Essa revisão bibliográfica foi realizada sem uma sistematização, utilizando como base bibliográficas artigos científicos, capítulos de livros, acessados previamente através de disciplinas do campo da comunicação social e referências bibliográficas disponibilizadas em um grupo de estudos sobre sociabilidade digital, além de dissertações e teses de doutorado. O que possibilitou refletir que a temática da comunicação digital, em um contexto de violência, é uma questão de saúde e carece de atenção para seus contornos.

## **Sociabilidade digital e ataques a face**

Desde que o mundo é mundo, os fenômenos midiáticos sempre fizeram parte das sociedades humanas e são uma característica universal de todas elas (VÉRON, 2014). Corroborando dessa ideia, Primo (2012) afirma que a mídia e a comunicação não são influências externas na cultura e sociedade, pois fazem parte delas. E, com o passar dos anos, cada vez mais pessoas tem utilizado o ambiente digital para estabelecer conexões, compartilhar interesses e publicizar espontaneamente seus corpos e vidas. Esse processo em que a sociedade passa a usar marcas e assume um ethos com base no que pretende postar para os outros, o que quer evidenciar. Maffesoli chama esse fenômeno de “ética da estética” (MAFFESOLI, 1987 citado por LEMOS, 2015).

Em conformidade a essa lógica, ao que Sibília (2008) chama de “imperativo de visibilidade”, verdadeiras performances são criadas atrás das telas. Primo *et al.* (2015), com base em Sibília, resumem que “aquilo que não é exposto e não entra em um campo de visibilidade, por não ser visto, corre o risco de não existir”. Logo, na ausência desse corpo, a presença de alguém só é percebida através de suas manifestações. Postar a imagem de um prato com uma comida apresentável, divulgar instantaneamente através de transmissões ao vivo (live) momentos de uma festa #aovivo, viagens #semfiltro, são algumas demarcações desse lugar de existência numa sociedade digital.

Bauman (2013) vai falar que o rompimento do anonimato é fruto de mudança da visão de mundo das pessoas sobre o que deve ser publicado e o que deve ser mantido no âmbito do privado. O privado tal qual ainda é possível compreender na contemporaneidade, no que tange a intimidade individual ou ainda quando experimentada no âmbito privado na presença de poucos era concebido de modo diferente. Na idade média, por exemplo, não existia nada de privado na vida cotidiana das pessoas. Essa tal intimidade individual foi adquirida somente a partir dos séculos XVI e XVII (AYRÉS; DUBY, 2009), ou seja, não existia o privado. Dados como a localização em tempo real podem ser compartilhados com pessoas, independentemente do tipo de laço que se possua com as pessoas que você tenha adicionado as suas redes sociais digitais.

Esse contexto de visibilidades e exposição nos leva a beber da fonte de Foucault para pensar no modelo de prisão panóptica pautado na arquitetura de Jeremy Bethlem, onde poucos vigiavam muitos, para refletir sobre um outro modelo de sociedade. Já na pós-modernidade, chamada por alguns de contemporaneidade, haveria uma descontinuidade da temporalidade e os compartilhamentos seriam prioritários (os status das plataformas de redes sociais digitais, como Facebook, Snapchat, Instagram e WhatsApp revelam essa ideia). Em tempos de pós-modernidade, Bruno (2015) nomeia como Palinóptico o que representa a exposição da subjetividade, lugar onde a verdade é representada por aquilo que é aparente, onde todos vigiam todos. Nesse lugar onde todos vigiam todos e a todo momento, conteúdos são compartilhamentos, percebemos que essa hipervisibilidade pode favorecer a vulnerabilidade digital e conseqüentemente contribuir para que uma pessoa se torne alvo de uma violência digital. Apesar disso, cada vez mais são feitos investimentos nessas plataformas de redes sociais digitais, através da manutenção e da criação de novas conexões, busca-se a construção de perfis em busca de benefícios e que resultam em valores simbólicos, como status social, parcerias de negócios, visibilidade, rentabilidade financeira... (RECUERO, 2012) (1).

É bem verdade que, com as plataformas de redes sociais digitais, foi possível se estabelecer conexões com pessoas que possuímos relações de profundidade e pessoas que acabamos de conhecer pessoalmente ou ainda aqueles com quem nunca tivemos uma aproximação física, todavia se comunga de um interesse comum ou por alguma relação de proximidade com alguém que conhecemos (mesmo que apenas digitalmente). Recuero (2016) fala da importância das conexões pontes, ou seja, os laços fracos no processo de circulação de informações entre determinados grupos sociais. O que poderia favorecer a ampliação das conexões e uma mudança nos padrões de conectividade. Essas conexões com pessoas desconhecidas ou pouco conhecidas resultariam numa hiperconexão de redes ou redes mais conectadas. Elison, Steinfield e Lampe (2007) afirmam que a internet forma mais laços fracos. O termo cunhado pelo sociólogo Mark Granovetter vai descrever que, ao mesmo tempo que os laços fracos são privados de informações, eles são necessários para uma suposta integração dos indivíduos em sociedade e os sistemas sociais

carentes de “Laços Fracos” seriam fragmentados e incoerentes (KAUFMAN, 2012).

Cabe salientar que, no cotidiano de uma sociedade hiperconectada, esse pouco conhecido é muito relativo, uma vez que é possível conhecer mais sobre uma pessoa com apenas alguns clicks e minutos de acesso a um buscador ou plataforma de redes sociais digitais — mesmo não tendo contato físico com o indivíduo. Destacamos que as relações sociais que se estabelecem nessas redes não são necessariamente de verdade, mas simulações, por vezes, são conexões feitas com a intenção de alcance de uma maior visibilidade. Quanto mais conexões se alcança, uma audiência aumentada é construída com base nessa popularidade e visibilidade (MAIA; BRAGA, 2017). Assim, percebe-se que nenhuma conexão é feita sem intencionalidade nessas associações em rede.

Recuero (2012) (1) aponta que os usuários se adicionavam uns aos outros, buscando maximizar “o prestígio social” gerado pela percepção dos demais. Ou seja, a ferramenta passa a ser usada como uma forma de maximizar o acesso aos valores sociais, influenciando percepção e construção de capital social. Cada vez mais, os indivíduos buscam por aceitação/aprovação a partir do conteúdo que é postado em uma plataforma de rede social. As conversações em redes podem promover a manutenção da face, uma vez que “a face” possui valores sociais positivos que são gerados através de interações com outros sujeitos. A representação do papel social só seria sustentada pelo contexto e pela face apresentada, e as interações, por meio de conversações sejam elas por símbolos, textos, emoticons, seriam utilizadas para construir e legitimar a face (RECUERO, 2016).

Em meio a essas interações, o capital social simbólico de um indivíduo é construído. Recuero (2016) destaca a definição de Coleman (1988) para Capital Social, que seriam aqueles recursos que são definidos pela sua função para os atores e que podem ser apropriados por eles (sejam grupos ou indivíduos). Constitui-se do investimento dos atores num determinado grupo, contribuindo para a construção de redes sociais mais complexas e diferenciadas (COLEMAN *apud* RECUERO, 2016). O que se percebe nessa lógica é que, cada vez mais, as redes permitem outras possibilidades de capital social. Pessoas que, possivelmente, não se conheçam presencialmente podem ter acesso a perfis de outras pessoas com base em uma hashtag em fotos, a partir de determinada

postagem com conteúdo de seu interesse ou afinidade, permitindo conexões pontes (laços fracos). Tudo isso em curto tempo, porém contribuindo para um aumento da “reputação” ou imagem veiculada a partir de valores associados. Do mesmo modo que facilmente as vinculações são estabelecidas em rede digital, elas são desfeitas por uma simples discordância. O rompimento das relações se tornaram ainda mais sensíveis em tempos de polarização de interesses e se encontram acentuadas por causa dos algoritmos que regem os interesses demarcados digitalmente. Segundo Martino (2015), as relações sociais mantidas na rede digital devem ser consideradas “por seu turno, conexões são criadas, mantidas e/ou abandonadas a qualquer instante, sem maiores problemas”.

### **Cyberbullying – ataque à face no âmbito digital**

O significado da palavra compartilhar passou a ter um novo significado a partir da experiência no uso das plataformas de relacionamentos digitais, como no caso do Facebook. Ao refletir sobre as diversas formas de interações sociais no cotidiano das plataformas de redes sociais digitais, bem como nas constantes transformações na experiência dos usuários, deparamo-nos com as recentes formas de disseminação de violência digital, dentre elas o cyberbullying. Entendemos que esse fenômeno se constitui como um subtipo de violência sistemática entre pares, que se manifesta nas ambiências das redes virtuais de sociabilidades digitais, por meio de atos de violência psicológica e causa implicações para a saúde psíquica de crianças e adolescentes. Pode ocorrer sem um espaço circunscrito e demarcado fisicamente (ANDRADE, 2007). Apesar da falta de consenso na literatura internacional sobre o que é o cyberbullying, alguns estudos consideram que este representa um tipo de bullying que ocorre no contexto digital. Segundo o estudo de revisão de Aboujaoude *et al.* (2015), são diversas designações para o cyberbullying, entre elas: cyberstalking, agressão on-line, assédio cibernético, assédio na Internet, bullying na Internet e vitimização cibernética ou cyber vitimização. A hostilidade do ato de violência e a intencionalidade de gerar sofrimento demarcariam a definição de cyberbullying.

Smith (2015) afirma que é recorrente assumir a definição de bullying para identificar o que seria o cyberbullying, por descrever de forma generalizada o que representa o fenômeno. Com relação aos personagens envolvidos, são representados pelo perpetrador, pelo que sofre a violência e pelos expectadores. Esses últimos podem ser agentes passivos diante do ato ou fortalecem o ato de violência ao compartilhar, curtir e/ou comentar conteúdos ofensivo sobre um par. No caso dos que sofrem cyberbullying, costumam ser representadas por pessoas que fogem de determinados padrões estéticos impostos pela sociedade e/ou determinado grupo, seja por cor de pele, religião, característica físicas ou perfil sócioeconômico. Os que praticam o cyberbullying podem apresentar motivos reativos, como vingança, retaliação de agressão e motivos de diversão, como brincadeira e fuga ao tédio (CAETANO, 2017, p. 1031). Ratificando o estudo anterior, Sanders, Smith e Cillessen (2011 *apud* CAETANO *et al.* 2017) apontaram a inveja, os problemas de aceitação pelos pares e também a vingança como algumas características dos perpetradores. Enfatizamos que, em alguns momentos, a vítima pode vir a se tornar um potencial perpetrador do cyberbullying e vice-versa. As revisões de Allisoon e Bussey (2016) e Desmet *et al.* (2016) apontam que os expectadores têm papel relevante na manutenção da violência e divulgação dos conteúdos ofensivos de cyberbullying.

Entre as múltiplas formas de praticar cyberbullying, apelidar alguém, invadir a conta alheia para envio de mensagens em nome do proprietário da conta, discussões calorosas, sexting (compartilhamento sem o consentimento de imagens de conteúdo íntimo que pertence a outrem), trollar (zombar, humilhar de alguma situação), bloqueio ou exclusão intencional de grupos, jogos ou rede sociais (CHISHOLM, 2014; BAILEY, 2013). Percebemos que o gênero e o recorte étnico, no contexto do cyberbullying, são questões relevantes e devem ser consideradas, todavia, parte dos estudos descrevem os personagens vítima-agressor como meninas e meninos sem considerar as individualidades e orientação sexual. O que nos leva a entender que a questão da orientação sexual dos adolescentes é omitida ou invisibilizada (N.N).

Ataques de cyberbullying trazem impactos significativos e sem precedentes à saúde dos envolvidos. A literatura aponta fatores associados a depressão, insônia, queda no rendimento escolar, ideação suicida, estresse, automutilação, ansiedade e suicídio (GINI, 2014). Considerando o alcance exponencial dos

conteúdos compartilhados digitalmente e baixados (downloads) para os dispositivos eletrônicos nos permite afirmar que os impactos do cyberbullying podem ser muito mais danosos do que os efeitos do bullying face a face. Ademais, a hipervisibilidade propiciada com o uso prolongado de redes sociais digitais pode representar um fator de risco a saúde dos jovens que vivenciam o cyberbullying, além de evidenciar suas vulnerabilidades. Interagir digitalmente apresenta riscos com base nessas possíveis ameaças resultantes das interações. Claro que não podemos generalizar, afirmando que toda interação promove riscos. Contudo, a face é colocada em risco quando as regras de interações são burladas (mensagens ofensivas, por exemplo), a superexposição pode, inclusive, potencializar a ameaça a face. Com base em Recuero (2016), entendemos que todo o ataque a face no espaço de mediação digital deslegitima os participantes da conversação.

Os trollings (comentários abusivos) nas conversações, por exemplo, podem acontecer como um tipo de ameaça a face, mesmo quando a ação de trolling supostamente não possui intencionalidade. Contudo, postagens com conteúdo humorístico, no caso dos Memes (imagens, vídeos, gifs com teor humorístico que se espalha 'viraliza' na internet) ou gifs (imagens animadas), podem trazer um novo significado a um ato iniciado como uma agressão. Recuero (2016) chama atenção para a forma como o humor tende a mascarar certos discursos de ódio e ofensa nas redes sociais contra um determinado indivíduo ou segmento populacional.

O que pode repercutir num processo de naturalização/banalização da violência, além de potencializar o sofrimento da vítima, que passa a ser alvo de chacotas. Entendemos que haveriam linhas muito tênues entre a chacota, a naturalização/banalização da violência e o processo de revitimização. Nesse sentido, os Memes podem representar uma potente arma de revitimização. Atos de cyberbullying podem ser mascarados com tais conteúdos de humor e, ainda assim, representar uma ofensa. Reconhecer que o cyberbullying é um ataque a face, uma vez que fere a honra e a dignidade de um indivíduo, é de extrema relevância e vai muito além de um reconhecimento, devendo ser encaminhado não só a instância da denúncia, mas da reflexão e interrupção do ciclo. Todos são responsáveis por aquilo que postam no ambiente digital. Porém, em alguns casos, o ataque a face ocorre de modo anônimo, mascarado por um perfil falso

ou hackeado. Isso reforça a importância dos mecanismos de vigilância, segurança na internet, a promoção da empatia, respeito e positividade nos diálogos na internet.

## **Conclusão**

Concebemos que os efeitos positivos do uso dos dispositivos eletrônicos são uma realidade, todavia é importante destacar que os efeitos negativos podem ser devastadores e de repercussões a longo prazo na saúde dos envolvidos. Pensar a educação digital como uma potência para que as interações sociais digitais sejam com base em uma cultura de paz, empatia, sororidade e respeito. Entendendo que ao compartilhar um conteúdo ofensivo contribui para a manutenção de um ciclo de violência e que o adoecimento se instaure na vida de um indivíduo. Compreendemos a importância de abordar as dinâmicas sociais digitais que antecedem os ataques a face configurados pelo cyberbullying. Não tivemos a pretensão de trazer respostas para as questões abordadas neste estudo, contudo buscamos provocar uma reflexão sobre a importância de refletir que a violência se apresenta nas ambiências de sociabilidades digitais não como um fator isolado. Entendemos que a hiperconexão é uma realidade cotidiana que pode potencializar práticas cyberbullying dada a vulnerabilidade de crianças e adolescentes. Refletir que a sociabilidade digital e o uso das novas tecnologias faz parte da vida dos nativos digitais. O que torna quase que impossível desconsiderar a cultura digital, as formas de interação da realidade dos jovens. Não podemos desconsiderar a importância das interações presenciais.

Almejamos que outros estudos busquem correlacionar a sociabilidade digital com os atos de violência digital. Nossa intenção foi abordar de modo breve a questão do cyberbullying como um ataque a face num contexto de interações digitais.

## **REFERÊNCIAS**

ABOUJAOUDE, E. *et al.* Cyberbullying: review of an old problem gone viral. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 57, p. 10-18, July 2015.

ALLISON, K. R.; BUSSEY, K. Cyber-bystanding in context: a review of the literature on witnesses responses to cyberbullying. **Children and Youth Services Review**, [s. l.], v. 65, p. 183-194, June 2016.

ANDRADE, M. M. de. **Introdução a metodologia do trabalho científico**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

AYRÉS, P.; DUBY, G. **História da vida privada** – do império ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAILEY, G. Cyberbullying: victimization through electronic means. **Current Issues in Middle Level Education**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 1-7, 2013.

BAUMAN, Z. **Cegueira moral**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BRUNO F. **Modos de ver, modos de ser, vigilância tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. Coleção Cibercultura.

CAETANO, A. P.; AMADO, J.; MARTINS, M. J. D.; SIMÃO, A. M. V.; FREIRE, I.; PESSÔA, M. T. R. Cyberbullying: motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 141, p. 1017-1034, out./dez. 2017.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

CHISHOLM, J. Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. **Journal of Information Systems Education**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 77-87, 2014.

DESMET, A. *et al.* Bridging behavior science and gaming theory: using the Intervention Mapping Protocol to design a serious game against cyberbullying. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 56, p. 337-351, Mar. 2016.

ELLISON, N. B., STEINFIELD, C., E LAMPE, C. The benefits of Facebook “friends”: social capital and college students’ use of online social network sites. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [s. l.], v. 12, n. 4, p. 1143-1168, July 2007.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

GINI, G. E.; ESPELAGE, D. L. Peer Victimization, Cyberbullying, and Suicide Risk in Children and Adolescents. **JAMA**, [s. l.], v. 312, n. 5, 2014; 545-5.

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. **Galáxia**, São Paulo, n. 23, Jun. 2012.

LEVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MAIA, J. DE O.; BRAGA, D. B. Popularidade e visibilidade em redes sociais online: negociação de capitais sociais em meio digital para ampliação de audiência. **Signótica**, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 354-376, jul./dez. 2017.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

LEMOS, A. **Cibercultura**. Tecnologia e vida social da cultura contemporânea. 15. ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OIKAWA, E. Dinâmicas relacionais contemporâneas: visibilidade, performances e interações nas redes sociais da internet. *In*: Primo, A. **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE – OMS. **Relatório Mundial sobre violência e Saúde**. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-148>. Acesso em: 20 nov. 2019.

PRIMO, A. *et al.* Comunicação privada na internet: da invenção do particular na Idade Média à hiperexposição na rede. **Intexto**, Porto Alegre, n. 34, p. 513-534, set./dez. 2015.

PRIMO, A. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, [s. l.], v. 10, n. 3, p. 618-641, set./dez. 2012.

RECUERO, R. **Atos de ameaça à face e a conversação em redes sociais digitais na internet**. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2019.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, [s. l.], v. 10, n. 3, p.597-617, set./dez. 2012.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2016.

ROGERS, R. O fim do virtual: os métodos digitais. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 10, n. 3, p. 1-34, dez. 2016.

SIBÍLIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SMITH, P. The nature of cyberbullying and what we can do about it. **Journal of Research in Special Educational Needs**, v. 15, n. 3, p. 176-184, 2015. Doi: 10.1111/1471-3802.12114.

TIC Kids online. TIC Kid online Brasil 2017. Disponível em: <https://cetic.br/tics/kidsonline/2017/criancas/G3/>. Acesso em: 30 jun. 2019.

VAN DIJCK, J. **La cultura de la conectividade**: uma crítica de las redes sociales. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2016.

VÉRON, E. Teoria da mediação: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.

VIANA, C. E. **O lúdico e a aprendizagem na cibercultura**: jogos digitais e internet no cotidiano infantil. 2005. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

**CAPÍTULO 6 – CYBERBULLYING AMONG YOUNG BRAZILIANS: THE ROLES OF VICTIM, AGGRESSOR, AND VICTIM/AGGRESSOR** (artigo submetido aos Cadernos de Saúde Pública)

Ferreira, T. R. S.C.<sup>1</sup>, Avanci, J. Q.<sup>1,2</sup>, Pinto, L. W.<sup>2</sup>, Njaine, K.<sup>2</sup>, Assis S. G.<sup>1,2,3</sup>

**ABSTRACT**

This study aims to investigate *cyberbullying* roles similarities and differences in young Brazilians: victim, aggressor, victim-aggressor, and no involvement. The cross-sectional study is based on a multi-stage cluster sampling with adolescents in the 2nd year of high school from public and private schools in two Brazilian capitals, totaling 528 adolescents. The Revised *Cyberbullying* Inventory Scale was applied. Descriptive analysis, followed by correspondence analysis and multinomial regression, were realized. Correspondence analysis distinguishes eight groups, mainly: cyber aggressors (black male teenagers, moderate internet use, living with stepmother/stepfather, little or no family violence, humiliation at school); cyber victims/aggressors (white female teenagers, live with parents/recomposed family, varied internet access, no threats/ contact with weapons in the school and community and no conflicts with peers); cyber victims (no item associated); and those who do not suffer *cyberbullying* (no item associated). Multinomial regression showed that living with only one parent, being called stupid in the family, and humiliations at school are associated with cyber aggressors and cyber victims/aggressors. Hanging out with people carrying knives at school is associated exclusively with cyber aggressors. Having high internet access and suffering school threats is related to cyber victims/aggressors. Only humiliations at school seem to be associated with the cyber victims. Further investigation must target the roles of *cyberbullying*, reflecting their vulnerabilities, naturalization and dissemination of *cyberbullying* to support reflection on prevention goals.

Key-words: *cyberbullying*, adolescent, public health, violence, digital violence

## Introduction

*Cyberbullying* is a public health phenomenon bringing unprecedented consequences on mental and physical health<sup>1,2,3,4</sup>. There are various conceptions of *cyberbullying*<sup>5,6,7</sup>. It can be considered psychological violence among peers in the environment of digital sociability intended to degrade, humiliate, exclude, offend and threaten. Some authors characterize this violence as intentional and repeated harm inflicted through the use of computers, cell phones, and other electronic devices<sup>8,9</sup>. *Cyberbullying* is interpreted as virtual or digital *bullying* since some studies start from *bullying* to identify and classify the phenomenon<sup>5,10,11,12</sup>. Frequently, *bullying* and *cyberbullying* overlap and correlate among adolescents, mainly in schools and adolescent settings. Some consider *cyberbullying* a new form of virtual *bullying*, considering it an act of aggression with direct and indirect practices that change quickly<sup>13,14,15,16</sup>. Despite having similarities with *bullying*, *cyberbullying* is considered intentional and repetitive violence among peers committed in digital media<sup>12,17</sup>. Significant differences make this a unique phenomenon, such as the exponential increase in audience and the possibility of anonymity.

Another specific aspect of *cyberbullying* or other types of digital violence is that even an old post can trigger re-victimization due to the loss of control of the content posted on the internet, the various forms of manifestation, and the modification of these practices according to technological advancement. The sharing of videos, audio and text messages through instant messaging applications favors *cyberbullying* practices such as namecalling, spreading gossip, flaming, threats, fake names or profiles, sexting, memes, posting or sharing images and videos containing someone else's intimate experiences without their consent<sup>18</sup>.

Concerning the actors of *cyberbullying*, they are usually identified as cyber victims, cyber aggressors, and spectators. Smith<sup>19</sup> considered a complex variety of bystander roles since the dimension of the potential audience is increased and challenging to escape from in the context of digital violence. Overlapping roles are evident in the involvement in abusive actions by perpetrators and victims<sup>15,19,21,22</sup>. A cyber aggressor can be a cyber victim at the same time. There is significant representativeness among adolescents who assume both roles. A

Spanish study<sup>23</sup> found that in students aged between 11 and 18, the prevalence of *cyberbullying* is 19.5% of cyber victims, 16.7% including cyberbullies/victims, and 5.8% of cyberbullies.

Brazil is considered the second country globally with the most cases of *cyberbullying*<sup>24</sup>. In a study with Brazilian students aged between 11 and 19, 22% of participants claimed to have suffered *cyberbullying* at least once; approximately 14.1% reported exclusion from groups or other online interactions up to three times. The use of non-consented images is a recurring type of *cyberbullying* in schools, and 14.1% of students had photos and videos of them shared without their consent<sup>25</sup>. Data from the Tic Kids online Brazil survey<sup>26</sup> with adolescents who experience abusive situations on the internet revealed that adolescents aged between 15 and 17 (37%) stated that they had been treated offensively on the internet, in higher proportions than younger adolescents (13-14 years, 31%).

Several individual and social factors are related to the occurrence of *cyberbullying*. Race, gender, and socioeconomic issues are relevant to studies on *cyberbullying*. There are possible links between *cyberbullying* behaviors and specific ethnic groups, highlighting the importance of analyzing population profiles of people who use ICTs (Information and Communication Technologies), acknowledging a shortage of studies exploring race<sup>27</sup>. Powell et al.<sup>28</sup>, investigating the gender cut-off and experiences of digital harassment and abuse, identified that LGBTQIA+ people had a higher number of experiences of digital abuse than heterosexual, cisgender individuals.

Low-income family relationships, non-open communication, and family conflict are risk factors for involvement in cyber-aggression; they may predict involvement in *bullying* situations such as cyberbully-victim<sup>29</sup>. Parents' divorce and separation, low family income, mother's low level of education, and father's unemployment were all associated with *cyberbullying* victimization. Prolonged internet use and community violence are also associated with *cyberbullying* experiences<sup>30, 31</sup>

This study investigated the profile, similarities, and differences among the roles of *cyberbullying* (victimization, perpetration, victimization and perpetration, and no involvement) among adolescents according to socio-economic-demographic variables, internet use, and family, school, and community contexts.

## Methods

### *Study Population*

This cross-sectional study involved a representative sample of high school students from public and private schools in two Brazilian capitals, Vitória, a city in the Southeast with 365.855 inhabitants, and Campo Grande, in the Midwest region, with 906.092 inhabitants in 2020, according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics<sup>32</sup>. According to the National School Health Survey, data on the prevalence of *bullying* victimization was used as selection criteria for capital cities, assuming that a high prevalence of *bullying* may indicate *cyberbullying* practices<sup>33</sup>. Vitória and Campo Grande were capitals with high percentages of the phenomenon: 7.9% and 6.8%, respectively. Also, the selection criteria considered greater access to the internet and the geographic aspect.

A multistage cluster sampling was employed, and the sample size was dimensioned to obtain proportion estimates, with an accuracy of 5%, a 95% confidence level, and assuming a proportion (P) of the occurrence of adolescent *cyberbullying* victimization equal to 20%. The stages of the sample selection process involved: 1st stage - selection of the stratum (public or private school); 2<sup>nd</sup> stage - choice of schools, with the probability of selection proportional to the number of students (PPT) of the 2<sup>nd</sup> years of high school; 3<sup>rd</sup> stage - random selection of a classroom within the school to apply the questionnaire to all students. The software R 3.6.1 (pps and sampling packages) was used for the sample selection of schools and classes. The estimated sample was 480 students (242 in Campo Grande and 238 in Vitória), and 530 participated in the study (245 and 285, respectively in the city): 57.3% female and 42.7% male; 70.8% aging between 13-16 and 29.2% aging between 17-19; 61.6% A/B and 38.4% C/D/E social stratum; and 41.6% with white skin color/race, 55.3% black/brown and 3.0 yellow/indigenous.

The study was approved by the Research Ethics Committee of Sergio Arouca National School of Public Health, Fundação Oswaldo Cruz (CAAE: 58943916.3.0000.5240).

## Measures

The Revised *Cyberbullying* Inventory scale –RCBI<sup>34</sup> assesses *cyberbullying*. It consists of 14 questions with scores ranging from 0 to 3 points, which assess the respondent's frequency about how they performed or suffered forms of aggression on online digital platforms in the last six months. The final score ranges from 0 to 42 points and indicates the degree of involvement with the phenomenon. The questions are answered on a Likert scale, ranging from never to more than three times. Each item must be answered twice, considering the frequency of events related to cyber aggression ("I did this") and cyber victimization ("It happened to me"). This version was adapted and translated for the Brazilian population by Wendt<sup>35</sup>, presenting a Cronbach's alpha of 0.75 for the cyber aggression scale and 0.76 for the cyber victimization scale. The version adapted to Portuguese by Wendt<sup>35</sup> is from 2012. Taking into account the constant updates in the technological universe, the increased access to the different digital platforms, and the current social networks, we made adaptations in the social networks mentioned in the scale in order to update them and include Instagram, Instagram direct (private messages) and communication apps such as WhatsApp. Cronbach's alpha in the sample used in the article is 0.727 to aggressor subscale and 0.825 to victim subscale.

Variables analyzed in this study:

*Sociodemographic profile*: sex (male, female), age, skin color or race (white, black/brown, indigenous/yellow skin - characteristic of Asian people), family structure (living with father and mother, father/stepmother or mother/stepfather, with only one parent), sexual orientation (heterosexual, homosexual, bisexual), and social stratum of the family, estimated according to family's assets and the head of family's schooling (scored as A/B - upper social strata, and C/D/E - medium and lower social strata)<sup>36</sup>;

*Internet use and social networks of the adolescents*: number of hours of internet access (no internet access/up to 1 hour/day, 2-3 hour/day, 4 or more hours/day), and private parts published on the internet: (yes or no);

*Family variables:* family supervision (parents decide/agree that adolescent does not go out alone or comes back whenever he/she wants); people in the family called the adolescent stupid, lazy, or ugly things (never/few/sometimes or often/always); adolescent got hit with a belt, stick, rope or other things that hurt (never/few/sometimes or often/always); someone in the family tried to or touched the adolescent sexually(never/few/sometimes or often/always); parents fight a lot with each other humiliating each other (rarely/never or often/always);

*Friends, school, and community variables:* conflicts resolution with colleagues through namecalling (rarely/never or often/always); threats at schools (no/yes); humiliations at school (no/yes); walked/lived with people who carry knives at school (no/yes); walked/lived with people who carry firearms at school (no/yes); threats in the community (no/yes); humiliation in the community (no/yes); walked/lived with people who carry bladed weapons in the community (no/yes); walked/lived with people who carry firearms in the community (no/yes). Violence at school and in the community was assessed using the scale used by the United Nations in research on self-reported violations (Self-Reported Offenses)<sup>37</sup>. It consists of eight dichotomous questions about being humiliated, threatened, assaulted to the point of needing medical care, having objects damaged on purpose, living with people carrying bladed weapons or firearms, and being the victim of theft or robbery. A positive item characterizes the child/adolescent as a victim.

### *Data analysis*

Initially, a descriptive association analysis was realized between the outcome (*cyberbullying* aggressor, victim, victim/aggressor, and no involvement) and sociodemographic characteristics, internet use, and the adolescent's relationships with family, friends, and community by Pearson's chi-square test with second-order Rao-Scott correction to incorporate the sample design. Next, correspondence analysis explores the reciprocal relationships between outcome and explanatory variables, including variables associated with *cyberbullying* p-values less than 0.25. The analyzes were performed using the SPSS24 software. Multiple correspondence analysis (MCA) is a multivariate exploratory technique that enables the analyses of geometric relationships of the intersection of

qualitative variables. These relationships are presented employing graphs where the distances between the row and column categories of the contingency table inform the association, with shorter distances indicating solid associations between the categories under analysis. This analysis strategy is presented through a dendrogram-type graph<sup>38</sup>. The MCA was done in R packages (*foreign*, *ca*, and *cluster*). The main objective was to define the standard of *cyberbullying* roles to sociodemographic profiles, internet use, relationships with family, friends, school, and community. The advantage of MCA is that it does not make any prior assumptions about data distribution. It is helpful in the exploratory study of risk factors and identifying groups with the same predisposing factors. The multivariate nature of the technique allows the assessment of sample groupings according to dimensions. It also enables the evaluation of the type of problem being studied, not allowing assumptions about the distribution of data and investigating non-linear trends.

Also, multinomial logistic regression was performed with all studied variables to explain *cyberbullying* roles (no cyber, cyber-victim, cyber aggressor, and cyber victim-aggressor)<sup>39</sup>. Simple models were adjusted separately between the outcome and each variable; the crude odds ratio (OR) and its confidence interval were presented. Data analysis was performed in the R packages *survey*, *tableone* and *svyVGAM*. All analysis was performed in an expanded sample.

## Results

Table 1 shows the sociodemographic characteristics of the adolescents, internet use, relationships with family, friends, at school, and in the community according to the roles of *cyberbullying*. The majority of the investigated variables were not associated with different roles of *cyberbullying*: aggressor, victim, victim/aggressor, and no involvement. The increased length of time online (4 or more hours a day) shows that those hyperconnected were more prevalent as cyber victims and cyber victims/aggressors ( $p=.011$ ). Otherwise, those who spent little time online (1 and 2-3 hours/day online) revealed no more cyber behavior (Table 1).

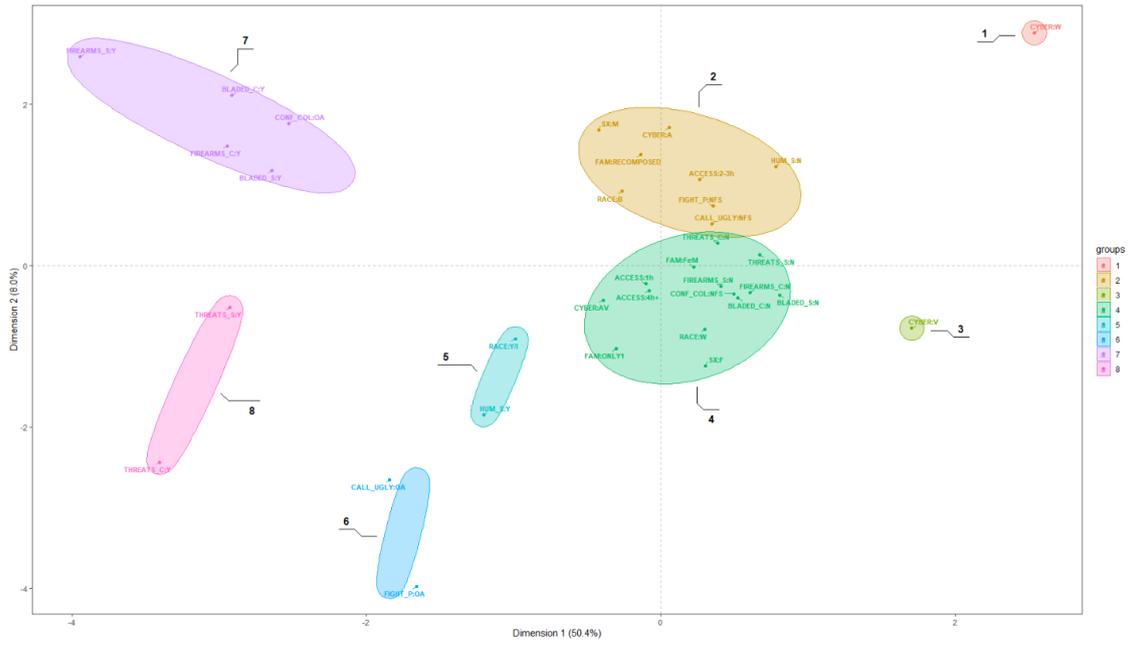
**Table 1.** Sociodemographic profile, internet use, relationships with family, friends, at school, and in the community among adolescents according to the roles of cyberbullying (%).

	Variable	Total	No cyber	Cyber aggressor	Cyber victim	Cyber victim/ aggressor	p-value
Sociodemographic profile	<b>Sex</b>						.921
	Female	57.3	58.9	53.0	56.2	57.9	
	Male	42.7	41.1	47.0	43.8	42.1	
	<b>Age group</b>						.635
	13-16	70.8	66.1	68.8	66.9	72.1	
	17-19	29.2	33.9	31.2	33.1	27.9	
	<b>Social stratum</b>						.297
	A+B	61.6	49.6	52.9	59.3	64.3	
	C+D+E	38.4	50.4	47.1	40.7	35.7	
	<b>Skin color or race</b>						.614
	White	41.6	35.6	31.7	48.3	43.3	
	Black/brown	55.3	63.8	64.9	46.8	5.6	
	Yellow/indigenous	3.0	.7	3.4	4.9	3.1	
<b>Sexual orientation</b>						.431	
Heterosexual	77.3	94.2	76.8	69.5	76.0		
Homosexual	4.1	-	3.8	7.1	4.4		
Bisexual	18.6	5.8	19.5	23.4	19.5		
<b>Family structure</b>						.058	
Father and mother	57.3	66.4	34.5	66.3	58.4		
Father/Stepmother or Mother/Stepfather	15.7	23.0	16.6	10.7	14.9		
Only one parent	27.1	10.5	49.0	23.1	26.7		
Internet use	<b>Internet access in hours</b>						.011
	No internet access/up to 1 hour/day	4.6	13.5	11.3	4.9	2.4	
	2-3 hours/day	21.1	34.9	24.6	15.5	19.3	
	Access 4 or more hours/day	74.3	51.6	64.1	79.6	78.4	
	<b>Private parts published on the internet</b>						.279
Yes	2.2		5.5	4.2	1.8		
No	97.8	100.0	94.5	95.8	98.2		
Family	<b>Family supervision</b>						.360
	Parents decide/agreeadolescentdoesn't go out alone	84.0	90.1	74.9	80.3	85.0	
	Comes back whenever they want	16.0	9.9	25.1	19.7	15.0	
	<b>People in the family called the adolescent stupid, lazy, or uglythings</b>						.096
	Never/few/sometimes	82.2	96.7	79.0	88.3	80.2	
	Often/Always	17.8	3.3	21.0	11.7	19.8	
	<b>Got hit with a belt, stick, rope, or other things that hurt</b>						.573
	Never/few/sometimes	84.4	91.5	87.8	82.1	83.1	
	Often/Always	15.6	8.5	12.2	17.9	16.9	
	<b>Someone tried to or touchedthe adolescent sexually</b>						.571
	Never/few/sometimes	98.5	96.7	100.0	100.0	98.4	
	Often/Always	1.5	3.3			1.6	
	<b>Parents fight a lot with each other humiliating each other</b>						.110
Rarely/never	85.5	96.6	87.4	80.0	84.3		
Often/Always	14.5	3.4	12.6	20.0	15.7		
Friends school/ community	<b>Resolution of conflicts with colleagues through namecalling</b>						.201
	Rarely/never	82.7	88.2	91.0	80.8	80.9	
	Often/Always	17.3	11.8	9.0	19.2	19.1	
	<b>Threats at school</b>						.027
	No	80.2	93.6	82.0	91.2	77.1	
Yes	19.8	6.4	18.0	8.8	22.9		

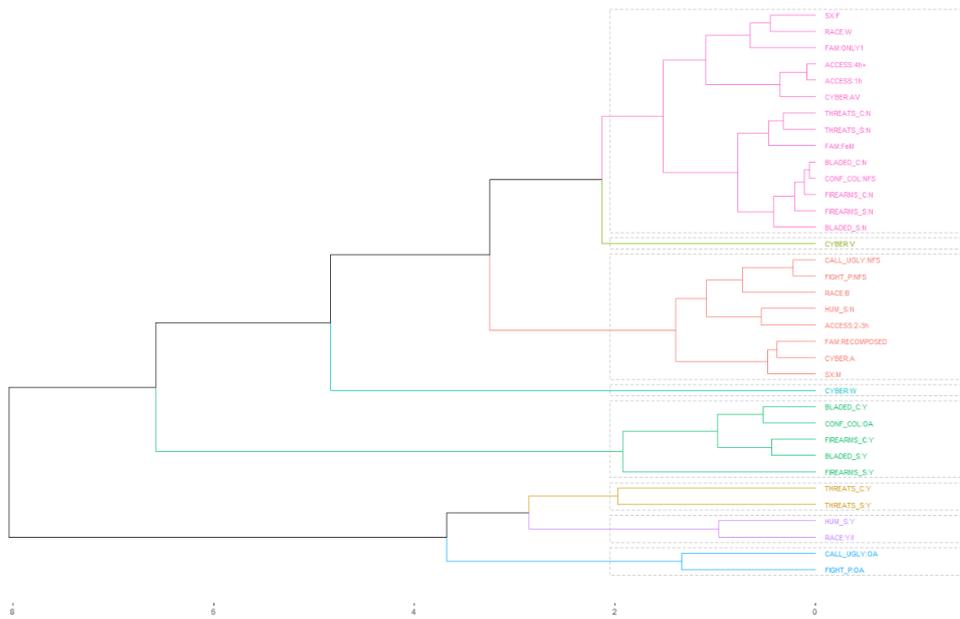
<b>Humiliations at school</b>						<b>.013</b>
No	60.7	86.1	57.9	63.0	57.6	
Yes	39.3	13.9	42.1	37.0	42.4	
<b>Walked/lived with people who carried knives to school</b>						<b>.031</b>
No	77.7	96.3	83.3	85.3	73.8	
Yes	22.3	3.7	16.7	14.7	26.2	
<b>Walked/lived with people who carried firearms to school</b>						<b>.139</b>
No	88.3	96.1	79.8	95.1	88.0	
Yes	11.7	3.9	20.2	4.9	12.0	
<b>Threats in the Community</b>						<b>.076</b>
No	89.4	99.1	93.8	95.5	86.9	
Yes	10.6	.9	6.2	4.5	13.1	
<b>Humiliation in the Community</b>						<b>.470</b>
No	78.7	89.9	79.1	78.1	77.2	
Yes	21.3	10.1	20.9	21.9	22.8	
<b>Walked/lived with people who carried bladed weapons in the community</b>						<b>.106</b>
No	81.7	95.8	83.4	95.5	78.5	
Yes	18.3	4.2	16.6	4.5	21.5	
<b>Walked/lived with people who carried firearms in the community</b>						<b>.046</b>
No	83.7	88.4	67.9	98.8	84.0	
Yes	16.3	11.6	32.1	1.2	16.0	

$p < 0.05$ .

The threats in the school context are most common among those who are concomitantly cyber victims and aggressors (22.9%) and only aggressors (18.8%), compared with 8.8% of those who are victims ( $p=0.027$ ). The humiliation at school was quite representative among the adolescents interviewed, being more common among cyber victims and aggressors (42.4%) and cyber aggressors (42.1%), followed by cyber victims (37%) ( $p=0.013$ ). It suggests a possible association with *bullying* at school. Walking with people who carry knives to school is an issue that deserves attention. The data show that it was more common among cyber victims and aggressors (26.2%) than the other *cyberbullying* roles ( $p=0.031$ ). Also, adolescents who most reported walking with people carrying firearms in the community were the cyber aggressors (32.1%), followed by adolescents who were cyber victims and aggressors (16.0%); the cyber victims were the ones who least reported having this type of coexistence ( $p= 0.046$ ). Easy access to these hazardous instruments increases the risk of serious injury, death, or crime.



**Figure 1.** Graphic representation of the first two dimensions of the correspondence analysis.



**Figure 2.** Dendrogram of the coordinates of the first two dimensions of the correspondence analysis.

**Figure 1 and 2 legends:**

**GROUP 1:** CYBER:W- adolescents with no *cyberbullying* behavior;

**GROUP 2:** CYBER:A - cyber aggressor, RACE:B - adolescents with black color, SX:M - male gender, ACCESS:2-3h – 2 to 3 hours a day of internet access, FAM:RECOMPOSED - recomposed family (mother/stepfather or father/stepmother), FIGHT\_P:NFS - few or no fights between parents, HUM\_S:Y humiliations at school, CALL\_UGLY:NFS - never, few times or sometimes being called ugly, stupid, lazy by family;

**GROUP 3:** CYBER:V- cyber victim adolescents;

**GROUP 4:** CYBER:AV- cyber victim and aggressor, SX:F - female, RACE:W- adolescents with white color, FAM:FeM – living with father and mother, FAM:ONLY1 - living with only one parent, ACCESS:4h+ - 4 or more hours a day of internet access, ACCESS:1h - 1 hour a day of internet access, THREATS\_S:N - no threats at school, THREATS\_C:N - no threats in the community, BLADED\_S:N - no bladed weapons at school, BLADED\_C:N – no bladed weapons in the community, FIREARMS\_C:N - no firearms in the community, FIREARMS\_S:N - no firearms at school, CONF\_COL:NFS - conflicts with colleagues few or not at all;

**GROUP 5:** RACE:Y/I - adolescents with yellow skin color and indigenous; HUM\_S:Y - humiliation at school;

**GROUP 6:** FIGHT\_P: frequent fights between parents; CALL\_UGLY:OA – often/always being called ugly, stupid, lazy by family;

**GROUP 7:** FIREARMS\_C:Y - firearms in the community, FIREARMS\_S:Y - firearms at school, CONF\_COL:OA - conflicts with colleagues often/always; BLADED\_S:Y – bladed weapons at school, BLADED\_C:Y – bladed weapons in the community;

**GROUP 8:** THEATS\_C:Y- threats in the community, THREATS\_S:Y- threats at school,

Figure 1 shows a graph generated by the correspondence analysis, where we observe eight groups with different variables in the analysis of dimensions 1 and 2. Figure 2 shows the same data through a dendrogram-type graph. The results point to a **first** group formed only by adolescents with the *absence of cyberbullying*; the **second** group is formed by a *cyber aggressor*, black skin color, male gender, with access to the internet between 2 and 3 hours a day, in a recomposed family (mother/stepfather or father/stepmother), with few or no reports of fights between parents, and never/few/sometimes called stupid by family members and cyberbullies. The **third** group is formed only by *cyber victims*. In the **fourth** group, there are the *cyber victim and aggressor students*, female group, white color, living with only one parent/with father and mother, minimal and maximum internet access, no threats at school, no threats in the community, no bladed weapons at school or in the community, no firearms at school/community, with few or no conflicts with colleagues.

Groups 1 and 5 to 8 are not directly associated with the presence of *cyberbullying*. In **group 5** are adolescents with yellow skin color/indigenous and who suffer humiliation at school. In **group 6**, we have students who report

frequent fights between parents and are often/always called stupid by family members. In **group 7**, we have adolescents threatened in the school/community, living with people who carried firearms to school/community and often have conflicts with colleagues. **Group 8** has students who reported threats at school and in the community.

### *Explanatory models for cyberbullying roles*

Table 2 shows the multinomial logistic regression results for *cyberbullying* roles, testing all variables with each role of *cyberbullying* (only the significant ones presented in Table 1). Comparing teenagers who do not suffer *cyberbullying* with those who suffer each of the three roles, we see that: 1) cyber aggressors and cyber victim/aggressors are more likely to be living with only one parent or guardian; 2) high internet access (4 hours or more per day) is more present among cyber victims/aggressors; 3) being called stupid, lazy, or ugly things is also more common among cyber aggressors and cyber victim/aggressors; 4) suffering humiliations at school show a higher chance of occurrence among all three roles; 5) threats at school only show a greater chance of occurrence among cyber victim/aggressor; 6) walk or living with people who carried knives to school showed a higher chance of occurrence among cyber aggressors.

**Table 2.** Multinomial logistic regression for *cyberbullying* roles (Crude OR, 95% CI confidence interval).

	Variables	Cyberaggressor OR(IC)	Cyber victim OR(IC)	Cyber victim/aggressor OR(IC)
Sociodemographic profile	<b>Family structure</b>			
	Father and mother	0.72 (0.29-1.80)	2.15 (0.38-12.11)	1.35 (0.49-3.77)
	Only one parent	<b>6.46 (2.17-19.20)</b>	4.71 (0.48-46.14)	<b>3.90 (1.29-11.80)</b>
	Father/Stepmother or Mother/Stepfather	-	-	-
Internet use	<b>Internet access in hours</b>			
	2-3 hours/day	0.84 (0.16-4.32)	1.23 (0.12-12.87)	3.14 (0.71-13.82)
	Access 4 or more hours/day	1.48 (0.29-7.55)	4.29 (0.47-38.90)	<b>8.65 (2.29-32.75)</b>
	No internet access/up to 1 hour/day	-	-	-
Family	<b>People in the family called the adolescent stupid, lazy, or ugly things</b>			
	Often/Always	<b>7.91 (1.28-48.79)</b>	3.95 (0.31-49.90)	<b>7.37 (1.39-39.10)</b>
	Never/few/sometimes	-	-	-
Friends school/ community	<b>Humiliations at school</b>			
	Yes	<b>4.52 (1.46-14.01)</b>	<b>3.64 (1.46-9.07)</b>	<b>4.58 (2.05-10.21)</b>
	No	-	-	-
	<b>Threats at school</b>			
	Yes	3.23 (0.68-15.34)	1.43 (0.19-10.88)	<b>4.36 (1.32-14.38)</b>
	No	-	-	-
	<b>Walked/lived with people who carried knives to school</b>			
	Yes	<b>6.28 (1.72-22.84)</b>	1.27 (0.08-20.91)	3.39(0.64-18.02)
	No	-	-	-

## Discussion

The originality of this study lies in the characterization of a profile of *cyberbullying* roles, including sociodemographic variables, internet use, family, school, and community contexts among Brazilian adolescents in school, in a context of a fragile educational system with high violence levels and social inequality. Also, it shows the relevance of different methodological approaches and techniques on *cyberbullying* as a dynamic phenomenon in which adolescents may occupy exchangeable roles as victims, aggressors, or victim/aggressors, revealing results that sometimes complement or distance each role.

Sociodemographic results deserve reflection. Although the literature indicates that older adolescents or younger adults are more involved in *cyberbullying*, with victimization peaking around 15 years of age and its

perpetration tending to increase with age<sup>14,40,41</sup>, this study finds no differentiation of age regarding *cyberbullying* profiles. It indicates that younger and older adolescents are equally involved in violent situations in the digital environment, possibly justified by the autonomy in using cell phones and the internet and the approximation of *cyberbullying* with *bullying* experiences<sup>42,43</sup>. However, younger adolescents may have more negative repercussions due to their greater emotional vulnerability.

The finding from multinomial logistic models that the roles of *cyberbullying* are not distinguished by sex seems to follow a trend from other studies<sup>44</sup>. The correspondence analysis indicates boys as more aggressors and girls as victims/aggressors. No association between sexual orientation and *cyberbullying* was verified in descriptive analysis. There is mixed evidence and different gender patterns in the prevalence of *bullying* for different forms where both males and females have been acknowledged as *bullying* victims while boys tend to be acknowledged as perpetrators<sup>45,46</sup>. Studies show the vulnerability of sexual minorities and gender-expansive adolescents that highlight these groups as the most vulnerable populations<sup>47,48,49</sup>. Duong and Bradshaw (2014) found that LGBTQ students experienced more *cyberbullying* than offline *bullying* because of anonymity.

Similarly, findings are not conclusive about *cyberbullying* and race<sup>50</sup>. Descriptive analysis suggests that black adolescents experience more victimization and excel in the aggressor role than white. Vitoroulis & Vaillancourt<sup>51</sup> explain that this discrepancy may lie in the definitions and perceptions of *cyberbullying*, varying across cultures and depending on subjective factors. What could be considered teasing and funny banter in one group might be perceived as *bullying* by another group. It could also be that members of racial/ethnic majority groups develop perceptions of global privilege and entitlement, which might lower the threshold of "pain tolerance" when bullied online where such privileges do not necessarily transfer. On the other hand, knowledge of structural racism can make minority groups more vulnerable to recognizing *cyberbullying* victimization.

In general, the results about the roles of aggressors, victims, aggressors/victims of *cyberbullying* provide essential information about the distinctions and similarities of these profiles, which can alternate according to

contexts, such as the relationship between victims and aggressors, the type of aggression, the gender of those involved and the initial perpetrator's exposure to reprisals<sup>52,53</sup>. Being a victim of *cyberbullying* differs significantly from other roles, mainly due to the precariousness of associated variables, composing a profile that distances itself from the others concerning family, school, and community issues, regardless of the statistical technique used. Only humiliation at school was associated with victimization in the multinomial logistic regression model. The victim role is strongly associated with poor mental health, including suicide, internalizing problems, self-harm, worst self-rated health, and tobacco use<sup>54,55</sup>, attributes not investigated in this study.

The cyber-aggressor and cyber-victim/aggressor are similar roles in a profile of a recomposed family structure, high internet access, and relative experiences of violence at home and school<sup>56,57,58</sup>. Victimization and expression of aggressive behaviors simultaneously indicate externalizing reactions from those who suffered previously from *cyberbullying*, mainly if these aggressions are continuous, sometimes justifying and legitimating victims' counterattacks in self-defense<sup>59</sup>. The online space is seen as a tool that allows individuals that have been victims of attacks in the offline space to counterattack in the online space<sup>52</sup>.

Regarding risk factors for involvement in cyber-aggression, recomposed families can impact their coexistence environment and generate conflicts and parental overload, influencing parental monitoring and their children's attitude concerning social rules and behaviors<sup>30,60,61</sup>. Also, a deteriorated environment may cause children to devote more time to electronic devices, distancing themselves from family conflicts or making up for lack of interpersonal relationships, leading to a greater predisposition and opportunity to commit intimidating acts over the Internet<sup>62</sup>. In multivariate correspondence analysis, some clusters of variables did not directly relate to *cyberbullying*, proposing compositions among other profiles and forms of violence, indicating the need for new exploratory studies and different risk factors to identify groups with the same *cyberbullying* predisposing factors.

The multinomial logistic regression adds that psychological violence at home and school stands out in cyber aggressors and victim/aggressors roles. This finding may be explained by the existence of poly victimization, characterized by different types of violence in different environments.

Victim/victim aggressor profile relates to community violence (living with people who carry knives and threats in school), as seen in another study<sup>31</sup>. These aspects show the relevance of recognizing the complexity of victimization and specify victims' risk profiles<sup>63</sup>.

The different statistical methods and techniques used sometimes show different scenarios about *cyberbullying* profiles. Descriptive analysis (bivariate analysis), correspondence analysis (graphical analysis of the data), and multivariate logistic models point to complex relationships, indicating the need for more investigations, larger samples, and the insertion of other variables that can help elucidate profiles of *cyberbullying*.

This study confirms the need to understand the effects of *cyberbullying* on aggressors and victims/aggressors, aiming at reducing the acts according to profile<sup>64</sup>. Also, *cyberbullying* prevention and intervention efforts must simultaneously address the multiple environmental dimensions that adolescents are embedded in-family, peers, school, and community<sup>65</sup>.

There are some limitations in the study that must be recognized. A cross-sectional design does not allow causality between the variables; therefore, longitudinal studies are recommended. Second, the data are representative of schoolchildren in two Brazilian capitals and do not reflect the reality of other municipalities and rural regions. Despite this, the results have a solid potential to guide prevention towards reducing *cyberbullying* since it is based on a representative sample, includes capitals from different regions of a country with deep social inequalities, using validated instruments for the Brazilian culture.

## **Conclusion**

The study showed that *cyberbullying* is a significant public health issue. According to *cyberbullying* roles, there is a need to improve knowledge about the specific vulnerabilities, as they reveal emotional and social difficulties. To this day, public policy has focused on individuals involved in *cyberbullying* without looking at their different roles. Different policies might better suit distinct groups of *bullying* aggressors and victims in the future. It is crucial to leave general policies behind in favor of new policies that address group differences. In this new moment, it is vital to consider and advance with measures already established as

fundamental for prevention and intervention work, such as strategies targeting adolescent issues, parent-adolescent, and school-adolescent relationships; specifically, the need for empathy, education, and training, aiming at changing the belief that aggression is an acceptable response. For prevention and intervention strategies to be effective, they should be multi-pronged and encompass multiple systems such as the family, the peers, the school, and the community. Also, digital social network platforms and communication applications should adopt more accurate and effective community policies regarding *cyberbullying* roles. It would be helpful to establish appropriate prosocial norms in online communities. There is also a need to invest and uptake evidence-based intervention programs that reduce *cyberbullying* to improve the mental health of children and adolescents.

## REFERENCES

1. Abreu, Leidy Dayane Paiva de, Raimundo Augusto Martins Torres, Karlla da Conceição Bezerra Brito Veras, Aretha Feitosa de Araújo, Isabela Gonçalves Costa, and Gislanny Rodrigues Oliveira. 'Web Radio: Educational Nursing Care Technology Addressing *Cyberbullying* Students' Statements'. *Revista Brasileira de Enfermagem* 2020, 73, 4: e20180872. DOI:10.1590/0034-7167-2018-0872.
2. Athanasiou, Kalliope, Eirini Melegkovits, Elisabeth K. Andrie, Charalampos Magoulas, Chara K. Tzavara, Clive Richardson, Donald Greydanus, Maria Tsofia, and Artemis K. Tsitsika. 'Cross-National Aspects of *Cyberbullying* Victimization among 14–17-Year-Old Adolescents across Seven European Countries'. *BMC Public Health* 2018, 1, 800. DOI:10.1186/s12889-018-5682-4.
3. Cénat, Jude Mary, Martin Blais, Francine Lavoie, Pier-Olivier Caron, Martine Hébert. *Cyberbullying* victimization and substance use among Quebec high schools students: The mediating role of psychological distress. *Computers in Human Behavior* 89 2018, 89, 207-212. DOI: 10.1016/j.chb.2018.08.014.
4. Dennehy, Rebecca, Sarah Meaney, Kieran A. Walsh, Carol Sinnott, Mary Cronin, and Ella Arensman. Young People's Conceptualizations of the Nature of *Cyberbullying*: A Systematic Review and Synthesis of Qualitative Research. *Aggression and Violent Behavior* 2020, 51, 101379. DOI:10.1016/j.avb.2020.101379.

5. Corcoran, Lucie., Conor Guckin, Garry Prentice. *Cyberbullying* or Cyber Aggression?: A Review of Existing Definitions of Cyber-Based Peer-to-Peer Aggression. *Societies* 2015, 5, 245–255. DOI:10.3390/soc5020245.
6. Ferreira, Taiza Ramos de Souza Costa, Suely Ferreira Deslandes. *Cyberbullying*: concepts, dynamics, characters and health implications. *Ciênc. Saúde Colet.* 2018, 23, 3369-3379 DOI: 10.1590/1413-812320182310.13482018.
7. Gaffney, Hannah, David Farrington, Dorothy Espelage, Maria M. Ttofi. Are *cyberbullying* intervention and prevention programs effective? A systematic and meta-analytical review. *Aggression and Violent Behavior.* 2019, 45, 134-153. DOI: 10.1016/j.avb.2018.07.002.
8. Hinduja, Sameer, Justin Patchin. *Bullying, Cyberbullying, and Suicide.* *Archives of Suicide Research.* 2010, 14, 206-221. DOI: 10.1080/13811118.2010.494133.
9. \_\_\_\_\_. *Bullies Move Beyond the Schoolyard A Preliminary Look at Cyberbullying.* *Youth Violence and Juvenile Justice.* 2006, 2, 148-169 DOI: 10.1177/1541204006286288.
10. Bhat, Christine Suniti, Moira O. Ragan, Priscilla Selvaraj, Benjamim Schutz. *Online Bullying among High-School Students in India.* *International Journal for the Advancement of Counselling.* 2017, 39, 112-124. DOI: 10.1007/s10447-017-9286-y.
11. Sittichai, Ruthaychonnee, and Peter K Smith. *Bullying and Cyberbullying in Thailand: Coping Strategies and Relation to Age, Gender, Religion and Victim Status.* *Journal of New Approaches in Educational Research.* 2018, 7, 24–30. DOI:10.7821/naer.2018.1.254.
12. Myers, Carrie-Anne, Hellen Cowie. *Cyberbullying Across the Lifespan of Education: Issues and Interventions from School to University.* *International Journal of Environmental Research and Public Health.* 2019, 16. DOI: 10.3390/ijerph16071217.
13. Del-Rey, Rosário, Paz Elipe, Rosário Ortega-Ruiz. *Bullying and cyberbullying: Overlapping and predictive value of the co-occurrence.* *Psicothema.* 2012, 24, 608-613.
14. Kowalski, Robin M., Susan P. Limber, Annie McCord. A developmental approach to *cyberbullying*: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior.* 2019, 45, 20-32. DOI: [10.1016/j.avb.2018.02.009](https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009).
15. Thomas, Hannah, James G. Scott, Jason M. Coates, Jason P. Connor. Development and validation of the *Bullying and Cyberbullying Scale* for Adolescents: A multi-dimensional measurement model. *British Journal of Educational Psychology.* 2019, 89, 75-94. DOI: 10.1111/bjep.12223.

16. Zych, Izabela, Ana C. Baldry, David Farrington, Vicente J. Llorent. Are children involved in *cyberbullying* low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different *cyberbullying* roles. *Aggression and Violent Behavior*. 2019, 45, 83-97. DOI: 10.1016/j.avb.2018.03.004.
17. Campbell, Marily, Chrystal Whiteford, Krystle Duncanson, Barbara Spears, Des Butler, Phillip Thomas Slee. *Cyberbullying* Bystanders: Gender, Grade, and Actions among Primary and Secondary School Students in Australia. *International Journal of Technoethics*. 2017, 8, 44-55. DOI: 10.4018/IJT.2017010104.
18. Carpenter, L. M., & Hubbard, G. B. *Cyberbullying*: Implications for the psychiatric nurse practitioner. *Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing*. 2014, 27, 142–148. DOI: <https://doi.org/10.1111/jcap.12079>.
19. Smith, Peter K. *Cyberbullying*: challenges and opportunities for a research program: A response to Olweus. *European Journal of Developmental Psychology*. 2012, 9, 553-558. DOI: [10.1080/17405629.2012.689821](https://doi.org/10.1080/17405629.2012.689821).
20. Baldry, Anna C., David Farrington, Anna Sorrentino. *Cyberbullying* in Youth: A pattern of disruptive behaviour. *Psicología Educativa*. 2016, 22, 19-26. DOI: 10.1016/j.pse.2016.02.001.
21. Beran, Tanya, Qing Li. The Relationship between *Cyberbullying* and School *Bullying*. *The Journal of Student Wellbeing*. 2007, 1, 6-33 DOI: 10.21913/JSW.v1i2.172.
22. Wiguna, Tjhin, R. Irawati Ismail, Rini Sekartini, Noorhana Setyawati Winarsih Rahardjo, Fransiska Kaligis, Albert Limawan Prabowo, Rananda Hendarmo. The gender discrepancy in high-risk behaviour outcomes in adolescents who have experienced *cyberbullying* in Indonesia. *Asian Journal of Psychiatry*. 2018, 37, 130-135. DOI: 10.1016/j.ajp.2018.08.021.
23. González-Cabrera, J., A. León-Mejía, M. Beranuy, M. Gutiérrez-Ortega, A. Alvarez-Bardón, J. M. Machimbarrena. Relationship between *cyberbullying* and health-related quality of life in a sample of children and adolescents. *Quality of Life Research*. 2018, 27, 2609-2618 DOI: 10.1007/s11136-018-1901-9.
24. IPSOS. Governance Innovation for a Connected World: Protecting Free Expression, Diversity and Civic Engagement in the Global Digital Ecosystem, Org. Donahoe, E.; Hampson, F.A., 2018.
25. Souza, Claudinalle Farias Queiroz de, Maria Vanessa Nascimento dos Anjos, Maria Aparecida Beserra, Waldemar Brandão Neto, Ana Carolina Pereira Gomes. *Bullying e cyberbullying* entre adolescentes: protótipo de game para adolescentes no ambiente escolar. *Research, Society and Development*. 2021, 10, 1-11. DOI: [10.33448/rsd-v10i1.11944](https://doi.org/10.33448/rsd-v10i1.11944).

26. ICT Kids Online Brazil 2019 / [editor] Survey on Internet use by children in Brazil. Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR, Comitê Gestor da Internet no Brasil. São Paulo, 2020,1.
27. Peterson, Maria B., Kristina A. Peterson. *Cyberbullying* and Race: a literature review. *International Journal of Learner Diversity and Identities*. 2014, 20, 17-28. DOI: [10.18848/2327-0128/CGP/v20i02/48563](https://doi.org/10.18848/2327-0128/CGP/v20i02/48563).
28. Powell, Anastacia, Scott, Adrian J., Nicola, Henry. Digital harassment and abuse: Experiences of sexuality and gender minority adults. *European Journal of Criminology*. 2018, 17, 2. DOI: 10.1177/1477370818788006.
29. Buelga, Sofiá, María Jesús Cava, Gonzalo Musito. Validación de la escala de victimización entre adolescentes a través del teléfono móvil y de internet. *Revista Panamericana de Salud Pública*. 2012, 32, 36-42.
30. Bottino, Sara Mota Borges, Cássio M. Bottino, Carolina Gomez Regina, Aline Villa Correia, Wagner Silva Ribeiro. *Cyberbullying* and adolescent mental health: systematic review. *Cad Saude Pública*. 2015, 31, 463-475. DOI: [10.1590/0102-311X00036114](https://doi.org/10.1590/0102-311X00036114).
31. Vieira, M. A., Ronning J.A., Mari, J. J. Bordin, I. A. Does *cyberbullying* occur simultaneously with other types of violence exposure? *Brazilian Journal of Psychiatry*. 2019, 41, 234-237. DOI: 10.1590/1516-4446-2018-0047.
32. IBGE. Estimated population. Directorate of Research, Coordination of Population and Social Indicators, Estimates of the resident population with reference. 2021.
33. IBGE. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. Rio de Janeiro, 2013.
34. Topcur, C.; Erdur-Backer, O. The Revised Cyber *Bullying* Inventory (RCBI): validity and reliability studies. *Procedia Social and Behavioral Sciences*. 2010, 5, 660–664.
35. Wendt, G. *Cyberbullying* in Brazilian adolescents. Dissertation of the Postgraduate Program in Psychology, Vale Rio dos Sinos University. 2012.
36. ABEP. Criteria for economic classification Brazil. Brazilian Association of Research Companies. 2019.
37. Kahn, T., Bermergui, C., Yamada, E., Cardoso, F., Fernandes, F., Zacchi, J. Day to day life in schools (self-reported violence). Instituto Latino-Americano das Nações Unidas para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinqüente/Instituto Sou da Paz. São Paulo, Brazil. 1999.
38. Greenace, M. J. Practical Correspondence Analyses. In: Barnett, V., Ed., *Interpreting Multivariate Data*. Wiley, Chichester. 1981, 119-146.

39. Fávero, L.P., Belfiore, P., Silva, F. L., Chan B. L. Data Analysis: Multivariate Modeling. Ed. Campus. 2012.
40. Smith, P. K. The nature of *cyberbullying* and what we can do about it. Journal of Research in Special Educational Needs. 2015, 15, 176-184. DOI: 10.1111/1471-3802.12114.
41. Tokunaga R.S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on *cyberbullying* victimization. Computers in Human Behavior. 2010, 26, 277–87.
42. Modecki, K.L., Minchin, J. H., Harbaugh, A. G., Guerra, N.G., Runions, K.C. *Bullying* prevalence across contexts: A meta-analysis measuring cyber and traditional *bullying*. Journal of Adolescent Health. 2014, 55, 602-6011. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2014.06.007.
43. Thomas, Hannah J., Connor, Jason P., Lawrence, David M., Hafekost, Jennifer M., Zubrick, Stephen R. and Scott, James G. Prevalence and correlates of *bullying* victimization and perpetration in a nationally representative sample of Australian Youth. Australian and New Zealand Journal of Psychiatry. 2017, 51, 909-920. DOI: 10.1177/0004867417707819.
44. Jadambaa A., Thomas, H. J., Scott, J. G., Graves, N., Pacella, R. Prevalence of traditional *bullying* and *cyberbullying* among children and adolescents in Australia: A systematic review and meta-analysis. Australian & New Zealand Journal of Psychiatry. 2019, 53, 878-888. DOI:10.1177/0004867419846393.
45. Barlett, C. P., Coyne, S.M. A meta-analysis of sex differences in *cyberbullying* behavior: The moderating role of age: Sex Differences in *Cyberbullying*. Aggressive Behavior. 2014, 40, 474-488. DOI: [10.1002/ab.21555](https://doi.org/10.1002/ab.21555).
46. Wang, J., Iannotti, R.J., Nansel, T.J. School *Bullying* Among Adolescents in the United States: Physical, Verbal, Relational, and Cyber. Journal of Adolescent Health. 2009, 45, 368-375. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2009.03.021.
47. Aboujaoude, E., Savage, M.W., Starcevic, V. Salame, W. *Cyberbullying*: Review of an Old Problem Gone Viral. Journal of Adolescent Health. 2015, 5, 10-15. DOI: 10.1016/j.jadohealth.2015.04.011.
48. Zych, I. Ortega, R.O., Del Rey, R. Systematic review of theoretical studies on *bullying* and *cyberbullying*: Facts, knowledge, prevention, and intervention. Aggression and Violent Behavior. 2015, 23, 1-21. DOI:10.1016/j.avb.2015.10.001.
49. Abreu, R. O., Kenny, L. M. *Cyberbullying* and LGBTQ Youth: A Systematic Literature Review and Recommendations for Prevention and Intervention. Journal of Child Adolescent Trauma. 2018, 11, 81-97. DOI:10.1007/s40653-017-0175-7.

50. Alhajji, M., Bass, S., Dai, T. *Cyberbullying*, Mental Health, and Violence in Adolescents and Associations With Sex and Race: Data From the 2015 Youth Risk Behavior Survey. *Global Pediatric Health*. 2019, 6,1-9. Doi:10.1177/2333794X19868887.
51. Vitoroulis, I. Vailancourt, T. Meta-analytic results of ethnic group differences in peer victimization: Ethnic Group Differences in Peer Victimization. *Aggressive Behavior*. 2015, 41, 140-170. DOI: 10.1002/ab.21564.
52. Moretti, Constanza, Damián Herkovits. De víctimas, perpetradores y espectadores: una meta-etnografía de los roles en el ciberbullying. *Cad. Saúde Pública*. 2021, 37, 1-18. DOI: 10.1590/0102-311X00097120.
53. Berne, S., Frisé, A., Schultze-Krumbholz, A., Scheithauer, H. Naruskov, K., Luik, P. Katzer, C. Erentaite R. Zukauskienė, R. *Cyberbullying* assessment instruments: A systematic review. *Aggression and Violent Behavior*. 2013, 18, 320-334. DOI: 10.1016/j.avb.2012.11.022.
54. Loch, A.P., Astolfi, R.C., Leite, M.A. et al. Victims, bullies and bully-victims: prevalence and association with negative health outcomes from a cross-sectional study in São Paulo, Brazil. *Int J Public Health*. 2020, 65, 1485–1495. DOI: [10.1007/s00038-020-01481-5](https://doi.org/10.1007/s00038-020-01481-5).
55. Barlinska, J., Szuster, A.; Winiewski, M. *Cyberbullying* among Adolescent Bystanders: Role of the Communication Medium, Form of Violence, and Empathy. *Journal of Community & Applied Social Psychology*. 2013, 23, 37-51. DOI: 10.1002/casp.2137.
56. Brighi, A., Ortega, R., Scheitauer, H., Smith, P. K., Tsormpatzoudis, C., Barkoukis, V., & Del Rey, R. European *Bullying* Intervention Project Questionnaire (EBIPQ). *Psicothema*. 2012, 24, 608-613.
57. Ybarra, M.; Mitchell, K. Youth engaging in online harassment: associations with caregiver-child relationships, Internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence*. 2004, 27, 319-336. DOI: 10.1016/j.adolescence.2004.03.007.
58. Caetano, A. M., Amado, J., Martins, M.J.D., Simão, A. M.V., Freire, I. Pessôa, M. T.R. *Cyberbullying*: motives of aggression from the perspective of young Portuguese. *Educ. Soc.* 2017, 38, 1017-1034. DOI: 10.1590/es0101-73302017139852.
59. López PMG. Influence of school and family climate on *bullying* and *cyberbullying* of university students. *Rev Mex Invest Psic*. 2017, 9, 31-44.
60. Katz, I.; Lemish, D.; Cohen, R.; Arden, A. When parents are inconsistent: Parenting style and adolescents' involvement in *cyberbullying*. *Journal of Adolescence*. 2019, 74, 1-12. DOI: [10.1016/j.adolescence.2019.04.006](https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.04.006)

61. Gomes-Franco, F.G., & Sendín, J.C. Internet como refugio y escudo social: Usos problemáticos de la Red por jóvenes españoles. *Comunicar*. 2014, 43, 45-53. DOI: 10.3916/C43-2014-04
62. Allison, K. R. Bussey, K. Cyber-bystanding in context: A review of the literature on witnesses responses to *cyberbullying*. *Children and Youth Services Review*. 2016, 65, 183-194. DOI: 10.1016/j.childyouth.2016.03.026
63. Macaulay, P.J.R., Boulton, M.J. & Betts, L.R. Comparing Early Adolescents' Positive Bystander Responses to *Cyberbullying* and Traditional *Bullying*: the Impact of Severity and Gender. *J. Technol.Behav. Sci.* 2019, 4,253–261. DOI: [10.1007/s41347-018-0082-2](https://doi.org/10.1007/s41347-018-0082-2)
64. Kelly E.V., Newton N.C., Stapinski L.A., Conrod, P. J., Barret, E. L., Champion, K. E., Teesson, M. Novel approach to tackling *bullying* in schools: personality-targeted intervention for adolescent victims and bullies in Australia. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2019, 59, 508-5018. DOI: [10.1016/j.jaac.2019.04.010](https://doi.org/10.1016/j.jaac.2019.04.010).
65. Ang, R. P. Adolescent *cyberbullying*: A review of characteristics, prevention and intervention strategies. *Aggression and Violent Behavior*. 2015, 25, 35-42. DOI: 10.1016/j.avb.2015.07.011

**CAPÍTULO 7 – CYBERBULLYING AND MENTAL HEALTH: DIFFERENCES AND SIMILARITIES IN VICTIM, AGGRESSOR, AND VICTIM/AGGRESSOR AMONG YOUNG BRAZILIANS** (encaminhado para submissão na revista Child Abuse & Neglect)

**ABSTRACT**

**BACKGROUND:** *Cyberbullying* is considered a public health issue as it has consequences for the health of those involved. Individuals can assume the roles of cyber victims, cyber aggressors, cyber victims/aggressors simultaneously, and spectators or bystanders, assuming various roles in the existence and propagation of *cyberbullying*.

**OBJECTIVE:** This study investigates the association between the different roles of *cyberbullying* (victim, aggressor, and concomitance between victim and aggressor) and mental health (self-esteem, psychological distress, self-mutilation, suicidal ideation, and substance use) in Brazilian adolescents.

**PARTICIPANTS and SETTINGS:** 480 adolescents from 15 to 19 years in the 2nd year of high school in two Brazilian regions of public and private schools.

**METHOD:** A cross-sectional study about *cyberbullying* roles, using the Revised *Cyberbullying* Inventory (RCBI), in addition to youth profile data (race/skin color, sex, sexual orientation, public/private school, religion, and socioeconomic status); and mental health problems. Descriptive analysis of the explanatory variables was performed; logistic models were applied. Crude and adjusted odds ratio (OR) and confidence intervals indicate the results obtained.

**RESULTS:** Cyber victims have a greater chance (OR=15.48) of having low self-esteem and self-harming behavior (2.75). Victims (OR=4.82) and victims/aggressors (OR=3.17) have more chances of having suicidal ideation. Being a victim and a victim/aggressor shows more chance of having psychological distress than those who do not report this violence.

**CONCLUSION:** This study helps to think about programs and *cyberbullying* strategies according to different effects on the roles of victim, perpetrator, or both.

**KEYWORDS:** *cyberbullying*, child, adolescent, violence, mental health, internet.

## Introduction

*Cyberbullying* characterizes by the practice of *bullying* through electronic devices and social media (Smith et al., 2008; Patchin Hinduja, 2008). The increase in digital sociability mediated by electronic devices with internet access potentialized the emergence of this digital violence, transforming how affective bonds are made and undone or maintained by sending text messages, video calls, sharing images on digital social networks, and messaging apps. The phenomenon of cyberculture has brought significant socio-cultural transformations, allowing social relationships to establish through new formats (Oliveira, 2018).

As a result of these transformations, *cyberbullying* has been widely detected in the last two decades, considered a manifestation of digital violence and the face-to-face *bullying* (Stelko-Pereira & Williams, Programa Violência Nota Zero: descrição de um programa de prevenção de violência, 2011; Wendt & Lisboa, 2013). In Brazil, there are frequent reports of *cyberbullying* (Safernet 2020; Brazil, 2020), pointing out the feeling of discrimination on the internet numerous times a day on digital social networks, especially by girls, with specific law about systematic intimidation, whose practice and social representation takes place in the digital environment (Brazil, 2015).

*Cyberbullying* is considered a public health issue as it has unprecedented consequences for the health of those involved (Al-Garadi et al., 2016; Ferreira & Deslandes, 2018; Santre, 2022). It is a form of peer violence that victimizes individuals who interact in various roles (Allisson and Bussey, 2016). Adolescents are susceptible to *cyberbullying* experiences mainly because they are in a stage of life in which the search for acceptance, belonging, and the development of subjectivity are all crucial for development, in parallel with the expansion that the digital environment allows in the exposure to disputes, envy, relational difficulties and violence (Camerini et al., 2020).

Individuals can assume the roles of cyber victims, cyber aggressors, cyber victims/aggressors simultaneously, and spectators or bystanders, assuming various roles in the existence and propagation of *cyberbullying*. Overlapping roles are complex and evident in perpetrators' and victims' involvement in abusive actions (Vieira et al., 2019; Moretti & Herkovits, 2021), occasionally with someone

being a cyber aggressor and a cyber victim at the same time. There are significant reports of adolescents who assume both roles: Spanish students aged between 11 and 18 showed the prevalence of *cyberbullying* is 19.5% of cyber victims, 16.7% including cyberbullies/victims, and 5.8% of cyberbullies (González-Cabrera et al., 2018); in Indonesia (Wiguna et al., 2018), predominate the concurrent roles of victims and perpetrators of *cyberbullying* (52.3%); Sorrentino et al. (2019) find the predominance of boys as cyberbullies but without differences between the sexes concerning cyber victimization prevalence in students from eight European countries.

The destructive effects of *cyberbullying* are associated with several negative consequences (Kowalski et al., 2019). Social and psychological effects arise between victims and perpetrators, including stress and anxiety (Campbell et al., 2013), empathy (Zych et al., 2019), low self-esteem (Schultze-Krumbholz et al., 2018), loneliness (Al Qudah et al., 2020), depression, and increased suicidal ideation (Sampasa-Kanyinga et al., 2014). Studying 15,506 American students, Alhajji et al. (2019) found that cyber victimization was significantly more likely among participants who reported depressive symptoms, suicidal ideation, suicidal behavior, carrying a weapon, and engaging in physical fights. White teenagers were most at risk of being cyber victims, and negative impacts on mental health and violent behavior were more pronounced in men. Studies on *cyberbullying* carried out with LGBTQIA+ people point to vulnerability to *cyberbullying* attacks with adverse effects on mental health, including increased suicidal ideation and attempt, depression, and low self-esteem (Abreu and Kenny, 2018; DeSmet et al., 2021). Wiguna et al. (2018), investigating 2,917 adolescents in high school in Indonesia, identified that *cyberbullying* experiences are associated with smoking, alcohol consumption, and self-injurious behaviors, with a predominance of males for substance use.

Other social aspects related to *cyberbullying* are age (Pfetsch et al., 2014), race (Edward et al.; 2016), religion (Tesler et al.; 2019), family structure/relationship (Ngo, 2021; Gualco et al., 2022), and social stratum (Alim et al. 2016). Some authors reveal the association of *cyberbullying* with social violence (Davis et al., 2020; Yulianti, Saptiyasari, 2019). Vieira et al. (2019), investigating a population-based sample of 669 school adolescents (11-15 years old) in a Brazilian city, found that 1.9% of the adolescents had been victims of

*cyberbullying*, and 21.9% had been victims of physical aggression, verbal harassment and/or social manipulation by peers. However, only 5.5% of the adolescents considered themselves *bullying* victims. In the previous 12 months, 12.4% of adolescents had suffered severe physical punishment, 14.0% had been victims of community violence, and 20.9% eye-witnessed community violence, indicating evidence of an association between *cyberbullying*, traditional *bullying*, and self-perceived *bullying* among low-income Brazilian adolescents.

Most studies on *cyberbullying* and mental health investigate its effects among those attacked by such digital violence or compare its impact with *bullying*. This study advances in understanding by investigating the association between the different roles of *cyberbullying* (victim, aggressor, and concomitance between victim and aggressor) and mental health (self-esteem, psychological distress, self-mutilation, suicidal ideation, and substance use) in Brazilian adolescents.

## **Method**

The data analyzed in the article are part of a population-based cross-sectional study named "Violence in digital communication: Analysis of discourses and practices disseminated on the internet about homophobia, self-perpetuation of violence, cyber dating abuse and *cyberbullying*" carried out in 2018 in Brazil's two cities (Midwest and Southeast), chosen due to the high prevalence in the Brazilian scenario of *bullying* victimization among schoolchildren (7.9 and 6.8% respectively) (PENSE, 2015). The Ethics Committee approved the study of the National School of Public Health/Fiocruz (CAAE: 58943916.3.0000.5240).

### *Study Population*

Multi-stage cluster sampling was performed in each city, with a precision of 5%, a confidence level of 95%, and a proportion of the occurrence of adolescents victimization equal to 20%, with the following steps: stratum selection (public or private school); proportional selection of schools related to the number of second high school year students (PPT); a random selection of a class within the school for the application of the questionnaire with all students. Four hundred eighty students answered the questionnaires, 242 from Campo Grande/MT and 238 from Vitória/ES. All student information was weighted according to the calculated

sample weight, considering all selection stages, allowing the analysis of "expanded" estimates for the entire population of interest (Carline-Cotrim & Barbosa, 1993).

### *Instruments*

The Revised *Cyberbullying* Inventory (RCBI – Topcu & Erdur-Baker, 2010) scale has 14 items that assess the frequency with which the adolescent performed or suffered forms of digital aggression in the last six months on digital social network platforms. It allows responses ranging from never to more than three times, totaling 4 points. Each item was answered twice, taking into account the frequency of events related to cyber aggression ("I did that") and cyber victimization ("That happened to me") (Topcu & Erdur-Baker, 2010; Mallman, Lisboa, and Calza, 2018). Wendt (2012) adapted the scale for Brazilian adolescents (Cronbach's alpha of 0.75 for cyber aggression and 0.76 for cyber victimization). The Brazilian most used social networks were included in the questionnaire, such as Instagram, direct from Instagram (private messages), and communication apps like WhatsApp.

Quantitative variables assess the sociodemographic profile: sex (male, female), age (13-16 and 17-19 years), skin color or race (white, black/brown, indigenous/yellow - characteristic of Asians), sexual practice (heterosexual, homosexual/bisexual); family structure (living with father and mother, father/stepmother or mother/stepfather, with only one parent), religion (practices some religion or participates in some religious practice); sexual orientation (heterosexual, homosexual, bisexual) and social stratum of the family, estimated according to family assets and the education of the head of the family, resulting in A/B stratum (wealthiest social strata) and C/D/E (middle and lower social strata) (ABEP, 2019).

The following variables assess mental health: a) Rosenberg's Self-Esteem Scale (Avanci et al., 2007; Rosenberg, 1989) composed of 10 statements assessing the positive or negative attitude towards oneself (totally agree, agree, disagree, and totally disagree). High scores indicate high self-esteem. In the cultural adaptation to the Brazilian population, Cronbach's alpha of 0.68, Intraclass correlation (ICC) of 0.70, and moderate kappa were obtained. It was used continuously in the analysis; b) Self Report Questionnaire (SRQ-20)

assesses the levels of mental distress or minor psychiatric disorders experienced by adolescents (Harding et al., 1980; Mari and Williams, 1986). Each positive answer corresponds to one point. The value of seven is a cut-off point for men and 8 for women (Mari and Williams, 1986); c) self-injury: has already been injured on purpose (cutting, burning, scratching the skin, hitting objects, biting, and others); d) suicidal ideation: "he was so sad that he seriously thought about ending his own life; e) substance use: questions "drank alcohol until he got drunk or felt drunk," "used marijuana, cocaine, "crack" or "ecstasy," used tranquilizers or tranquilizers.

### *Data analysis*

Initially, a descriptive analysis of the explanatory variables was performed according to the outcomes of interest: self-esteem, psychological distress, self-harm, suicidal ideation, and drug use. Relative frequencies and their respective 95% confidence intervals were calculated. The chi-square test was applied to verify the difference between the proportions, and those whose p-value results were less than or equal to 0.05 were considered significant.

Next, logistic models were used for each of the five outcomes: self-esteem, psychological distress, self-harm, suicidal ideation, and drug use, putting *cyberbullying* as an exposure variable. Next, the procedure was repeated, including the following control variables: sex, skin color, age group, sexual practice, family structure, religion, social status, school violence, and community violence. The design and sample weights were considered in all analyses. Crude and adjusted odds ratio (OR) and confidence intervals indicate the results obtained.

### **Results**

Table 1 shows the association between mental health and sociodemographic variables, violence in the community/school, and *cyberbullying*. *Cyberbullying* roles are associated with mental health among all adolescents. Even those without experience with digital violence show association with low self-esteem, psychological distress, self-injury, suicidal ideation, and drug use, although the frequency of those who do not experience

*cyberbullying* is much lower than those who do; the only exception is the self-harm in cyber-aggressor who has a higher relative frequency (16.1%) than those without cyber experience (27.3%). The highest frequencies are among victims who use drugs (69.1%), have suicidal ideation (65.0%), and psychological distress (58.2%); adolescent victims/aggressors stand out by psychological distress (68.0%) and drug use (63.3%); cyber aggressors report lower frequencies than the other two roles for all mental health problems assessed, except for self-esteem with similar values. Cyber victims and cyber victims/aggressors stand out for the most significant risks of mental health problems.

**Table 1: Mental health among school adolescents according to *cyberbullying* roles and sociodemographic profile variables (relative frequencies and confidence intervals)**

Características		Low self-esteem	Psychic distress	Self-harm	Suicidal ideation	Drug use
		%	%	%	%	%
Cyber	No	9,7 (2,8 - 29,1)	32,1 (14,7 - 56,5)	27,3 (15,9 - 42,8)	19,1 (7,1 - 42,2)	29,6 (16,9 - 46,3)
	Victim	37,9 (23,3 - 55,1)	58,2 (35,2 - 78,1)	50,2 (30,1 - 70,2)	65,0 (47,6 - 79,1)	69,1 (55,1 - 80,3)
	Aggressor	37,1 (24,7 - 51,4)	56,2 (40,1 - 71,1)	16,1 (6,5 - 34,5)	38,3 (20,2 - 60,3)	49,7 (33,1 - 66,5)
	Both	31,2 (24,4 - 38,9)	68,0 (59,7 - 75,3)	38,4 (34,4 - 42,4)	53,4 (47,2 - 59,5)	63,3 (57,6 - 68,7)
Sex	Female	40,8 (33,5 - 48,5)	74,2 (64,4 - 82,1)	47,2 (41,5 - 53,0)	62,4 (55,3 - 69,0)	58,3 (49,5 - 66,7)
	Male	15,8 (10,8 - 22,6)	47,0 (36,6 - 57,6)	19,5 (13,2 - 27,8)	31,1 (25,7 - 37,1)	59,6 (49,8 - 68,6)
Skin color/race	White	35,5 (28,1 - 43,8)	70,4 (59,0 - 79,7)	37,5 (32,4 - 42,9)	50,1 (43,2 - 56,9)	64,1 (56,7 - 70,9)
	Non White	25,4 (18,8 - 33,4)	56,7 (49,2 - 63,9)	33,7 (27,4 - 40,5)	48,2 (41,2 - 55,3)	55,0 (47,5 - 62,2)
Age	13-16 years	31,1 (25,4 - 37,5)	64,4 (56,1 - 72,0)	35,1 (28,3 - 42,6)	48,0 (41,7 - 54,5)	53,2 (46,9 - 59,4)
	17-19 years	28,4 (19,3 - 39,7)	57,3 (45,7 - 68,2)	35,9 (28,2 - 44,5)	51,8 (41,4 - 62,1)	72,1 (55,0 - 84,5)
Family composition	Father +mother	26,5 (20,5 - 33,7)	59,3 (47,2 - 70,3)	33,5 (27,4 - 40,1)	46,1 (40,5 - 51,8)	54,0 (43,8 - 63,9)
	Others	34,7 (25,9 - 44,6)	70,7 (62,7 - 77,7)	39,6 (33,2 - 46,5)	54,6 (49,1 - 60,0)	59,7 (49,5 - 69,2)
Religion	No	28,4 (20,0 - 38,6)	63,0 (52,2 - 72,6)	35,1 (25,8 - 45,8)	55,7 (45,0 - 65,9)	69,0 (58,4 - 78,0)
	Yes	30,9 (24,2 - 38,6)	63,0 (51,3 - 73,4)	36,3 (31,2 - 41,7)	46,8 (40,3 - 53,3)	54,5 (48,6 - 60,3)
Sexual practice	Heterosexual	27,1 (23,0 - 31,6)	58,3 (49,3 - 66,8)	28,1 (24,4 - 32,2)	41,0 (36,7 - 45,4)	57,0 (50,4 - 63,2)
	Homo/bisexual	40,2 (25,6 - 56,8)	77,4 (62,3 - 87,6)	59,5 (43,3 - 73,9)	76,0 (62,2 - 85,9)	81,5 (68,4 - 89,9)
Social stratum	A+B	27,5 (21,3 - 34,8)	64,8 (54,3 - 74,0)	31,2 (26,2 - 36,6)	44,4 (39,0 - 50,0)	58,1 (50,3 - 65,5)
	C+D+E	31,2 (18,7 - 47,1)	59,8 (47,3 - 71,1)	43,2 (32,0 - 55,1)	55,9 (46,3 - 65,1)	62,2 (51,3 - 72,0)

<b>School violence</b>	No	24,5 (16,4 - 35,1)	52,0 (38,0 - 65,6)	24,7 (16,6 - 35,0)	36,5 (26,5 - 47,7)	45,8 (33,7 - 58,4)
	Yes	33,0 (26,3 - 40,4)	67,7 (59,4 - 75,0)	40,8 (36,1 - 45,7)	54,8 (48,8 - 60,6)	65,3 (58,9 - 71,2)
<b>Community violence</b>	No	23,1 (16,0 - 32,2)	51,4 (38,5 - 64,1)	24,0 (19,1 - 29,6)	36,5 (28,9 - 44,8)	48,7 (40,5 - 56,8)
	Yes	39,0 (31,9 - 46,6)	74,6 (69,6 - 79,0)	49,9 (42,1 - 57,7)	63,5 (55,7 - 70,7)	70,3 (61,7 - 77,6)

Note: control variables: sex, age, race, sexual practice, social stratum, religion, family composition, school and community violence.

Whites mention more psychological distress (70.4%) than non-whites (56.7%) and also younger ones (64.4% between 13 and 16 years old; 57.3% between 17-19 years old). Concerning drug use, the older ones predominate (72.1% against 53.2% among the younger ones). Other families' structures (different from father and mother) are associated with low self-esteem and psychological distress; the findings do not reveal an association between family structure and self-harm, suicidal ideation, and drug use. About religion, more adolescents who say they have no religion (69.0%) report using drugs compared to those who report having a religious belief (54.5%). Homosexual or bisexual practice shows superior frequencies compared to heterosexuals on all mental health difficulties.

Regarding socioeconomic strata, youth from the middle and lower classes (55.9%) report more suicidal ideation than those from a higher social class (44.4%); all other mental health problems studied do not correlate with social strata. School violence is associated with psychological distress, self-injury, suicidal ideation, and drug use; the same pattern of association applies to community violence, including low self-esteem.

Table 2 shows two distinct models that assess adolescents' *cyberbullying* roles and mental health variables regarding the presence and absence of control by sociodemographic profile variables and school and community violence. The model without control variables predominates victims (self-esteem, self-harm, suicidal ideation, and drug use) and victims-aggressors (self-esteem, psychological distress, suicidal ideation, and drug use). Aggressors characterize only by low self-esteem and drug use.

The model with controlled variables shows that victims of *cyberbullying* have a greater chance (OR=15.48) of having low self-esteem; victims/aggressors students with low self-esteem also stand out with a higher OR (4.41). Being a victim and a victim/aggressor shows more chance of having psychological

distress (5.17 and 5.42, respectively) than those who do not report this violence in the virtual environment. Cyber victims have 2.75 more chances, and cyber aggressors also have more chances (OR=0,17) of having self-harming behavior when inserted control variables. Victims (OR=4.82) and victims/aggressors (OR=3.17) present more chances of having suicidal ideation than those who do not report *cyberbullying*. Being a victim and a victim/aggressor have a greater chance of using drugs (3.40 and 3.47, respectively) when compared to adolescents who did not experience *cyberbullying*.

**Table 2: Association between *cyberbullying* roles and mental health variables in adolescents (OR crude and adjusted, confidence interval)**

Outcome	Cyberbullying roles	Model without control variables		Model with control variables	
		OR crude	CI 95%	OR adjusted	CI95%
Low self-esteem	No	-	-	-	-
	Victim	<b>5,66</b>	<b>1,40-22,94</b>	<b>15,48</b>	<b>5,13-46,73</b>
	Aggressor	<b>5,46</b>	<b>1,15-25,97</b>	3,67	0,65-20,67
	Both	<b>4,20</b>	<b>1,03-17,08</b>	<b>4,41</b>	<b>1,40-13,91</b>
Psychological distress	No	-	-	-	-
	Victim	2,94	0,69-12,44	<b>5,17</b>	<b>1,37-19,50</b>
	Aggressor	2,71	0,82-8,96	2,43	0,67-8,83
	Both	<b>4,48</b>	<b>1,73-11,58</b>	<b>5,42</b>	<b>1,53-19,17</b>
Self-harm	No	-	-	-	-
	Victim	<b>2,68</b>	<b>1,14-6,30</b>	<b>2,75</b>	<b>1,05-7,21</b>
	Aggressor	0,51	0,46-1,63	<b>0,17</b>	<b>0,04-0,75</b>
	Both	1,66	0,86-3,18	1,04	0,47-2,29
Suicidal ideation	No	-	-	-	-
	Victim	<b>7,84</b>	<b>3,00-20,44</b>	<b>4,82</b>	<b>1,44-16,16</b>
	Aggressor	2,62	0,50-13,85	1,36	0,24-7,81
	Both	<b>4,85</b>	<b>1,37-17,18</b>	<b>3,17</b>	<b>1,17-8,59</b>
Drug use	No	-	-	-	-
	Victim	<b>5,32</b>	<b>1,78-15,90</b>	<b>3,40</b>	<b>1,13-10,29</b>
	Aggressor	<b>2,36</b>	<b>1,26-4,42</b>	1,95	0,92-4,14
	Both	<b>4,12</b>	<b>2,01-8,42</b>	<b>3,47</b>	<b>2,01-5,98</b>

Note: control variables: sex, age, race, sexual practice, social stratum, religion, family composition, school and community violence.

## Discussion

This study advances in investigating *cyberbullying* roles and their relationship with mental health issues (Alhajji, Bass, Dai, 2019; Bottino et al.,

2015). It reinforces the strong relationship between *cyberbullying* and mental health problems and illuminates some differences between the roles of "pure" cyber victim and cyber aggressor (Cuadrado-Gordillo & Fernández-Antelo, 2016; Estévez et al., 2020), reiterating the differentiated impact of being victim, aggressor and both (Lapierre & Dane, 2020; Slonje et al., 2012; Wang & Ngai, 2021; Ybarra et al., 2014)

First of all, it is noteworthy that young people without any involvement with *cyberbullying* refer much less to all mental health problems studied, which reaffirms the issue of public health and deserves intervention in adolescence. Relevantly, the role of *cyberbullying* showed a strong association with adolescent mental health problems such as substance abuse, suicidal ideation, and suicide attempts. Cyber victims are the most vulnerable profile to mental health problems. As pointed out by the literature, being a girl, homosexual/bisexual, living in a family with a different composition of father/mother together, and being a victim of violence at school and in the community stand out as mental health problems in adolescence (Blakemore, 2019; El-Khodary & Samara, 2020).

Overall, our results are similar to a substantial body of research that supports that victims of *cyberbullying* suffer from internalizing problems, including low self-esteem, suicide ideation, nonsuicidal self-injury, and use of illicit substances (Bauman et al., 2013; Bonanno & Hymel, 2013; Hamm et al., 2015; Kwan et al., 2020). Humiliation, helplessness, isolation, and exclusion generate and exacerbate mental suffering. In addition, if *cyberbullying* is perceived as more severe, these consequences could increase. Here is fundamental to know the pre-existing mental health problems, which are more likely than their peers to be bullied, suggesting the existence of a vicious circle whereby psychosocial problems increase the risk of *cyberbullying*, which in turn exacerbates psychosocial problems (Kwan et al., 2020; Reijntjes et al., 2010).

The characteristic of the anonymity or the proximity to the perpetrator, the permanence of the offenses in the online space and the memory of the potential audience, the frequency of the attacks, and the passivity in receiving the offenses, not reacting, and not sharing the situation and the suffering, may aggravate the violence for those who are just victims of *cyberbullying* (Aboujaoude et al., 2015; Kwan et al., 2020). Also, the impact on cyber victims' mental health may be explained by the reliance on new connectivity tools to the point where many would

rather tolerate adverse effects than being disconnected (Aboujaoude et al., 2015). Not knowing the perpetrator's identity is crucial for its impact, but it may be higher if they know who it is or is close to it. The ability to orchestrate the removal of abusive messages posted on platforms and the support given by bystanders may buffer victims against potential negative and reduce the victims' stress (Dredge, Gleeson, de la Piedad, 2014).

Cyber victim-aggressors mental health show connections of those who are just cyber victims, although the impact of the first one seems to be relatively smaller than the second. This finding is curious because it would be expected that cyber victim-aggressors would accumulate the effects of both victimization and aggression from violence. However, it can be hypothesized that the reaction of aggression may represent a response to the digital attack, somehow functioning as protection. Low self-esteem, psychic suffering, suicide ideation, and use of illicit substances are highlighted mental health problems in cyber victim-aggressors.

One of the significant gaps within the current scientific literature on *cyberbullying* is regarding the perpetrators. Little is known about the sociodemographic and mental health characteristics of those students who cyber-victimize others (Fletcher, 2014; Khoury-Kassabri, Mishna & Massarwi, 2019). It is unknown if this behavior is associated with other aggressive conduct (Kowalski et al., 2014). Results are mixed and without consensus. On the one hand, studies show high scores on stress, depression, anxiety, and suicidal behavior among perpetrators (Campbell, Slee, Spears, Butler, & Kift, 2013; Dorol-Beauroy-Eustache & Brian L. Mishara, 2021). Otherwise, other shows that *cyberbullying* was not associated with peer or social problems or worse mental well-being (Fletcher et al., 2014). Our data present that the mental health problems of cyber aggressors are less frequent and different from those observed between cyber victims and cyber victims-aggressors, especially in self-harm, suicidal ideation, and drug use (John et al., 2018). Kowalski, Limber & Agatston (2016) explain that anonymity offered by digital communication allows aggressors to experiment with different 'selves' without any fear and negative evaluation. Personality traits, normative beliefs towards aggression, and living with more excluded groups may partially explain this finding (Dorol-Beauroy-Eustache & Brian L. Mishara, 2021).

Another point to the discussion is the mediating mechanisms between *cyberbullying* and mental health in adolescents. Sex and gender, family and peer relationships, social support, and emotional regulation have been identified as potential mediator variables (Hellfeldt et al., 2020; Wachs et al., 2020). The impact of digital violence is different according to gender, such as internalizing and externalizing suffering (Wiguna et al. 2018). Wachs et al. (2020) found that young people who have difficulty reflecting or regulating emotions and who have poor emotional communication fail to attract others for help, which would be an essential issue in the relationship between *cyberbullying* victimization and self-esteem or suicide ideation. Wang et al. (2020), based on social control theory and the organism-environment interaction model, reported that school engagement is a possible mediating factor between cyber victimization and nonsuicidal self-injury. Chen et al. (2020) found that cyber victimization may increase the risk of deviant peer affiliation, which may help to explain the association between cyber victimization and increased drinking behavior among adolescents. However, the authors note that positive peer affiliation does not appear to protect adolescents from adverse outcomes when they experience high levels of cyber victimization.

This reflection helps to understand the results from crude and adjusted models. Whereas the last model refers to a significant increase in the chance of low self-esteem and the greater frequency of psychic suffering among victims, it is verified the reduction in self-harm, suicidal ideation, and drug use in this group. It indicates that sex, age, race, sexual practice, social stratum, religion, family composition, and school and community violence interfere differently with the relationship between the studied variables.

This study helps to reflect on the need for programs and *cyberbullying* strategies to address different effects on the role of the victim, perpetrator, or both. Gaffney et al. (2019), in a systematic and meta-analytical review, indicate that anti-*cyberbullying* programs can reduce *cyberbullying* perpetration by approximately 10%-15% and *cyberbullying* victimization by approximately 14%. Studies indicate the relevance of empathy and resilience training, educational campaigns, programs developed through collaborative work with adolescents, and focusing on moderate factors that adversely impact adolescent *cyberbullying* victims are some strategies (Ang, 2015; Ashktorab & Vitak, 2016; Chisholm,

2014). Finally, the results should be interpreted in light of the following limitations. First, relying on self-reports for all measures could be subject to recall bias; however, one of the strengths of this study is the use of validated scales to measure the majority of the included concepts. Second, the cross-sectional design did not allow for testing conclusions about causality. Hence, future research should apply a longitudinal design to understand how *cyberbullying* may affect adolescents' mental health, the impact of pre-existing mental health problems, and the mediator variables in such relations. It is vital to know the antecedents or consequences of involvement in *cyberbullying*. Third, it is not easy to compare the results in the Brazilian context since epidemiological studies about the theme are rare in the country. Also, future studies must explore the frequency and severity of *cyberbullying* and online parental supervision and clarify the moderating or mediating effect of gender or sex.

## REFERENCES

- ABEP. (2019). *Critério de avaliação sócioeconômica Brasil: Alterações no critério Brasil*. Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas. [https://www.abep.org/criterioBr/01\\_cceb\\_2019.pdf](https://www.abep.org/criterioBr/01_cceb_2019.pdf)
- Aboujaoude, E., Savage, M. W., Starcevic, V., & Salame, W. O. (2015). *Cyberbullying: Review of an old problem gone viral*. *Journal of Adolescent Health, 57*(1), 10–18. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2015.04.011>
- Abreu, R. L., & Kenny, M. (2018). *Cyberbullying and LGBTQ Youth: A Systematic Literature Review and Recommendations for Prevention and Intervention*. *Journ Child Adol Trauma, 11*.
- Al Qudah, M. F., Al-Barashdi, H. S., Hassan, E. M. A. H., Albursan, I. S., Heilat, M. Q., Bakhiet, S. F. A., & Al-Khadher, M. A. (2020). Psychological Security, Psychological Loneliness, and Age as the Predictors of Cyber-Bullying Among University Students. *Community Mental Health Journal, 56*(3), 393–403. <https://doi.org/10.1007/s10597-019-00455-z>
- Al-Garadi, M. A., Varathan, K. D., & Ravana, S. D. (2016). Cybercrime detection in online communications: The experimental case of *cyberbullying* detection in the Twitter network. *Computers in Human Behavior, 63*, 433–443. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.05.051>

Alhajji, M., Bass, S., & Dai, T. (2019). *Cyberbullying*, Mental Health, and Violence in Adolescents and Associations With Sex and Race: Data From the 2015 Youth Risk Behavior Survey. *Global Pediatric Health*, 6, 2333794X1986888. <https://doi.org/10.1177/2333794X19868887>

Alim, S. (2016). *Cyberbullying* in the World of Teenagers and Social Media: A Literature Review. *International Journal of Cyber Behavior, Psychology and Learning*, 6(2), 68–95. <https://doi.org/10.4018/IJCBPL.2016040105>

Allison, K. R., & Bussey, K. (2016). Cyber-bystanding in context: A review of the literature on witnesses' responses to *cyberbullying*. *Children and Youth Services Review*, 65, 183–194. <https://doi.org/10.1016/j.chidyouth.2016.03.026>

Ang, R. P. (2015). Adolescent *cyberbullying*: A review of characteristics, prevention and intervention strategies. *Aggression and Violent Behavior*, 25, 35–42. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2015.07.011>

Ashktorab, Z., & Vitak, J. (2016). Designing *Cyberbullying* Mitigation and Prevention Solutions through Participatory Design With Teenagers. *Proceedings of the 2016 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems*, 3895–3905. <https://doi.org/10.1145/2858036.2858548>

Avanci, J. Q., Assis, S. G., Santos, N. C. dos, & Oliveira, R. V. C. (2007). Adaptação transcultural de escala de auto-estima para adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 397–405. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722007000300007>

Bauman, S., Toomey, R. B., & Walker, J. L. (2013). Associations among *bullying*, *cyberbullying*, and suicide in high school students. *Journal of Adolescence*, 36(2), 341–350. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.12.001>

Bonanno, R. A., & Hymel, S. (2013). Cyber *Bullying* and Internalizing Difficulties: Above and Beyond the Impact of Traditional Forms of *Bullying*. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(5), 685–697. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9937-1>

Bottino, S. M. B., Bottino, C. M. C., Regina, C. G., Correia, A. V. L., & Ribeiro, W. S. (2015). *Cyberbullying* and adolescent mental health: Systematic review. *Cadernos de Saúde Pública*, 31(3). SciELO Saúde Pública. [http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lang=pt](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2015000300463&lang=pt)

Camerini, A.-L., Marciano, L., Carrara, A., & Schulz, P. J. (2020). *Cyberbullying* perpetration and victimization among children and adolescents: A systematic review of longitudinal studies. *Telematics and Informatics*, 49, 101362. <https://doi.org/10.1016/j.tele.2020.101362>

Campbell, M. A., Slee, P. T., Spears, B., Butler, D., & Kift, S. (2013). Do cyberbullies suffer too? Cyberbullies' perceptions of the harm they cause to others and to their own mental health. *School Psychology International*, 34(6), 613–629. <https://doi.org/10.1177/0143034313479698>

Chen, Q., & Zhu, Y. (2021). *Cyberbullying* victimisation among adolescents in China: Coping strategies and the role of self-compassion. *Health & Social Care in the Community*, hsc.13438. <https://doi.org/10.1111/hsc.13438>

Chisholm, J. F. (2014). Review of the status of *cyberbullying* and *cyberbullying* prevention. *Journal of Information Systems Education*, 25(1), 77.

Cuadrado-Gordillo, I., & Fernández-Antelo, I. (2016). Adolescents' perception of the characterizing dimensions of *cyberbullying*: Differentiation between bullies' and victims' perceptions. *Computers in Human Behavior*, 55. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.10.005>

Davis, J. P., Ingram, K. M., Merrin, G. J., & Espelage, D. L. (2020). Exposure to parental and community violence and the relationship to *bullying* perpetration and victimization among early adolescents: A parallel process growth mixture latent transition analysis. *Scandinavian Journal of Psychology*, 61(1), 77–89. <https://doi.org/10.1111/sjop.12493>

DeSmet, A., Rodelli, M., Walrave, M., Portzky, G., Dumon, E., & Soenens, B. (2021). The Moderating Role of Parenting Dimensions in the Association between Traditional or *Cyberbullying* Victimization and Mental Health among Adolescents of Different Sexual Orientation. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(6), 2867. <https://doi.org/10.3390/ijerph18062867>

Dorol--Beauroy-Eustache, O., & Mishara, B. L. (2021). Systematic review of risk and protective factors for suicidal and self-harm behaviors among children and adolescents involved with *cyberbullying*. *Preventive Medicine*, 152, 106684. <https://doi.org/10.1016/j.ypmed.2021.106684>

Dredge, R., Gleeson, J. F. M., & de la Piedad Garcia, X. (2014). Risk Factors Associated with Impact Severity of *Cyberbullying* Victimization: A Qualitative Study of Adolescent Online Social Networking. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 17(5), 287–291. <https://doi.org/10.1089/cyber.2013.0541>

Edwards, L., Kontostathis, A. E., & Fisher, C. (2016). *Cyberbullying*, Race/Ethnicity and Mental Health Outcomes: A Review of the Literature. *Media and Communication*, 4(3), 71–78. <https://doi.org/10.17645/mac.v4i3.525>

Estévez, E., Cañas, E., Estévez, J. F., & Povedano, A. (2020). Continuity and Overlap of Roles in Victims and Aggressors of *Bullying* and *Cyberbullying* in Adolescence: A Systematic Review. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(20), 7452. <https://doi.org/10.3390/ijerph17207452>

Ferreira, T. R. de S. C., & Deslandes, S. F. (2018). Cyberbulling: Conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(10), 3369–3379. <https://doi.org/10.1590/1413-812320182310.13482018>

Fletcher, A., Fitzgerald-Yau, N., Jones, R., Allen, E., Viner, R. M., & Bonell, C. (2014). Brief report: *Cyberbullying* perpetration and its associations with socio-demographics, aggressive behaviour at school, and mental health outcomes. *Journal of Adolescence*, 37(8), 1393–1398. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.10.005>

Gaffney, H., Farrington, D. P., Espelage, D. L., & Ttofi, M. M. (2019). Are *cyberbullying* intervention and prevention programs effective? A systematic and meta-analytical review. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 134–153. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.07.002>

González-Cabrera, J., León-Mejía, A., Beranuy, M., Gutiérrez-Ortega, M., Alvarez-Bardón, A., & Machimbarrena, J. M. (2018). Relationship between *cyberbullying* and health-related quality of life in a sample of children and adolescents. *Quality of Life Research*, 27(10), 2609–2618. <https://doi.org/10.1007/s11136-018-1901-9>

Gualco, B., Focardi, M., Defraia, B., Calvello, P., & Rensi, R. (2022). *Cyberbullying* victimization among adolescents: Results of the International self-report delinquency study 3. *International Journal of Adolescence and Youth*, 27(1), 125–134. <https://doi.org/10.1080/02673843.2022.2037442>

Hamm, M. P., Newton, A. S., Chisholm, A., Shulhan, J., Milne, A., Sundar, P., Ennis, H., Scott, S. D., & Hartling, L. (2015). Prevalence and Effect of *Cyberbullying* on Children and Young People: A Scoping Review of Social Media Studies. *JAMA Pediatrics*, 169(8), 770. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2015.0944>

Harding, T., De Arango, V., Baltazar, J., Climent, C., Ibrahim, H., Ladrado-Ignacio, L., & Wig, N. (1980). Mental disorders in primary health care: A study of their frequency and diagnosis in four developing countries. *Psychological Medicine*, 10(2), 231-241. doi:10.1017/S0033291700043993

Hellfeldt, K., López-Romero, L., & Andershed, H. (2019). *Cyberbullying* and Psychological Well-being in Young Adolescence: The Potential Protective Mediation Effects of Social Support from Family, Friends, and Teachers. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(1), 45. <https://doi.org/10.3390/ijerph17010045>

Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2008). *Cyberbullying*: An exploratory analysis of factors related to offending and victimization. *Deviant Behavior*, 29(2), 129–156. <https://doi.org/10.1080/01639620701457816>

John, A., Glendenning, A. C., Marchant, A., Montgomery, P., Stewart, A., Wood, S., Lloyd, K., & Hawton, K. (2018). Self-Harm, Suicidal Behaviours, and *Cyberbullying* in Children and Young People: Systematic Review. *Journal of Medical Internet Research*, 20(4), e129. <https://doi.org/10.2196/jmir.9044>

Khoury-Kassabri, M., Mishna, F., & Massarwi, A. A. (2019). *Cyberbullying* Perpetration by Arab Youth: The Direct and Interactive Role of Individual, Family,

and Neighborhood Characteristics. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(12), 2498–2524. <https://doi.org/10.1177/0886260516660975>

Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). *Bullying* in the digital age: A critical review and meta-analysis of *cyberbullying* research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>

Kowalski, R. M., Limber, S. P., & McCord, A. (2019). A developmental approach to *cyberbullying*: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 20–32. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>

Kowalski, R. M., Morgan, C. A., Drake-Lavelle, K., & Allison, B. (2016). *Cyberbullying* among college students with disabilities. *Computers in Human Behavior*, 57, 416–427. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.12.044>

Kwan, I., Dickson, K., Richardson, M., MacDowall, W., Burchett, H., Stansfield, C., Brunton, G., Sutcliffe, K., & Thomas, J. (2020). *Cyberbullying* and Children and Young People's Mental Health: A Systematic Map of Systematic Reviews. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 23(2), 72–82. <https://doi.org/10.1089/cyber.2019.0370>

Lapierre, K. R., & Dane, A. V. (2020). Social advantages and disadvantages associated with cyber aggression-victimization: A latent class analysis. *Computers in Human Behavior*, 113, 106497. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2020.106497>

Mallman, C. S., Lisboa, C. S. de M., & Calza, T. . Z. (2018). *Cyberbullying* e Estratégias de Coping em Adolescentes do Sul do Brasil. *Acta. colomb. psicol.*, 21(1), 13–22.

Moretti, C., & Herkovits, D. (2021). De víctimas, perpetradores y espectadores: Una meta-etnografía de los roles en el *cyberbullying*. *Cadernos de Saúde Pública*, 37(4), e00097120. <https://doi.org/10.1590/0102-311x00097120>

Ngo, A. T., Tran, A. Q., Tran, B. X., Nguyen, L. H., Hoang, M. T., Nguyen, T. H. T., Doan, L. P., Vu, G. T., Nguyen, T. H., Do, H. T., Latkin, C. A., Ho, R. C. M., & Ho, C. S. H. (2021). *Cyberbullying* Among School Adolescents in an Urban Setting of a Developing Country: Experience, Coping Strategies, and Mediating Effects of Different Support on Psychological Well-Being. *Frontiers in Psychology*, 12, 661919. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.661919>

Pfetsch, J., Müller, C. R., Walk, S., & Ittel, A. (2014). Coping of cybervictimization in adolescence—Emotional and behavioral reactions to *cyberbullying*. *Praxis Der Kinderpsychologie Und Kinderpsychiatrie*, 63(5), 343–360. Scopus.

Reijntjes, A., Kamphuis, J. H., Prinzie, P., & Telch, M. J. (2010). Peer victimization and internalizing problems in children: A meta-analysis of longitudinal studies. *Child Abuse & Neglect*, 34(4), 244–252. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.07.009>

Rosemberg, M. (1989). *Society and the adolescent self-image*. Princeton, NJ: Princeton University Press.

Sampasa-Kanyinga, H., Roumeliotis, P., & Xu, H. (2014). Associations between *cyberbullying* and school *bullying* victimization and suicidal ideation, plans and attempts among Canadian schoolchildren. *PLoS ONE*, 9(7). Scopus. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0102145>

Santre, S. (2022). *Cyberbullying* in adolescents: A literature review. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 0(0). <https://doi.org/10.1515/ijamh-2021-0133>

Schultze-Krumbholz, A., Hess, M., Pfetsch, J., & Scheithauer, H. (2018). Who is involved in *cyberbullying*? Latent class analysis of *cyberbullying* roles and their associations with aggression, self-esteem, and empathy. *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 12(4). <https://doi.org/10.5817/CP2018-4-2>

Slonje, R., Smith, P. K., & Frisen, A. (2012). Processes of *cyberbullying*, and feelings of remorse by bullies: A pilot study. *European Journal of Developmental Psychology*, 9(2), 244–259. <https://doi.org/10.1080/17405629.2011.643670>

Smith, P. K., Mahdavi, J., Carvalho, M., Fisher, S., Russell, S., & Tippett, N. (2008). *Cyberbullying*: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>

Sorrentino, A., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Blaya, C. (2019). Epidemiology of *Cyberbullying* across Europe: Differences between Countries and Genders. *Educational Sciences: Theory & Practice*. <https://doi.org/10.12738/estp.2019.2.005>

Tesler, R., Nissanholtz-Gannot, R., Zigdon, A., & Harel-Fisch, Y. (2019). The Association of *Cyber-Bullying* and Adolescents in Religious and Secular Schools in Israel. *Journal of Religion and Health*, 58(6), 2095–2109. <https://doi.org/10.1007/s10943-019-00938-z>

Vieira, M. A., Rønning, J. A., Mari, J. de J., & Bordin, I. A. (2019). Does *cyberbullying* occur simultaneously with other types of violence exposure? *Brazilian Journal of Psychiatry*, 41(3), 234–237. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2018-0047>

Wachs, S., & Wolf, K. D. (2011). Correlates of *cyberbullying* and *bullying*—First results of a self-report study. *Praxis Der Kinderpsychologie Und Kinderpsychiatrie*, 60(9), 735–744. Scopus.

Wang, K., Xiong, Q., Wu, C., Gao, M., & Yu, Y. (2020). Multi-modal *cyberbullying* detection on social networks. *2020 International Joint Conference on Neural Networks (IJCNN)*, 1–8. <https://doi.org/10.1109/IJCNN48605.2020.9206663>

Wang, L., & Ngai, S. S. (2021). *Cyberbullying* Perpetration Among Chinese Adolescents: The Role of Power Imbalance, Fun-seeking Tendency, and Attitude Toward *Cyberbullying*. *Journal of Interpersonal Violence*, 088626052110629. <https://doi.org/10.1177/08862605211062988>

Wendt, G. W., & Lisboa, C. S. de M. (2013). Agressão entre pares no espaço virtual: Definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. *Psicologia Clínica*, 25(1), 73–87. <https://doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>

Wendt, G. *Cyberbullying* em adolescentes brasileiros (2012). Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Vale Rio dos Sinos. <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4749/GuilhermeWendt.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Wiguna, T., & et al. (2018). The gender discrepancy in high-risk behaviour outcomes in adolescents who have experienced *cyberbullying* in Indonesia. *Asian Journal of Psychiatry*. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2018.08.021>

Ybarra, M. L., Espelage, D. L., & Mitchell, K. J. (2014). Differentiating youth who are bullied from other victims of peer-aggression: The importance of differential power and repetition. *Journal of Adolescent Health*, 55(2), 293–300. Scopus. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2014.02.009>

Yuliati, R., & Saptiyasari, A. (2019, março). *Cyberbullying* Involvement: Impacts of Violence Exposure in The Media, Family, Society, and School. *Jurnal Komunikasi Indonesia*.

Zych, I., Baldry, A. C., Farrington, D. P., & Llorent, V. J. (2019). Are children involved in *cyberbullying* low on empathy? A systematic review and meta-analysis of research on empathy versus different *cyberbullying* roles. *Aggression and Violent Behavior*, 45, 83–97. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.03.004>.

## **CAPÍTULO 8 – PREVENÇÃO AO CYBERBULLYING NA ADOLESCÊNCIA** (Encaminhado para publicação no Livro Infâncias Plurais, recortes transversais, Editora CRV)

Este capítulo versa sobre o tema do *cyberbullying* na adolescência e os manejos de prevenção, especialmente, com foco na família e na escola, buscando refletir sobre estratégias de ação hoje existentes. Baseia-se em pesquisa de base populacional “*Violência na comunicação digital: análise dos discursos e práticas disseminados na internet sobre homofobia, auto-perpetração de violências, cyberdating abuse e cyberbullying*” realizado em 2018 nas cidades de Campo Grande (MS) e Vitória (ES), escolhidas pela elevada prevalência de vitimização por *bullying* entre escolares (7,9 e 6,8%, respectivamente) no cenário brasileiro (PENSE, 2015)<sup>8</sup>. O capítulo apresenta dados quantitativos, mas prioriza os resultados qualitativos que revelam a percepção de 77 adolescentes estudantes do 2º ano do ensino médio que foram submetidos a oito grupos focais realizados com adolescentes de oito escolas privadas e públicas nas duas capitais brasileiras<sup>9</sup>.

O fenômeno do *cyberbullying* é definido no Brasil, a partir da Lei 13.185/2015, como forma de intimidação sistemática cuja prática e representação social ocorre no ambiente digital (BRASIL, 2015). Os avanços tecnológicos, o uso de dispositivos eletrônicos com acesso à internet para jogos e outras interações digitais são uma realidade presente na dinâmica dos jovens. Entretanto, nessas ambiências de sociabilidade digital, crianças e adolescentes podem experimentar consequências adversas de cunho emocional, físico e social (BAILIN, 2014; ESPELAGE; HONG, 2017). O *cyberbullying* representa uma “nova e velha face da violência no século XXI” (MINAYO; ASSIS, 2017) em que velhas formas de agressão entre pares se atualizaram em *bullying* e em *cyberbullying*, aproveitando-se do desenvolvimento digital, mantendo e amplificando os efeitos nocivos, diretos e indiretos a saúde dos envolvidos (CHISHOLM, 2014).

---

<sup>8</sup>Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz (CAAE: 58943916.3.0000.5240) e respeitou os protocolos de consentimento e assentimentos necessários para estudos com crianças e adolescentes.

<sup>9</sup>Códigos fictícios substituem os nomes dos alunos: aluno seguido de letra e nome da cidade.

Por ser uma violência que ocorre no contexto digital, destaca-se que crianças e adolescentes representam mais de um terço dos usuários da internet.<sup>10</sup> Apesar de muitos aplicativos (*apps*) de redes sociais digitais alegarem que crianças e adolescentes abaixo de treze anos de idade não podem ter perfis nesses *apps*, na prática, tais recomendações são burladas bem debaixo dos olhos das gigantes tecnológicas. Por sua vez, essas últimas devem, de modo recorrente, atualizar suas políticas de comunidades e de segurança digital, assumindo de tempos em tempos, de modo arbitrário ou por determinação da legislação local e/ou internacional, o “compromisso” com esses e outros protocolos, dados os riscos de exposição à violência a que seus usuários são expostos cotidianamente.

O uso de dispositivos eletrônicos com acesso à internet também se tornou uma realidade no contexto educacional, apontando para um novo tempo educacional que supostamente acompanharia os avanços tecnológicos. Todavia, paralelamente, favorece que modos de violências possam ser observados em páginas e plataformas utilizadas pelas escolas e pelos alunos destas instituições. Na contemporaneidade, é preciso considerar as ambiências de sociabilidade digital administradas pelas escolas.

A Lei de combate à intimidação sistemática *bullying* (Lei 13.185/2015) inclui o *cyberbullying* como uma forma de violência sistemática que ocorre na internet. Entre as ações previstas na lei supracitada, aponta-se a necessidade de que escolas realizem atividades de cunho preventivo e de conscientização voltados para a comunidade escolar que apontem sobre os efeitos deletérios dessas violências no contexto escolar. A Lei 13.185/2015 não aponta de modo explícito que famílias devam ser incluídas nessas ações de enfrentamento à violência sistemática. Entretanto, a família é o primeiro grupo social no qual as crianças e os adolescentes estão inseridos, sendo responsável por sua formação social quanto a valores e crenças, indicando a relevância da participação dos membros da família de referência na vida de crianças e adolescentes no que tange à prevenção de violências. Cabe ressaltar ainda que o Estatuto da Criança

---

<sup>10</sup>SEGURANÇA online de crianças e adolescentes. **Childhood**, Vila Olímpia, 30 set. 2021. Disponível em: <https://www.childhood.org.br/seguranca-online>. Acesso em: 20 out. 2021.

e do Adolescente (Lei 8.069/90) aponta como de responsabilidade da família cumprir sua função protetiva.

Quando o assunto é prevenção de violência no âmbito da saúde, o manejo é dividido em três níveis: primário, secundário e terciário. Conforme aponta Niskier (2012), o primeiro nível contempla a sensibilização dos profissionais em uma perspectiva junto às pessoas e à comunidade e de promoção de melhores condições de vida; no segundo nível, encontra-se a identificação e a intervenção de modo precoce, em uma perspectiva transdisciplinar; no terceiro nível, encontra-se atendimentos mais complexos, em nível hospitalar.

A Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) de 2006 salienta sobre a importância de se construir um modelo de atenção que priorize a qualidade de vida, com ações para a prevenção de violências e estímulo à cultura de paz. Ações de cunho intra e intersetorial são recomendadas por documentos nacionais como a linha de cuidado para atenção integral à saúde de crianças e adolescentes (BRASIL, 2010).

Estudos de avaliações de estratégias e programas de prevenção ao *cyberbullying* identificam a eficácia no enfrentamento a esse grave problema social e de saúde pública (TANRIKULU, 2017; VILLAREJO-CARBALLIDO, 2019), reforçando a ideia de que a discussão sobre prevenção precisa ser ampliada (ANSARI, 2020).

Este capítulo está organizado da seguinte forma: a visão dos adolescentes entrevistados sobre *cyberbullying*; a visão sobre grupos prioritários e ações para apoiar a prevenção de violências digitais na percepção dos adolescentes que sofrem e não sofrem *cyberbullying*; o papel das famílias frente ao *cyberbullying* e sua prevenção; o papel da escola e dos profissionais de Psicologia e Serviço Social nas escolas; considerações finais que buscam sintetizar os aspectos mais relevantes para a prevenção.

### **O que os adolescentes entendem por *cyberbullying*?**

Os adolescentes entrevistados reconhecem o *cyberbullying* como um fenômeno complexo que ocorre com maior frequência entre os alunos do ensino médio se comparado ao nível fundamental. Para os entrevistados, configura-se

como o *bullying*, mas que ocorre no ambiente da internet, caracterizando-se pela violência psicológica, com a intenção de magoar, agredir, xingar, ofender, promover brigas, bloquear em um jogo ou em uma rede social digital e postar conteúdo digital íntimo de colega sem o consentimento. É uma violência que sua ocorrência não respeita um espaço circunscrito físico ou geograficamente. Atos de *cyberbullying* podem desencadear atos de agressão física por parte daqueles que comentam as postagens depreciativas “se eu ver na rua, vou te bater”.

O *cyberbullying* é uma atitude negativa que pra mim não faz sentido. Então ela só visa criticar, ou ofender, ou expor uma outra pessoa por algum motivo que a pessoa que tá expondo acha justificável o ato. Que na verdade não é (aluno B de escola privada de Campo Grande).

Quanto aos motivos que levariam uma pessoa a sofrer *cyberbullying*, são referidos mais frequentemente discriminação/preconceito com base na raça, na orientação sexual e nos papéis de gênero, seguidos por aparência/padrões físicos e questão religiosa. A população LGBTQIA+ e/ou pessoas negras seriam as mais acometidas por *cyberbullying*. Alunos que tiram notas elevadas, também foram apontados, em menor escala, como alvos de *cyberbullying*. Para os entrevistados, os agressores praticariam o *cyberbullying* como uma forma de ataque ofensivo, por considerar que o colega quis demonstrar superioridade em relação aos demais. Os adolescentes associam tanto o *bullying* quanto o *cyberbullying* às questões socioculturais, como: intolerância, machismo, homofobia, racismo e xenofobia. Outro aspecto relevante: os alunos de escolas públicas demarcaram em suas falas a necessidade de nomeação do racismo ao invés de enquadrá-lo como *cyberbullying*. Em uma das escolas, a palavra *bullying* foi considerada como um eufemismo para camuflar questões como o racismo e a xenofobia.

Os adolescentes reconhecem que há diferenças entre o *bullying* presencial e o *cyberbullying*, onde o anonimato se destaca. Embora não seja uma regra, *bullying* costuma preceder o *cyberbullying*, segundo muitos participantes. Os perpetradores, por vezes, não são reconhecidos por suas vítimas nas práticas de *cyberbullying*, podendo nesses casos usar perfis falsos. Outra característica é a relação de poder (em que o perpetrador se considera superior a vítima da agressão digital) e a dificuldade de defesa por parte da vítima. Em contraponto,

a insegurança foi apontada de forma recorrente como uma possível característica dos *cyberbullies* (aqueles que praticam). Ainda apontam que a internet encoraja pessoas a disseminarem conteúdos de ofensa/humilhação, de modo diferenciado do *bullying*.

Os adolescentes percebem que o *cyberbullying* tem ocorrência em todas as plataformas de redes sociais digitais, contudo destacam o Twitter, o Facebook e o WhatsApp como as redes sociais com maior prevalência de atos de *cyberbullying*. Em algumas escolas, os aplicativos de redes sociais de perguntas anônimas, *Curious cat*, *Tellonym*, a plataforma de texto e chamada de voz para games — *Discord* — e os jogos *on-line* foram identificados como espaços de disseminação de *cyberbullying*. Interessante destacar que os aplicativos de mensagens anônimas e os jogos foram citados por estudantes da cidade de Vitória.

Macaco! Tem que ser nego pra jogar assim! (aluno B de escola privada de Vitória).

Cabe destacar que parte dos adolescentes, em especial de escolas privadas, reconhece a existência do canal de denúncia do Facebook, porém tal mecanismo desconsidera o conteúdo ofensivo das mensagens por, supostamente, estarem dentro das diretrizes da plataforma. Esse fato é relevante para o delineamento de medidas de prevenção apontadas mais adiante.

### **Visão geral sobre grupos prioritários e ações para apoiar a prevenção de violências digitais na percepção dos adolescentes que sofrem e não sofrem *cyberbullying***

Ao indagar os 480 adolescentes sobre já terem conversado com alguém sobre *cyberbullying*, tem-se que 62,5% dentre os que já sofreram/praticaram *cyberbullying* e 42,3% ( $p=0,32$ ) entre os que nunca conviveram com o fenômeno responderam afirmativamente sobre dialogar sobre o tema com alguém.

A tabela 1 apresenta dados referidos pelo grupo de jovens que já conversou com alguém sobre *cyberbullying*. A única questão que mostra diferença

estatisticamente significativa entre os grupos é conversar com amigos sobre *cyberbullying*. Os amigos foram as pessoas com quem os adolescentes mais contam entre os que experienciam o fenômeno (73,4%) e também entre os que não sofrem essa vitimização (58,7%,  $p=,021$ ). Conversar com pessoas de grupos de redes sociais aproxima a significação estatística, apontando que mais jovens com experiências de *cyberbullying* (24,3%) buscam apoio no meio virtual em relação aos que não passaram por essa experiência de violência digital (8,3%).

Outras questões da tabela 1 mostram resultado similar entre os papéis de *cyberbullying*. Descrevendo-se apenas o grupo com experiência de *cyberbullying*, 56,3% dos adolescentes conversam muitas ou poucas vezes com os pais ou responsáveis sobre as experiências nas redes sociais, 36,3% buscam diálogo com os irmãos, 39,0% com outros familiares, 43,0% com namorados ou “ficantes”, 25,7% com professores, 26,1% com profissionais de saúde e 17,6% com lideranças religiosas.

Tabela 1: Conversar com alguém sobre incômodos ou dificuldades que passou nas redes sociais digitais

Pessoas	Frequência	Cyberbullying		p.valor
		Não	Sim	
		%	%	
Pais ou responsáveis	Muitas vezes	30,7	19,9	,351
	Poucas vezes	32,7	36,4	
	Nunca	36,6	43,7	
Irmãos	Muitas vezes	11,2	11,8	,291
	Poucas vezes	35,7	24,5	
	Nunca	53,1	63,7	
Outros familiares	Muitas vezes	13,6	11,2	,887
	Poucas vezes	28,2	27,8	
	Nunca	58,2	61,0	
Amigos(as)	Muitas vezes	23,4	41,5	<b>,021</b>
	Poucas vezes	35,3	31,9	
	Nunca	41,4	26,6	
Namorados(as), pessoas com quem “ficam”	Muitas vezes	17,1	19,2	,424
	Poucas vezes	16,0	23,8	
	Nunca	66,9	57,0	
Professores	Muitas vezes	11,2	5,2	,098
	Poucas vezes	10,6	20,6	
	Nunca	78,1	74,3	
Profissionais de saúde	Muitas vezes	3,7	9,9	,319
	Poucas vezes	12,4	16,2	
	Nunca	83,9	73,9	
Padre, pastor ou outro líder religioso	Muitas vezes	7,1	5,1	,744
	Poucas vezes	9,6	12,5	
	Nunca	83,3	82,4	
Grupos nas redes sociais	Muitas vezes	3,3	5,5	,057
	Poucas vezes	5,0	18,8	
	Nunca	91,7	75,7	

Nota: Em negrito diferença estatisticamente significativa

Na tabela 2, verifica-se que os profissionais de saúde foram identificados como importantes para ajudar na prevenção, especialmente, entre os adolescentes que vivenciaram experiências de violência digital (78,1%), se comparado aos adolescentes sem experiências de *cyberbullying* (61,6%,  $p=,010$ ).

As demais pessoas apresentadas como busca de apoio, na tabela 2, apresentam resultados similares entre os grupos que sofreram/praticaram e que não vivenciaram o fenômeno. Destaca-se a seguir apenas os resultados dos que sofreram *cyberbullying*, em ordem decrescente de pessoas que mais podem ajudar a lidar com formas de violência: diálogo e apoio na família (95,0%), apoio dos amigos (91,9%), projetos sociais/programas/atividades que ajudem os jovens a se protegerem (74,4%), diálogo entre pais e a escola (72,3%), apoio da escola (72,7%), pais receberem suporte ou treinamento (69,8%), palestras/atividades na escola (62,9%), leis para proteção de crianças e adolescentes (57,4%), conhecimento sobre o número de jovens com problemas como *bullying* e *cyberbullying* (56,1%), informações através das mídias (53,0%), apoio espiritual e religioso (49,4%).

Tabela 2. O que pode ajudar os adolescentes que sofrem *cyberbullying*, agressões, automutilação.

Ações	Categoria de resposta	Cyberbullying		P – valor
		Não %	Sim %	
Diálogo e apoio na família	Sim	99,1%	95,0%	,071
	Não	,9%	5,0%	
Os pais receberem suporte ou treinamento	Sim	65,4%	69,8%	,658
	Não	34,6%	30,2%	
Diálogo entre pais e escola	Sim	71,3%	72,3%	,907
	Não	28,7%	27,7%	
Palestras/atividades na escola	Sim	61,5%	62,9%	,854
	Não	38,5%	37,1%	
Apoio da escola	Sim	83,5%	71,7%	,149
	Não	16,5%	28,3%	
Apoio dos amigos	Sim	86,2%	91,9%	,223
	Não	13,8%	8,1%	
Apoio de profissionais de saúde	Sim	61,6%	78,1%	<b>,010</b>
	Não	38,4%	21,9%	
Conhecimento sobre o número de jovens com problemas como <i>bullying</i> , etc.	Sim	45,9%	56,1%	,204
	Não	54,1%	43,9%	
Informações através das mídias	Sim	42,0%	53,0%	,217
	Não	58,0%	47,0%	

Projetos sociais/programas/atividades que ajude os jovens a se protegerem	Sim	62,3%	74,4%	,273
	Não	37,7%	25,6%	
Apoio espiritual e religioso	Sim	54,6%	49,4%	,527
	Não	45,4%	50,6%	
Leis para proteção de crianças e adolescentes	Sim	60,1%	57,4%	,723
	Não	39,9%	42,6%	

Nota: Em negrito diferença estatisticamente significativa

Os entrevistados apresentaram respostas livres sobre onde buscar apoio, destacando o uso de assistentes virtuais<sup>11</sup> para o livre desabafo sobre suas questões de cunho pessoal e campanhas espirituais e terapias psicológicas. Foram também referidos: falar com pessoas que não consideram suas questões como “bobeira”, buscar ensinamentos de autodefesa básica de modo gratuito, buscar lugares que ofereçam ajuda sem custo financeiro, falar com pessoas que vivenciaram as mesmas experiências. Revidar as violências sofridas foi ainda relatado como um modo de sentir alívio de seus sofrimentos emocionais.

### **Cyberbullying e o papel das famílias na percepção dos adolescentes**

A relevância da família na prevenção é flagrante, sendo apontada como base ou rede de apoio aos adolescentes para lidarem com o *cyberbullying*: “família é uma coluna, sei lá é um fortalecimento maior” [aluno J de escola pública de Vitória].

Entretanto, há reconhecimento sobre a necessidade de fortalecer os vínculos familiares, sobretudo, entre pais e filhos, a partir do diálogo e afeto. A necessidade de obter a atenção dos pais foi um aspecto importante para os escolares. Um adolescente cita “síndrome de Deus<sup>12</sup>” — como algo que perpassa pelo comportamento dos pais e a dificuldade de dialogar sobre assuntos delicados, como a sexualidade. A família passa a olhar para questão

<sup>11</sup>Assistentes viturais ou assistentes virtuais inteligentes são agentes de software que podem responder a comando por voz ou texto. Exemplo: Alexa do sistemas IOS e Andoid, Google Assistente; Siri do Sistema IOS, Cortana da Microsoft etc.

<sup>12</sup>Segundo Canelli (2021), síndrome de deus/complexo de deus é um comportamento social de alguém tão fervorosamente autoconfiante, arrogante que superestimaria a si mesmo, suas habilidades e seus direitos, não podendo ser confundido com nascisismo. CANELLI, C. Como identificar alguém com um complexo de Deus e o que fazer a respeito. **Jornal da Franca**, Franca, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.jornaldafranca.com.br/como-identificar-alguem-com-um-complexo-de-deus-e-o-que-fazer-a-respeito/>. Acesso em: 23 de ago 2021.

do *cyberbullying* apenas quando tem conhecimento do ocorrido com os próprios filhos, fora isso não é uma preocupação identificada pelos alunos.

O monitoramento das atividades por parte dos pais também foi considerado como manejo para prevenção. Os adolescentes declararam se sentirem muito cobrados pelos resultados escolares pelos responsáveis e pela escola. Diminuir o tempo de uso das redes sociais digitais também foi uma estratégia citada; em momentos em que estava sobrecarregada, não usava internet. Assumir o controle de quando vai usar a internet auxilia a evitar a exposição a conteúdos depreciativos. Relataram ainda dificuldades em comunicar aos pais sobre a necessidade de apoio psicológico. Entre os desafios relatados, está o fato de acharem que os pais reclamariam do pedido de ajuda e achariam que os filhos estavam loucos.

Apesar dos adolescentes apontarem que o apoio da família é algo importante para lidar com o *cyberbullying*, alguns adolescentes verbalizaram sobre a vergonha de exporem situações delicadas, como uma situação de exposição na internet.

Porque ela ficou com medo. Principalmente, por causa do medo... da pessoa espalhar a foto dela na rede social... Ela não quer ajuda nem dos familiares nem dos amigos. Por causa da vergonha de ter a foto... espalhada na rede social e (pausa) outras pessoas comentarem, chamarem ela de prostituta ou qualquer outro apelido (...) (aluno E de escola privada de Vitória).

Na internet, a gente vê muita coisa de pessoas se cortando por conta que elas sofrem *cyberbullying*, que ela não pode contar para o pai dela (aluno B de escola pública de Campo Grande).

Há questionamentos sobre a falta de abertura para dialogar sobre qualquer assunto ou ainda a superficialidade no diálogo entre as famílias e os adolescentes. Esses destaques dos entrevistados se aproximam a um pedido de socorro:

Ela não podia fazer nada com medo de ser divulgada, mas ela também não podia deixar naquela situação, porque esse menino estava sendo um pervertido com ela. Até que chegou um momento que a família dela percebeu e estava, realmente, muito ruim, e ela estava entrando numa depressão e nem os amigos, assim, conseguiam ajudar ela mais. E aí a família percebeu, foi e falou com o menino, acho que, tipo, entrou até um processo jurídico também (Orador E-M).

Às vezes, o problema maior em si não é nem a questão do *bullying*, mas sim a questão de ser, tipo, uma coisa banal para certas pessoas. Tipo, pros pais mesmo. Tem muitos pais que não ligam muito para essa questão (Orador E-H).

As relações estreitas entre os membros da família estão diretamente relacionadas às estratégias que permitam abordar conflitos em diferentes contextos; assim, com o apoio da família, é possível que crianças e adolescentes consigam resolver conflitos sem revidar a agressão recebida (SEMENOVA MORATTO VASQUEZ e colaboradores, 2015). Ou seja, quanto maior a qualidade na relação familiar e na comunicação, parece ser mais fácil falar sobre diferentes assuntos, incluindo questões conflituosas.

Quando o assunto é a influência familiar e a forma como os pais educam seus filhos, estilos autoritários e/ou inconsistentes, comportamentos agressivos, estilos superprotetores e comportamentos de vitimização podem ser considerados como fatores de risco para o fenômeno para ambos os papéis — cyber agressor e cyber vítima (LÓPEZ-CASTRO; PRIEGUE, 2019). Não ensinar sobre convivência social, possíveis experiências cotidianas e estratégias de sobrevivência faz com que crianças e adolescentes possam experimentar um risco mais elevado de relações conflituosas no contexto face a face e digital (CHEN *et al.*, 2018).

Vínculos familiares positivos contribuem para a promoção do bem-estar e da qualidade de vida dos adolescentes (RODRIGUEZ-RIVAS *et al.*, 2022). A família tem um papel importante na prevenção ao *cyberbullying* e a prevenção começa no processo de educação familiar e na forma como as relações na família são estabelecidas.

## **E a escola?**

É expressiva a presença de alunos que praticaram e sofreram ataques de *cyberbullying* em todas as escolas participantes deste estudo, não se constatando diferenças significativas entre escolas públicas e privadas (NJAIN; MINAYO, 2003; TESLER *et al.*, 2019). Embora as experiências de *cyberbullying* perpassem o contexto de escolas públicas e privadas, o manejo como as

diferentes instituições lidam com o fenômeno pode ter especificidades, por exemplo: ações mais pontuais ou programas específicos, ações integradas ou ainda ações articuladas com a rede socioassistencial e outros setores. É importante para a escola ter equipe multiprofissional capacitada para lidar com a questão ou que tenha suporte para lidar com episódios de *cyberbullying*, principalmente, no caso de equipes mínimas. No caso da ausência de equipes multiprofissionais, acredita-se em uma interferência direta no impacto das ações das escolas frente a esse fenômeno.

A escola, por sua vez, é evocada pelo Estado com um importante agente no enfrentamento a essas violências no contexto educacional e é considerada um dos principais atores no enfrentamento ao *cyberbullying*, seguido dos pais e outros setores. Cabe salientar que também está ao encargo desta instituição, enquanto protocolo de segurança escolar, comunicar atos de violência ao conselho tutelar.

Estratégias de controle e monitoramento, campanhas de sensibilização, capacitação, autocuidado e o fortalecimento de laços afetivos têm sido apontadas como forma de manejo voltada para a prevenção ao *cyberbullying* (FERREIRA, 2018), assim como a criação de protocolos e estratégias voltadas para os jovens (DESLANDES; COUTINHO, 2020). Outros exemplos de experiências exitosas são: programas de prevenção ao *cyberbullying*, estabelecimento de regras de convivência (como políticas de tolerância zero a violência e desrespeito no ambiente digital escolar) e modelos dialógicos de mediação de conflitos que envolvam toda a comunidade escolar (VILLAREJO-CARBALLIDO *et al.*, 2019). Há escolas que contemplam em suas ações a pactuação e o diálogo com a rede, incluindo a comunidade científica. Essas medidas vão além das ações e jurisprudências de responsabilização civil a serem consideradas pelas instituições (STEWART; FRITSCH, 2011). Sendo assim, as escolas não podem se eximir de reconhecer o potencial deletério que o *cyberbullying* pode representar para a saúde e segurança dos escolares, bem como precisam estar cientes de suas responsabilidades frente a esse perigo eminente.

Os adolescentes destacam a escola como a representante ideal para tratar de assuntos relacionados ao *cyberbullying*, inclusive no que se refere à

responsabilização. Pelo fato das escolas terem uma relação próxima com os adolescentes, pode ofertar atenção diferenciada aos acometidos.

É bem mais fácil para escola resolver isso do que, por exemplo, tem a delegacia, como ele falou, mas eu acho que não é algo que eles realmente vão pegar e se dedicar cem por cento e colocar uma pessoa que tá sofrendo cyberbullying pra ajudar. Eu acho que é a escola (Orador G-H).

Os alunos fazem críticas às ações existentes e demandam para as escolas que, ao realizarem campanhas sobre *cyberbullying*, possam incluir os pais para uma reflexão sobre o problema (especialmente para os responsáveis dos perpetradores e das vítimas) e que as palestras não sejam repetitivas (leia-se cansativas).

Com relação aos pares, os entrevistados alegam que, quando ocorrem palestras sobre o tema nas escolas, os alunos que praticam *cyberbullying* não costumam assistir ou prestar atenção no conteúdo. Por outro lado, em algumas escolas, haveria falta de atividades sobre o tema.

Hoje em dia, já que tem todas as campanhas, como esse questionário, é muito mais amplo para elas conseguirem buscar ajuda, pra eles contarem e tudo mais, e se protegerem (Orador D-M).

Quanto às penalidades impostas pelas escolas, os adolescentes as consideram brandas, o que pode desencadear outros atos de violência escolar, como represália à denúncia, “raiva e mágoa”. Todavia, para os alunos, as escolas teriam mais facilidade/acessibilidade para acompanhar tais questões.

Parte dos alunos, em especial das escolas privadas, consideram que as unidades não deveriam tratar a questão do *cyberbullying* como tabu, bem como deveriam levar em consideração os efeitos deletérios dessa violência.

Quanto às equipes técnicas nas escolas, compostas por profissionais de Psicologia e Serviço Social, em uma das escolas privadas, surgiu a informação que a psicóloga não estaria disponível com frequência para atender aos alunos. Além disso, não teria como atribuição fazer terapia com os estudantes, apenas de encaminhamento para rede de saúde.

Ressalta-se, a partir desses argumentos, a importância de inclusão de psicólogos e assistentes sociais na escola, em consonância a lei 13.395/19. É

importante que esses profissionais, quando ativos nas escolas, sejam adequados para atender o quantitativo de alunos matriculados nas unidades escolares. Sabe-se que é comum escolas trabalharem com equipes mínimas ou abaixo do que seria determinado como mínima, como uma espécie de silenciamento da urgência da demanda (ALARCÃO *et al.*, 2020; ARREGUY, 2014).

Cabe levar em consideração as especificidades de atuação desses profissionais na área da educação e a relevância do acionamento da rede socioassistencial, sobretudo, da saúde como estratégias relevantes para um trabalho preventivo mais ampliado, que vise a garantia de direitos e promoção de saúde dos estudantes.

Organismos institucionais, como as delegacias, não estariam disponíveis para se dedicar a esse tipo de demanda por terem que lidar com outras questões de maior complexidade, de acordo com parte dos escolares.

### **Considerações finais**

A partir da experiência dos entrevistados, ficou demarcado que o diálogo e o apoio da família, dos amigos e até mesmo de outros atores sociais, como profissionais de saúde e representantes religiosos, são mecanismos de apoio que são acionados pelos adolescentes em maior ou menor escala para lidar com questões sensíveis como o *cyberbullying*.

A família e a escola são as principais instituições evocadas pelos alunos para lidar com o fenômeno, evidenciando a importância dessas instituições enquanto ambientes de interação, aprendizado e desenvolvimento social de adolescentes.

A urgência no fortalecimento de vínculos familiares e na qualidade no diálogo e os benefícios que estes produzem têm sido apontados e conclamados por diferentes setores da educação, assistência social, judiciário e saúde. Ao lado dos pais, Attar-Schwartz *et al.* (2019) destacam a importância do apoio dos pares para o bem-estar e funcionamento dos adolescentes.

Considerando que a internet também é um espaço adocedor e de manifestação de violência, para as escolas, faz-se necessário promover espaços

de reflexão onde os alunos possam falar sobre temas que atravessam seu cotidiano, tanto no contexto face a face quanto o digital.

Para Bevilacqua *et al.* (2017), a vitimização e a prevalência do *cyberbullying* variam consoante ao tipo e à qualidade da escola, apoiando a hipótese de que os fatores organizacionais/gestão dentro da escola podem ter um impacto no comportamento dos alunos.

Na visão dos adolescentes, destacam-se algumas estratégias e ações positivas para a prevenção do *cyberbullying*, como a comunicação positiva — estratégia para uma internet menos polarizada e componente importante no enfrentamento ao *cyberbullying*. O apoio dos amigos foi apontado como importante para lidar com *cyberbullying*. A seleção de quem deve fazer parte do círculo de amigos foi considerado um fator preventivo. Os adolescentes avaliam que participar de grupos de apoio e contatar amigos digitais (laços fracos ou pessoas distantes) poderiam ajudar na não reincidência de acometimento por *cyberbullying*. A empatia e a redução no uso das redes sociais digitais também foram considerados mecanismos de apoio para a prevenção do *cyberbullying*. Optar por encontros presenciais e atividades de lazer foram algumas das ações preventivas adotadas e recomendadas pelos alunos.

Parte dos participantes reconhece a existência das campanhas de conscientização como instrumentos de enfrentamento ao *cyberbullying*. Aponta que as redes ativistas oferecem apoio pontual através das plataformas, mas o suporte presencial teria outro valor. Tais políticas ainda são incipientes. As páginas de instituições ativistas e suas postagens sobre modos de prevenção foram consideradas estratégias positivas.

A prevenção continua sendo uma das mais relevantes maneiras de lidar com *cyberbullying*. Ações isoladas não conseguem dar conta de todos os atravessamentos que o *cyberbullying* pode acarretar na vida dos escolares envolvidos. Família, escola, rede socioassistencial, bem como demais organismos sociais, devem estar comprometidos com essa causa. A escola sozinha não conseguiria dar conta de uma demanda de *cyberbullying* sem a participação da família e de outros atores, como os envolvidos, e mecanismos de proteção.

As plataformas de redes sociais precisam se posicionar de modo preventivo contra as violências, assim como estarem atentas ao uso de linguagem

apropriada para o público alvo de suas ambiências. É necessário refletir sobre o papel das plataformas digitais e da urgência das corporações atuarem de modo mais assertivo quanto à moderação de conteúdos e no reconhecimento de discursos de ódio. Ademais, os profissionais de saúde devem ser considerados como atores importantes na prevenção de *cyberbullying*.

Outro passo é conhecer estratégias internacionais exitosas no enfrentamento ao *cyberbullying* e que possam ser replicadas, com base nas particularidades populacionais de uma dada região. Dar protagonismo aos jovens, ao construir coletivamente ações que possam lidar com *cyberbullying* em uma perspectiva de paz, faz-se medida urgente.

Métodos que reforçam a comunicação e resolução de conflitos permitem que crianças estejam mais confiantes em rejeitar a violência, que os estudantes apoiem mais as vítimas e que toda a comunidade escolar esteja envolvida em políticas, como a de tolerância Zero à violência (VILLAREJO-CABARLLIDO *et al.*, 2019).

Os pais e responsáveis são desafiados a se envolverem positivamente na vida dos escolares. Outro aspecto é buscar monitorar/dialogar sobre a forma como os jovens fazem uso das tecnologias com acesso à internet, como manejo preventivo e casos de *cyberbullying* (MARTIN-CRIADO *et al.*, 2021). Apesar de parte da literatura apontar que a responsabilidade de educação digital é incumbência da escola e da família, entende-se que se trata de uma responsabilidade compartilhada e que deve incluir os órgãos públicos e as plataformas de redes sociais digitais e de comunicação. Também é essencial incluir o tema do *cyberbullying* no currículo escolar de estudantes do ensino fundamental e médio, no desenvolvimento de competências individuais e tecnológicas e de capacitação de professores (MEHARI *et al.*, 2018; FLORES BUILS *et al.*, 2021).

Constata-se, portanto, que prevenir atos de *cyberbullying* é uma urgente ação continuada de mitigação e não deve ser considerada como uma ação de cunho pontual.

## REFERÊNCIAS

ANSARI, N. S. *Cyberbullying: concepts, theories, and correlates informing evidence-based best practices for prevention*. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 50, jan./feb. 2020.

ATTAR-SCHWARTZ, S.; MISHNA, F.; KHOURY-KASSABRI, M. The Role of Classmates' Social Support, Peer Victimization and Gender in Externalizing and Internalizing Behaviors among Canadian Youth. **Journal of Child and Family Studies**, v. 28, n. 9, p. 2335–2346, set. 2019.

BAILIN, A; MILANAİK, R.; ADESMAN, A. Health implications of new age technologies for adolescents: A review of the research. **Current Opinion in Pediatrics**, 2014. 26 (5): 605-619.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 06 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm). Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. **Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019**. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, DF: Presidência da República, [2019]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm). Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Linha de cuidado para a atenção integral à saúde de crianças, adolescentes e suas famílias em situação de violências**: orientação para gestores e profissionais de saúde. Brasília, DF: Ministério da Saúde, [2010]. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha\\_cuidado\\_crianças\\_famílias\\_violências.pdf](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/linha_cuidado_crianças_famílias_violências.pdf). Acesso em: 21 ago. 2021.

CHISHOLM, J. Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. **Journal of Information Systems Education**, [s. l.], v. 25, n. 1, 2014. 25(1).

DESLANDES, S. F.; COUTINHO, T. O uso intensivo da internet por crianças e adolescentes no contexto da COVID-19 e os riscos para violências autoinflingidas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 1, p. 2479-2486, jun. 2020.

ESPELAGE, D.; HONG, J. S. *Cyberbullying prevention and intervention efforts: current knowledge and future directions*. **Canadian Journal of Psychiatry**, [s. l.], v. 62, n. 1, p. 374-380, june 2017.

FERREIRA, T. R. S. C. **Cyberbullying de crianças e adolescentes: definições, associações com a saúde, a educação e propostas de ação**. 2018.

Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

FLORES BUILS, R.; CABALLER MIEDES, A.; ROMERO OLIVER, M. Effect of a cyberbullying prevention program integrated in the primary education curriculum. **Revista de Psicodidáctica** (english ed.), [s. l.], v. 25, p. 1, p. 23:29, jan./june 2020.

LÓPEZ-CASTRO, L.; PRIEGUE, D. Influence of family variables on cyberbullying perpetration and victimization: a systematic literature review. **Social Sciences**, [s. l.], v. 8, n. 3, mar. 2019.

MARTINI-CRIADO, J.M, CASAS, J.S.; ORTEGA-RUIZ, R.S. Parental supervision: predictive variables of positive involvement in cyberbullying prevention. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 8, n. 4, feb. 2021.

MINAYO, M. C. de S.; ASSIS, S. G. **Novas e velhas faces da violência no século XXI**: visão da literatura brasileira do campo da saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017.

MEHARI, K. R., MOORE, W.; WAASDORP, T. E.; VARNEY, O., BERG, K., LEFF S. S. Cyberbullying prevention: insight and recommendations from youths, parents, and paediatricians. **Child: Care, Health and Development**, [s. l.], v. 44, n. 9, 2018.

NISKIER, R. Prevenção da violência contra crianças e adolescentes: do conceito ao atendimento – campanha permanente da Sociedade Brasileira de Pediatria. **Residência Pediátrica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 12-16, 2012.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. de S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 7, n. 13, p. 119-134, ago. 2003.

RODRIGUEZ-RIVAS, M. E. *et al.* The role of family support and conflict in cyberbullying and subjective well-being among chilean adolescents during the Covid-19 period. **Heliyon**, [s. l.], v. 8, n. 4, apr. 2022.

SEMENOVA MORATTO VÁSQUEZ, N. *et al.* La familia como factor predictor de la intimidación escolar en Antioquia (Colombia). **Revista Clínica de Medicina de Familia**, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 97-102, jun. 2015.

STEWART, D. M.; FRITSCH, E. J. School and law enforcement efforts to combat cyberbullying. **Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth**, Philadelphia, v. 55, n. 2, p. 79-87, 2011.

TANRINKULU, I. Cyberbullying prevention and intervention programs in schools: a systematic review. **School Psychology International**, [s. l.], v. 39, n.1, 2014.

TESLER, R. *et al.* The association of cyber-bullying and adolescents in religious and secular schools in Israel. **Journal of Religion and Health**, [s. l.], v. 58, n. 6, p. 2095-2109, dez. 2019.

VILLAREJO-CARBALLIDO, B. *et al.* Dialogic model of prevention and resolution of conflicts: evidence of the success of cyberbullying prevention in a primary school in Catalonia. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, [s. l.], v. 16, n. 6, 2019.

## CAPÍTULO 9 – DISCUSSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo se propôs a investigar a magnitude, os fatores associados (individuais, familiares e sociais), a experiência de ser vítima, agressor e testemunha, assim como as possibilidades de prevenção ao *cyberbullying* em escolas públicas e particulares de duas cidades do país: Vitória (ES) e Campo Grande (MS).

O primeiro produto foi apresentado em formato de artigo teórico, que buscou apontar algumas das dinâmicas de interação na internet: a sociabilidade digital, a hipervisibilidade e o *cyberbullying* como um tipo de ataque a face; o segundo produto buscou evidenciar as similaridades, diferenças e possíveis sobreposições entre os papéis de cyber vítima, cyber agressor e aqueles que ocupam o papel de cyber vítima e agressor concomitantemente; no terceiro produto, buscamos apontar a relação entre os diferentes papéis ocupados por adolescentes envolvidos em *cyberbullying* e a saúde mental, considerando nessa relação as experiências desses escolares sobre a autoestima, o sofrimento psicológico, a automutilação, a ideação suicida e o uso de substâncias psicoativas; um quarto produto foi considerado para explorar uma parte significativa dos dados qualitativos que resultaram deste estudo. Este foi pensado como um capítulo de livro, a partir de convite para compor uma coletânea sobre infâncias plurais. Nele buscamos destacar as estratégias de prevenção de *cyberbullying* a partir da experiência dos adolescentes. Considera-se que os objetivos delineados foram alcançados a partir dos resultados apresentados e que os mesmos foram explanados nos artigos que foram propostos como produtos desta tese.

Avaliamos que este estudo nos permitiu ampliar o conhecimento sobre as mais recentes dinâmicas de *cyberbullying*, e como os impactos desse fenômeno atingem todos os envolvidos em episódios de *cyberbullying*, mesmo que em diferentes proporções. Percebemos ainda que muitos rotulam o *cyberbullying* como o *bullying* que acontece na internet, como se este fenômeno conseguisse dar conta das especificidades e dinâmicas do primeiro. Corroboramos com a ideia de que é necessário se chegar a um certo grau de consenso quanto a definição desse fenômeno e que não se pode generalizar ou confundir o *cyberbullying* com qualquer forma de cyber agressão ou discurso de ódio

ocorrido no ambiente digital. Pensar no *cyberbullying* como uma subcategoria de *bullying* pode ser um caminho, mas não significa que este seja o melhor caminho a se percorrer quando pensamos na definição dessa violência, mas sim pode representar um atalho. Vimos neste estudo que há sobreposição entre *bullying* e *cyberbullying*, que há associações importantes com outras práticas de violências baseadas em gênero, e que questões sociais possuem relação com tal fenômeno.

É preciso romper com a ideia de que o *cyberbullying* é mais uma brincadeira de crianças e adolescentes na internet e que não há mal algum nisso subestimar o potencial destrutivo que esse fenômeno pode representar. O *cyberbullying* é um fenômeno que não pode ser banalizado, dado seu impacto para a saúde mental e para a vida dos envolvidos. Dessa forma, nossa proposta não foi demonizar ou tratar de modo fatalista o *cyberbullying*, mas sim elucidar e reconhecer que esse problema social e de saúde pública pode ter consequências desastrosas aos envolvidos.

Também não tivemos a intenção de reforçar a ideia prematura de que somente a escola e a família darão conta de lidar com o *cyberbullying*, muito menos de culpabilização dessas instituições. Entretanto, tentamos apontar que estas têm grande relevância no enfrentamento do problema e que ações inter e transdisciplinares devem ser pensadas e avaliadas. Faz-se necessário evocar ações mais assertivas por parte das plataformas de redes sociais e demais espaços onde os jovens circulam no ambiente digital.

Os jovens reconhecem a relevância de se prevenir essa violência, porém medir a eficiência dessas estratégias é um fator a ser considerado em estudos futuros (PERREN *et al.*, 2012).

Estar hiperconectado e ter suas vidas e corpos hipervisíveis contribui para que esses sujeitos estejam vulneráveis a ataques digitais (FERREIRA; AVANCI; ASSIS, 2020). Saber manusear com facilidade/agilidade não predispõe a habilidade em lidar com os riscos e as consequências que ataques à face como o *cyberbullying* traz.

Quando pensamos nos papéis dos atores envolvidos em *cyberbullying*, é importante dar atenção para todos os participantes, apesar de reconhecermos os maiores efeitos deletérios desse fenômeno entre as vítimas (TOPCU-UZER; TANRIKULU, 2017; OLWEUS; LIMBER, 2018). A saúde emocional dos

envolvidos em *cyberbullying* é mais fragilizada do que a dos jovens que não tiveram experiências com *cyberbullying*. É importante elucidar os impactos desse fenômeno entre aqueles que ocupam o papel de vítima e agressor ao mesmo tempo e os riscos aumentados desses sujeitos desenvolverem problemas de cunho emocional, como ideação suicida.

Ainda com relação aos papéis desempenhados pelos envolvidos nesse fenômeno, reconhecemos que se faz relevante conhecer os motivos que os enredam com atos de *cyberbullying*, como as fragilidades e exposições a outras formas de violência, bem como as consequências desse envolvimento em *cyberbullying*. Violência enquanto uma questão macro não é um fenômeno isolado, e com o *cyberbullying* não é diferente. Os agressores, por exemplo, têm mais chances de terem contato com armas de fogo e armas brancas em diferentes proporções. A chance de uma violência que ocorra no contexto digital migrar para o contexto face a face é eminente, provocando não só uma sobreposição de violências, mas também gerando a probabilidade da formação ou continuidade de um ciclo de violência. Por isso, é relevante reconhecer que aqueles que humilham e expõem seus pares, por retaliações ou por ciúmes, podem estar vivenciando experiências de violência em outros espaços sociais, como o comunitário, escolar e familiar.

Salientamos que a família pode influenciar nas atitudes de crianças e adolescentes e os jovens as considera como uma das instituições responsáveis de lidar com *cyberbullying*. Importante reconhecer que tanto a escola como a família são instituições em que o ambiente e, por vezes, a comunicação podem ser violentos. Cabe refletir: o que e como os familiares lidam com esse problema?

Outro ponto que merece destaque é a manutenção de uso das plataformas de redes sociais digitais mesmo dentre jovens envolvidos em situações de *cyberbullying*. Ademais, aqueles que sofrem ataques de *cyberbullying* vivenciam tal experiência em mais de uma plataforma, dado o potencial de compartilhamento e sincronização de dados entre as plataformas de redes sociais atuais e ainda pela possibilidade de download de conteúdos de modo célere. Interessante ainda reconhecer o uso de aplicativos de comunicações anônimas entre os jovens, como *Discord* e *Curious Cat*, aplicativos não

populares entre o público adulto — o que aponta que pais e profissionais precisam conhecer os espaços que os jovens circulam e interagem na internet.

Outro fator a ser considerado é que, apesar do Facebook ser uma rede social mais utilizada pelo público adulto, os jovens relataram ter vivenciado ou presenciado experiências de *cyberbullying* nessa rede social digital. Ou seja, não podemos desconsiderar nem mesmo aquelas plataformas que têm menos incidência de interação entre jovens. Ter menos interação ou participação de jovens não impede ocorrência de *cyberbullying*.

Plataformas de redes sociais e aplicativos de comunicação entre jogadores *on-line* precisam ampliar/qualificar suas ações e melhorar sua assertividade ao identificar e acatar denúncias de atos de *cyberbullying*. Devem inclusive realizar ações cabíveis na mitigação de casos de violências, contribuindo, assim, com a promoção de interações digitais saudáveis e incentivando o respeito nesses espaços de sociabilidade digital que estão sob o seu domínio.

Engenheiros de softwares, programadores e comunicadores digitais, entre outros atores, devem ser evocados quando o assunto é prevenção do *cyberbullying*. As plataformas digitais tem um papel relevante na mitigação desse fenômeno. Além disso, devem se responsabilizar ou ser responsabilizadas a promover ações mais assertivas tanto para coibir a disseminação de discursos de ódio (FABRIZ; MENDONÇA, 2022), e outras violências, quanto para realizar estratégias de suporte aos usuários — para além de seus interesses de mercado.

É importante acionar as categorias gênero e raça/cor ao pensar quem são os que sofrem, praticam e sofrem/praticam *cyberbullying* ao mesmo tempo. Um olhar sobre esses aspectos nos remete a pensar o quanto que a educação digital, o uso de estratégias de proteção à privacidade e de dados, bem como o exercício da empatia, são necessários.

Faz-se necessário considerar as experiências plurais que ultrapassam caixas tradicionais/padronizadas e que também são vivenciadas pelos jovens. Entre tais pluralidades, estão a reconhecer os contextos sociais e regionais; a diversidade sexual e racial; as deficiências e outras condições de saúde como transtornos de desenvolvimento. É importante refletir sobre os tipos de relações

e construções sociais que estão sendo apresentadas a sujeitos em desenvolvimento.

Há grande necessidade de desenvolvimento de estudos que abordem a prevenção e as intervenções no fenômeno (BAEK; BULLOCK, 2013). Avaliamos que é necessário avançar com a discussão do papel dos psicólogos e assistentes sociais que atuam nas escolas. A escola e a família ocupam lugar privilegiado na prevenção de *cyberbullying*. Há um reconhecimento de que profissionais de educação precisam ser capacitados sobre a temática no intuito de promover a informação e a disseminação de uma cultura de paz nas escolas (NOSWORTY; RINALDI, 2013; SABELLA *et al.*, 2013) e que os jovens consideram que os responsáveis não sabem lidar com esse fenômeno (WENDT; LISBOA, 2014). Outros estudos propõem o desenvolvimento de habilidades emocionais — de maneira que sejam reduzidos comportamentos impulsivos e agressivos — e que crianças e adolescentes sejam encorajados a desenvolverem empatia e controlar a raiva, utilizando técnicas “auto-gestão emocional” ou resiliência (VON MARÉES; PETERSON, 2012; SUZUKY *et al.*, 2012).

Cabe salientar que a OMS lançou em 2016 um documento chamado *Draft global plan of action on violence*, que sugere estratégias para fortalecerem ações de prevenção à violência interpessoal, dentre elas o *cyberbullying*. Dentre as sugestões apresentadas aos países, estão: (1) o fortalecimento das capacidades individuais e institucionais para prevenir maus-tratos infantis e violência entre pares no sistema de saúde, instituições e setores afins (tais como polícia, educação, serviços); (2) advogar e apoiar o desenvolvimento e a implementação por outros setores de programas para ajudar crianças e adolescentes a desenvolverem habilidades sociais e de vida, e manter relacionamentos positivos a fim de prevenir a violência entre pares; (3) a integração das intervenções para prevenir os maus-tratos infantis nos programas de desenvolvimento infantil e intervenções de violência entre pares em programas de desenvolvimento de jovens, programas de saúde mental e os serviços de saúde escolar, e monitorar sua eficácia (OMS, 2016).

Há, ainda, estudos que propuseram a criação de material informativo com enfoque na prevenção e formulação de políticas escolares visando alcançar municípios e estados para o enfrentamento do problema (GÁRCIA

MALDONADO *et al.*, 2011; KOWALSKI *et al.*, 2014). A revisão de literatura de Santos, Rodrigues e Silva (2017) coloca que o fenômeno ainda é pouco identificado e discutido, mesmo diante das fortes evidências de que tais ações violentas desencadeiam consequências psicológicas reais e recorrentes as suas vítimas.

Ressaltamos que os resultados encontrados neste estudo não refletem a realidade do contexto da pandemia de COVID-19, visto que a coleta dos dados foi realizada em período anterior a esse outro grave problema de Saúde Pública. Contudo, acreditamos que, durante tal período, um número significativo de jovens estiveram expostos ao *cyberbullying* e outras formas de violências digitais. E que as repercussões dessa exposição puderam e/ou poderão ser percebidas tanto com o retorno das atividades escolares presenciais, bem como manifestas através de possíveis alterações comportamentais e emocionais. O que representa um importante sinal de alerta para pais, profissionais e setores sociais.

Concluimos que a prevenção continua sendo uma das mais relevantes maneiras de lidar com *cyberbullying*. Ações isoladas não conseguem dar conta de todos os atravessamentos que o *cyberbullying* pode acarretar na vida dos escolares envolvidos. A família, as escolas, a rede socioassistencial, as plataformas de rede social digitais, bem como demais organismos sociais, devem estar comprometidos com essa temática.

Recomendamos que estudos futuros incluam profissionais de saúde, de educação e outros atores (como conselheiros tutelares) para incitar reflexão e ações de prevenção que possam ser desenvolvidas com crianças e adolescentes, estabelecendo um diálogo com experiências exitosas internacionais.

## REFERÊNCIAS

- ABOUJAOUDE, E.; SAVAGE, M.W.; STARCEVIC, V. SALAME, W. Cyberbullying: review of an old problem gone viral. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 57, n.1, p. 10-18, 2015.
- ABREU, C. N.; EISENTIEN, E.; ESTEFENON, S. G. B. (org). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- AHMED, E. The relationship between domestic violence towards adolescents and their involvement in electronic bullying. **Egyptian Journal of Social Work**, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 63-82, jun. 2020.
- ALIM, S. Cyberbullying in the world of teenagers and social media: a literature review. **International Journal of Cyber Behavior**, [s. l.], v. 6, n. 2, 2016.
- ALLISON, K. R. BUSSEY, K. Cyber-bystanding in context: a review of the literature on witnesses' responses to cyberbullying. **Children and Youth Services Review**, [s. l.], v. 65, p. 183-194, 2016.
- ALMEIDA, J. F. **Bíblia Sagrada**, versão atualizada, 1957. Tamboré: Sociedade Bíblica do Brasil.
- ALONSO, C.; ROMERO, E. Aggressors and victims in bullying and cyberbullying: a study of personality profiles using the Five-Factor Model. **The Spanish Journal of Psychology**, [s. l.], v. 20, dec. 2017.
- AL QUDAH, M. F. *et al.* Psychological security, psychological loneliness, and age as the predictors of cyber-bullying among university students. **Community Mental Health Journal**, [s. l.], v. 56, n. 3, p. 393-403, apr. 2020.
- ALSAWALQA, R. O. Cyberbullying, social stigma, and self-esteem: the impact of COVID-19 on students from east and southeast asia at the University of Jordan. **Heliyon**, [s. l.], v. 7, n. 4, apr. 2021.
- ANTONIADOU, N.; KOKKINOS, C. A review of research on cyber-bullying in Greece. **International Journal of Adolescence and Youth**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 185-201, 2013.
- ÀRSENE, M.; RAYNAUD, J.-P. Cyberbullying (ou cyber harcèlement) et psychopathologie de l'enfant et de l'adolescent : état actuel des connaissances [Cyberbullying and child and adolescent psychopathology: Current state of knowledge]. **Neuropsychiatrie de l'Enfance et de l'Adolescence**, [s. l.], v. 62, n. 4, p. 249-256, 2014.
- ASSAM, A.. SAMARA M. Cyberbullying and the law: a review of psychological and legal challenges. **Computer and Human Behavior**, [s. l.], v. 65, p. 127-141, dec. 2016.

ASSIS; S. G. *et al.* Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, Washington, v. 16, n. 1, p. 43-51, 2004.

ATHANASIOU, K. *et al.* Cross-national aspects of cyberbullying victimization among 14–17-year-old adolescents across seven european countries. **BMC Public Health**, [s. l.], v. 18, n. 1, july 2018.

BAEK, J.; BULLOCK, L. Cyberbullying: a cross-cultural perspective. **Emotional and Behavioural Difficulties**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 226-238, 2014.

BAILEY, G. Cyberbullying: victimization through electronic means. **Current Issues in Middle Level Education**, [s. l.], v. 18, n. 1, p. 1-7, 2013.

BAUMAN, S. Cyberbullying: what does research tell us? **Theory Into Practice**, [s. l.], v. 52, n. 4, p. 249-256, 2013.

BETTS, L. R. **Cyberbullying**. London: Palgrave Macmillan UK, 2016.

BETTS, L. R.; SPENSER, K. A. Developing the cyber victimization experiences and cyberbullying Behaviors Scales. **The Journal of Genetic Psychology**, [s. l.], v. 178, n. 3, p. 147-164, may/june 2017.

BLAYA, C. Cyberhate: a review and content analysis of intervention strategies. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 45, p. 163-172, 2019.

BOTTINO, S. M. *et al.* Cyberbullying and adolescent mental health: systematic review. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 3, p. 463-475, mar. 2015.

BORTMAN, R., PATELLA, K., DE ALMEIDA, R. L. P. F. Bullying e cyberbullying: a relação com o suicídio na adolescência e suas implicações penais. **Unisanta Law and Social Science**, v. 7, n. 3, p. 219-235, 2018. Disponível em: <http://periodicos.unisanta.br/index.php/lss/article/view/1711>. Acesso em: 15 jul. 2019.

BRASILEIRO, J. G. **Significados atribuídos ao cyberbullying envolvendo adolescentes**: subsídios para educação e saúde no contexto escolar. 2016. Dissertação (Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) – Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

BRASIL. **Lei nº 12.737 de 30 de novembro de 2012**. Dispõe sobre a tipificação criminal de delitos informáticos; altera o Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [2012]. Disponível: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12737.htm) Acesso em: 10 dez. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.185, de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). Brasília, DF: Presidência da República, [2015]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13185.htm)  
Acesso em: 07 dez. 2019.

BREWER, G.; KERSLAKE, J. Cyberbullying, self-esteem, empathy and loneliness. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 48, p. 255-260, July 2015.

BRIGHI, A. *et al.* Predictors of victimisation across direct bullying, indirect bullying and cyberbullying. **Emotional and Behavioural Difficulties**, [s. l.], v. 17, n. 3-4, p. 375-388, 2012.

BRUNETT, A. L.; YOZWIAK, J.O.; OMAR, H. A. Cyberbullying: a brief review. **International Journal of Child and Adolescent Health**, [s. l.], v. 6, n. 4, p. 465-468, 2013.

BRUNO, F. **Modos de ver, modos de ser, vigilância tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulinas, 2015.

CAETANO, A.P. *et al.* Cyberbullying: motivos da agressão na perspectiva de jovens portugueses. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 141, p. 1017-1034, out./dez. 2017.

CANTONE, E. *et al.* Interventions on bullying and cyberbullying in schools: a systematic review. **Clinical Practice & Epidemiology in Mental Health**, [s. l.], v. 11, p. 58-76, 2015.

CARDOSO, F. L. O Conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Interamerican Journal of Psychology**, [s. l.], v. 42, n. 1, p. 69-79, 2008.

CARLINI-COTRIM, B. H. R. S.; BARBOSA, M. T. S. **Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes**: um manual de orientações gerais. 1993. Monografia. Escola Paulista de Medicina, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 1993.

CARPENTER, L. M. HUBBARD, G. B. Cyberbullying: Implications for the Psychiatric Nurse Practitioner. **Journal of Child and Adolescent Psychiatric Nursing**, [s. l.], v. 27, p. 142-148, 2014.

CASSIDY, W.; JACKSON, M.; BROWN, K. N. Sticks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me? Students' experiences with cyber-bullying. **School Psychology International**, [s. l.], v. 30, n. 4, p. 383-402, Aug. 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Buenos Aires: Paz & Terra, 2018.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CASTRO SCHREIBER, F. C.; ANTUNES, M. C. Cyberbullying: do virtual ao psicológico. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 109-125, jan. 2015.

CÉNAT, J. M. *et al.* Correlates of bullying in Quebec high school students: the vulnerability of sexual-minority youth. **Journal of Affective Disorders**, [s. l.], v. 183, p. 315-321, 2015.

CIAVATTA, MARIA. Estudos comparados: sua epistemologia e sua historicidade. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7, p. 129-151, 2009.

CHEN, Q. *et al.* Family poly-victimization and cyberbullying among adolescents in a chinese school sample. **Child Abuse & Neglect**, [s. l.], v. 77, p. 180-187, 2018.

CHISHOLM, J. Review of the status of cyberbullying and cyberbullying prevention. **Journal of Information Systems Education**, [s. l.], v. 25, n. 1, p. 77-87, 2014.

COSTA, K. S. *et al.* Cyberbullying e os transtornos psicológicos decorrentes: uma revisão integrativa. **Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 8, p. 131-137, 2018.

COCHRAN, W. G.; CHAMBERS, S. P. The planning of observational studies of human populations. **Journal of the Royal Statistical Society**, [s. l.], v. 128, n. 2, p. 234-266, 1965.

COUVILLON, M. A.; LIEVA, V. Recommended practices: A review of schoolwide preventative programs and strategies on cyberbullying. **Preventing School Failure: Alternative Education for Children and Youth**, [s. l.], v. 55, n. 2, p. 96-101, 2011.

CRAIG, E. A.; COMPTON, J.; LUURS, G. D. Cyberbullying and family communication theory and research. **IGI Global**, [s. l.], p. 200-217, 2022.

CROSS, D. *et al.* A social–ecological framework for understanding and reducing cyberbullying behaviours. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 23, p. 109-117, july/aug. 2015.

CZERESNIA D.; FREITAS C. M. (org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003. p.39-53.

DAHBERG, L. L.; KRUG, E. G. Violência: um problema global de saúde pública. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 11, p. 1163-1178, 2006.

DANTAS, M.; NETO, A. O discurso homofóbico nas redes sociais da internet: uma análise no Facebook “Rio sem Homofobia – grupo público”. **Cadernos do Tempo Presente**, São Cristóvão (SE), n. 19, p. 27-41, mar./abr. 2015.

DELLA CIOPPA, V.; O'NEIL, A.; CRAIG, W. Learning from traditional bullying interventions: a review of research on cyberbullying and best practice. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 23: 61-68, july/aug. 2015.

DESMET, A. *et al.* Bridging behavior science and gaming theory: using the intervention mapping protocol to design a serious game against cyberbullying. **Computers in Human Behavior**, [s. l.], v. 56, p. 337-351, 2016.

ELIPE, P.; MUÑOZ, M. DE L. P.; DEL REY, R. Homophobic bullying and cyberbullying: study of a silenced problem. **Journal of Homosexuality**, [s. l.], v. 65, n. 5, p. 672-686, 2018.

EXTREMERA, N. *et al.* Cyberbullying Victimization, Self-Esteem and Suicidal Ideation in Adolescence: Does Emotional Intelligence Play a Buffering Role? **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 367, mar. 2018.

FABRIZ, D. C.; MENDONÇA, G. H. O papel das plataformas de redes sociais diante do dever de combater o discurso de ódio no Brasil. **Revista da Faculdade de Direito UFPR**, Curitiba, v. 67, n. 1. p. 127-149, jan./abr. 2022.

FACEBOOK. **Padrões da comunidade do Facebook**. Disponível em: [https://www.facebook.com/communitystandards/violence\\_criminal\\_behavior](https://www.facebook.com/communitystandards/violence_criminal_behavior). Acesso em: 20 ago. 2020.

FAUCHER, C.; CASSIDY, W.; JACKSON, M. From the sandbox to the inbox: comparing the acts, impacts, and solutions of bullying in k-12, higher education, and the workplace. **Journal of Education and Training Studies**, v. 3, n. 6, p. 111-125, 2015.

FERREIRA, T. R. DE S. C.; DESLANDES, S. F. Cyberbullying: concepts, dynamics, characters and health implications. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 10, p. 3369-3379, 2018.

FERREIRA, T. R. DE S. C.; ASSIS, S. G. DE; AVANCI, J. Q. Sociabilidade digital, hipervisibilidade e o ataque a face do chamado cyberbullying. **Cadernos Zygmunt Bauman**, [s. l.], v. 10, n. 23, 2010.

FLACH, R. M. D.; DESLANDES, S. F. Abuso digital nos relacionamentos afetivo-sexuais: uma análise bibliográfica. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 7, 2017.

FOODY, M. *et al.* Friendship quality and gender differences in association with cyberbullying involvement and psychological well-being. **Frontiers in Psychology**, [s. l.], v. 10, 2019.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999

- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- GAFFNEY, H. *et al.* Are cyberbullying intervention and prevention programs effective? A systematic and meta-analytical review. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 45, p. 134–153, mar./apr. 2019.
- GARCÍA-MALDONADO, G. *et al.* Cyberbullying: forma virtual de intimidación escolar. **Revista Colombiana de Psiquiatría**, [s. l.], v. 40, n. 1, p. 115-130, 2011.
- GINI, G.; ESPELAGE, D. L. Peer victimization, cyberbullying, and suicide risk in children and adolescents. **JAMA**, [s. l.], v. 312, n. 5, p. 545-546, 2014.
- GRIGG, D. W. Cyber-aggression: definition and concept of cyberbullying. **Journal of Psychologists and Counsellors in Schools**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 143-156, 2010.
- GONDIM, S. M. G. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 12, n. 24, p. 149-161, 2002.
- HAMM, M. P. *et al.* Prevalence and effect of cyberbullying on children and young people: a scoping review of social media studies. **JAMA Pediatrics**, [s. l.], v. 169, n. 8, p. 770-777, 2015.
- HARDING, T. W. *et al.* Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. **Psychological Medicine**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 231-241, 1980.
- HÉRBERT, M. *et al.* Child sexual abuse, bullying, cyberbullying, and mental health problems among high schools students: a moderated mediated model. **Depression and Anxiety**, [s. l.], v. 33, n. 7, p. 623-629, 2016.
- HINDUJA, S.; PATCHIN, J. W. Bullying, cyberbullying, and suicide. **Archives of Suicide Research**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 206-221 2010.
- JOHN, A. *et al.* Self-harm, suicidal behaviours, and cyberbullying in children and young people: systematic review. **Journal of Medical Internet Research**, [s. l.], v. 20, n. 4, 2018.
- KEEN, A. **Vertigem digital**: por que as redes sociais estão nos dividindo, diminuindo e desorientando? Rio de Janeiro: Zahar, 2012.
- KORENIS, P., BILLICK S. B. Forensic implications: adolescent sexting and cyberbullying. **Psychiatric Quarterly**, [s. l.], v. 85, n. 1, p. 97-101, 2014.
- KOWALSKI, R. *et al.* Bullying in the digital age: a critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. **Psychological Bulletin**, [s. l.], v. 40, n. 4, p. 1073-1173, 2014.

KOWALSKI, R.; LIMBER, S. P.; MACCORD, A. A developmental approach to cyberbullying: prevalence and protective factors. **Aggression and Violent Behavior**, [s. l.], v. 45, p. 20-32, mar./apr. 2019.

IBGE. Censo Demográfico 2010. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística** Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf) Acessado em 28/06/2018.

\_\_\_\_\_. Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2012. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Rio de Janeiro 2013. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv64436.pdf> Acessado em 28/06/2018.

IPSOS. Governance Innovation for a Connected World: Protecting Free Expression, Diversity and Civic Engagement in the Global Digital Ecosystem, Org. **Donahoe, E.; Hampson, F.A.**, 2018 Disponível em: <https://www.cigionline.org/publications/governance-innovation-connected-world-protecting-free-expression-diversity-and-civic-0> Acessado em: 09/12/2019.

JACKSON J, RANDELL KA, MILLER MK. Adolescent relationship abuse: how to identify and assist at-risk youth in the emergency department. **Clin Pediatr Emerg Med** 2016; 16:113-8.

LEMOS A. Cibercultura. Tecnologia e vida social da cultura contemporânea. 15ª edição. Porto Alegre. **Editora Sulina**, 2015.

LI, Q., SMITH, PQ. CROSS D.. *Cyberbullying* in the global playground. Research for international perspective. First edition. **Blackwell Publishing**. Ano 2012.

LIVAZOVIĆ, G.; HAM, E. Cyberbullying and emotional distress in adolescents: the importance of family, peers and school. **Heliyon**, v. 5, n. 6, p. e01992, jun. 2019.

LOUIS, M-V. Diga-me: o que significa gênero? **Sociedade e Estado**, 2006. 21 (3) 711-724. DOI: 10.1590/S0102-69922006000300008

LOURO, G.L. Gênero, sexualidade e educação Uma perspectiva pós estruturalista. **Editora Vozes**, Petrópolis 1997.

LUCAS-MOLINA, B.; PÉREZ-ALBÉNIZ, A.; GIMÉNEZ-DASÍ, M. La evaluación del *cyberbullying*: situación actual y retos futuros. **Papeles del psicólogo**, 2016. 37(6):27-35.

LUCAS-MOLINA, B.; PÉREZ-ALBENIZ, A.; PEDRERO, E. F. The potential role of subjective wellbeing and gender in the relationship between bullying or cyberbullying and suicidal ideation. **Psychiatric Research**, 2018. 270: 595–601. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.10.043>

MACAULAY, P.; BETTS, L.; STILLER, J.; KELLEZI, B. Perceptions and responses towards *cyberbullying*: A systematic review of teachers in the education system. **Aggression and Violent Behavior**, 2018. 43:1-12. DOI: 10.1016/j.avb.2018.08.004

MAGALHÃES, M.; CAMEIRA, M.; RODRIGUES, L.; NOGUEIRA, C. *Cyberbullying* e comunicação de teor homofóbico na adolescência: estudo exploratório das suas relações. **Psicologia Escolar e Educacional**, 2019. 23. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-85572019000100331&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572019000100331&tlng=pt)

MAIA, J. DE O.; BRAGA, D. B. Popularidade e visibilidade em redes sociais *online*: negociação de capitais sociais em meio digital para ampliação de audiência. **Signótica**, 2017. 29 (2), 354-376. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sig.v29i2.35577>

MALLMAN, C. L.; LISBOA, C. S. M.; CALZA, T. Z. *Cyberbullying* e Estratégias de Coping em Adolescentes do Sul do Brasil. **Acta. colomb. psicol.**, 2018. 21 (1): 13-22.

MARTÍNEZ-MONTEAGUDO, M. C. et al. Cyberbullying, Aggressiveness, and Emotional Intelligence in Adolescence. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 16, n. 24, p. 5079, 12 dez. 2019.

MASSUKADO, M. Análise comparativa de estratégias qualitativas de investigação: possibilidades para a pesquisa em turismo. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 1 (1): 9-27.

MEDEIROS, E. D.; GOUVEIA, V. V.; MONTEIRO, R. P., SILVA, P. G. N. Escala de Comportamentos de *Bullying* (ECB): Elaboração e Evidências Psicométricas. **Psico-USF**, Bragança Paulista, 2015. 20 (3):385-397.

MELO, JOSEVALDO ARAÚJO DA. *Cyberbullying: a violência virtual*. Recife: **EDUPE**, 2011. 2ª edição, 120 p.

METER, D. J.; BAUMAN, S. Moral Disengagement About *Cyberbullying* and Parental Monitoring: Effects on Traditional *Bullying* and Victimization via *Cyberbullying* Involvement. **The Journal of Early Adolescence**, 2018. 38(3): 303-326. DOI: 10.1177/0272431616670752

MINAYO M. C. S.; ASSIS S. G.; SOUZA E. R. (org). Avaliação por triangulação de métodos: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: **Editora Fiocruz**; 2005. 244 p.

MINAYO, M. C. E SOUZA, EDNILSA. R. de. Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. **História, Ciências, Saúde**. Ano 1998, IV(3): 513-531.

NETO, ARAMIS A. LOPES. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Vol. 81 nº 5 suppl. 0. Porto alegre: Nov. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0021-75572005000700006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0021-75572005000700006)

NIKOLAU, D. Does *Cyberbullying* Impact Youth Suicidal Behaviors? **Journal of Health Economics**, 2017. 56: 30-46 Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0167629617300528>

NOSWORTHY, NIKKI; RINALDI, CHRISTINA. A review of school board cyberbullying policies in Alberta. **Alberta Journal of Educational Research**, 2018. v. 58.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids online Brasil 2016 - crianças e adolescentes: indicadores. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, São Paulo, 2017. 1ª ed. Disponível em <http://cetic.br/pesquisa/kids-online/indicadores>.

\_\_\_\_\_. Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil : TIC Kids Online Brasil 2020 : edição COVID-19 : metodologia adaptada. **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, São Paulo, 2021. 1ª.ed. Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211125083634/tic\\_kids\\_online\\_2020\\_livro\\_eletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20211125083634/tic_kids_online_2020_livro_eletronico.pdf)

OIKAWA, E. Dinâmicas relacionais contemporâneas: visibilidade, performances e interações nas redes sociais da internet in *Interações em rede*. Primo, Alex. Porto Alegre: **Editora Sulina**, 2016.

OLIVEIRA, T. Redes sociais na internet, narrativas e a Economia étnica: breve estudo sobre a Feira cultural preta. In: *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais*. Org. Silva, T. Burckstegge, J, Rogedo, P. **Ed. IBPAD**. Brasília, 2018.

OLWEUS, D. *Bullying* at School: Knowledge Base and an Effective Intervention Program. **Annals of the New York Academy Sciences**, 1996.

\_\_\_\_\_; LIMBER, S. P. Some problems with cyberbullying research. **Current Opinion in Psychology**, v. 19, p. 139–143, fev. 2018.

OPAS. Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HA!): guia de orientação para apoiar a Implementação pelos países. Washington, D.C.: **Organização Pan-Americana de Saúde**, 2018.

ORTEGA-BARÓN, J.; BUELGA, S.; CAVA, M.J.; TORRALBA, E. School Violence and Attitude Toward Authority of Student Perpetrators of Cyberbullying. **Revista de Psicodidáctica**, 2017, 22(1), 23-28. DOI: 10.1387/RevPsicodidact.16398

PATCHIN, J.; HINDUJA, S. Bullies move beyond the school Yard: A preliminar look at *cyberbullying*. **Youth Violence and Juvenile Justice**, 2006. 4(2).

\_\_\_\_\_. Measuring *Cyberbullying*: Implications for Research. **Aggression and Violent Behavior**, 2015. 23 DOI: 10.1016/j.avb.2015.05.013.

\_\_\_\_\_. Measuring *cyberbullying*: implications for research, **Aggression and Violent Behavior**, 2009, 23:69-74.

PERASSO, G. et al. Written and visual cyberbullying victimization in adolescence: Shared and unique associated factors. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 18, n. 5, p. 658–677, 3 set. 2021.

PEREIRA, S.; AMADO, J.; PESSOA, T. *Cyberbullying*: estudo exploratório sobre as percepções dos professores. **Práxis Educacional**, 2019.8 (13): 107-12.

PERREN, S.; GUTZWILLER-HELFENFINGER, E. Cyberbullying and traditional bullying in adolescence: Differential roles of moral disengagement, moral emotions, and moral values. **European Journal of Developmental Psychology**, v. 9, n. 2, p. 195–209, 2012.

PICHEL, R. et al. Analysis of the relationship between school bullying, cyberbullying, and substance use. **Children and Youth Services Review**, v. 134, p. 106369, mar. 2022.

POWELL, A.; SCOTT, A. J.; HENRY, N. Digital harassment and abuse: Experiences of sexuality and gender minority adults. **European Journal of Criminology**, 2018. 1-25. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1477370818788006>

PRIMO, A. O que há de social nas mídias sociais? Reflexões a partir da teoria ator-rede. **Contemporânea comunicação e cultura**. v.10, n.03, ano 2012.

RECUERO, RAQUEL. Atos de ameaça à face e a conversação em Redes Sociais digitais na internet. In: Alex Primo. (Org.). *Interações em Rede*. 1ed. Porto Alegre: **Sulina**, 2013, v. 1, p. 51-70. versão rascunho/draft Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/rascunhoatosdeameaca.pdf>

REIS, ABEL. *Sociedade.com: Como as tecnologias digitais afetam quem somos e como vivemos*. **Arquipélogo Editorial**. Porto Alegre, 2018.

Reportagem do site direciona escola sobre pesquisa da Intel Security (2015). **Direcional escolas**. Publicada em 2015. Disponível em: <http://direcionalescolas.com.br/2015/08/03/intel-security-alerta-pais-sobre-o-risco-de-cyberbullying-na-volta-as-aulas/>.

ROCHA, C.F.G. Genderbullying e ódio online: uma revisão sistemática sobre os impactos em pessoas não-heteronormativas. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Justiça: Vítimas de Crime. **Universidade Lusófica do Porto**. Porto, 2021.

ROGERS, SALGADO T.B.P. O fim do virtual: os métodos digitais. **Lumina** 2016; 10(3):1-34.

RONIS, S.; SLAUNWHITE, A. Gender and Geographic Predictors of Cyberbullying Victimization, Perpetration, and Coping Modalities Among Youth. **Canadian Journal of School Psychology**, v. 34, n. 1, p. 3–21, mar. 2019.

ROSE, C. A.; TYNES, B. M. Longitudinal Associations between Cybervictimization and Mental Health among U.S. Adolescents. **Journal of Adolescent Health**, v. 57, n. 3, p. 305–312, 2015.

SANSONE, R. A.; SANSONE, L. A. Cell phones: The psychosocial risks. **Innovations in Clinical Neuroscience**, v. 10, n. 1, p. 33–37, 2013.

SANTOS, J.; RODRIGUES, M.; SILVA, J. DE O. M. Cyberbullying: Violência Virtual com Consequências Reais. **Anais internacional nursing congress**, [s.d.].

**SAFERNET**. Indicadores 2015. Disponível em:  
<http://www.safernet.org.br/divulgue/helplineviz/helpchart-page.html>

Sharma, D.; Kishore, J.; Sharma, N.; Duggal, M. Aggression in schools: *Cyberbullying* and gender issues. **Asian Journal of Psychiatry**, 2017. 29: 142-145. DOI: 10.1016/j.ajp.2017.05.018

SANSSON, H.; MESCH, G. Parental mediation, peer norms and risky online behavior among adolescents. **Computers in Human Behavior**, 2014. 33:32-38. Disponível em  
<https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/S0747563213004780>

SANTOS, K.O.B., ARAÚJO, T.M., OLIVEIRA, N. F. Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) em população urbana. **Ca. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 25(1):214-222, 2009.

SCOTT, J.W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva. **Educação e realidade**, 1995. 20 (2) 71-99. Disponível em: [https://archive.org/details/scott\\_gender](https://archive.org/details/scott_gender)

SILVA, F. C. D. T. Estudos comparados como método de pesquisa. **Revista Brasileira de Educação**, Ano 2016. Vol. 21(64).  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v21n64/1413-2478-rbedu-21-64-0209.pdf>

SILVA, M. GONÇALVES, E. A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção. In. Mídias sociais : uma contribuição de análise. org. Elias E. Goulart. **EDIPUCRS**, Porto Alegre, 2014. 152 p.

SITTICHAJ, R., SMITH, P. *Bullying and Cyberbullying in Thailand: Coping Strategies and Relation to Age, Gender, Religion and Victim Status.* **Journal of New Approaches in Educational Research**, 2018. 7(1):24-30

SMITH, B. W., DEMPSEY, A. G., JACKSON, S., RICHARD OLENCHAK, F., GAA, J. *Cyberbullying among gifted children.* **Gifted Education International**, 2012. 28 (1): 112-126.

SMITH, P. K. 19 - Commentary: Ways of preventing *cyberbullying* and evidence-based practice In: Reducing *Cyberbullying* in Schools. International Evidence-Based Best Practices. **Academic press** 2018, 257-272. Disponível em: <https://linkinghub.elsevier.com/retrieve/pii/B9780128114230000195>

\_\_\_\_\_ & BERKKUN, F. How research on cyberbullying has developed. In Mc Guckin, C., & Corcoran, L. (Eds.). *Bullying and cyberbullying: Prevalence, psychological impacts and intervention strategies.* NY, **Nova Science**, 2017. P. 11-27.

SHAPKA, J. D., & MAGHSOUDI, R. Examining the validity and reliability of the cyber-aggression and cyber-victimization scale. **Computers in Human Behavior**, 2017. 69: 10–17. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.12.015>

SOARES, A.K.S.; GOVEIA, V.V.; GOUVEIA, R.S.V.; FONSECA, P.N.; PIMENTEL, C.E. Escala Califórnia de Vitimização do *Bullying* (ECVB): Evidências de Validade e Consistência Interna. **Trends in Psychology / Temas em Psicologia**, 2015. 23 (2): 481-491 DOI: 10.9788/TP2015.2-18

STELKO-PEREIRA, A.C.; BRITO, R.M.S.; BATISTA, D.G.; GONDIM, R.S.; BEZERRA, V.M. Violência virtual entre alunos do ensino fundamental de diferentes estados do Brasil. **Psic. da Ed.**, 2018. 46:21-30.

SUZUKI, K, ASSAGA, R., SOURANDER, A., HOVEN, C. W., MANDELL, D. *Cyberbullying* and adolescent mental health. **Int J of Adolesc Med Health** 2012; 24 (1):27-35.

TANRIKULU, T. *Cyberbullying* from the perspective of choice theory. **Educational Research and Reviews**, 2014. 9(18):660-665  
The report Children's online risks and opportunities: Comparative findings from **EU Kids Online** and Net Children Go Mobile is online at <http://www.netchildrengomobile.eu/reports/>

THOMAS, H.J.; CONNOR, J.P.; & SCOTT, J.G. Integrating Traditional *Bullying* and *Cyberbullying*: Challenges of Definition and Measurement in Adolescents – **A Review Educ Psychol Rev**, 2015. 27: 135. DOI: 10.1007 / s10648-014-9261-7

TIC kids online Brasil [livro eletrônico]: pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil 2016. São Paulo: **Comitê Gestor da Internet no Brasil**, 2017 Disponível em: [https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_KIDS\\_ONLINE\\_2016\\_LivroEletronico.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_KIDS_ONLINE_2016_LivroEletronico.pdf)

TOKUNAGA R.S. Following you home from school: A critical review and synthesis of research on *cyberbullying* victimization. **Computers in Human Behavior**. 2010; 26 (3): 277–87.

TOPCUR, Ç.; ERDUR-BACKER, O. The Revised Cyber *Bullying* Inventory (RCBI): validity and reliability studies. **Procedia Social and Behavioral Sciences**, 2010. 5: 660–664.

\_\_\_\_\_ ; TANRIKULU, İ. Cyberbullying Prevention and Intervention Programs: A National Systematic Review. **Uludağ Üniversitesi Eğitim Fakültesi Dergisi**, v. 30, n. 1, p. 1–17, 29 jul. 2017.

UNESCO. Cultura de paz: da reflexão à ação; balanço da Década Internacional da Promoção da Cultura de Paz e Não Violência em Benefício das Crianças do Mundo. **Associação Palas Athena**, 2010. 256 p.

VAN-DICKJ, J. La cultura de la conectividade: Uma crítica de las redes sociales. 1ª edição. **Siglo veintiuno editores**, 2016.

VÉRON, E. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matriz**, 2014. 8(1):13-19. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p13-19>

VIANA, C.E. O lúdico e a aprendizagem na cibercultura: jogos digitais e internet no cotidiano infantil. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação e Artes - **USP**, 1995. DOI: 10.11606/T.27.2005.tde-02102007-133619

VIEIRA et al. Boys' and girls' cyberbullying behaviours in Portugal: Exploring sex differences in adolescence using gender lenses. Faculty of Psychology and Educational Sciences, University of Coimbra, PORTUGAL. **Revista da Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres**, 2016. 34 (15).

VON MARÉES, N., PETTERMANN, F., *Cyberbullying*: An increasing challenge for schools. **School Psychology International** 33 (5):467-476.

WANG, J, IANOTTI, R. J. NANSEL, T. R. School *Bullying* Among US Adolescents: Physical, Verbal, Relational and Cyber. **J Adolesc Health**, 2009. 45(4): 368–375. doi:10.1016/j.jadohealth.2009.03.021

WANG, X.; YANG, J.; WANG, P.; LEI, L. Childhood maltreatment, moral disengagement, and adolescents' *cyberbullying* perpetration: Fathers' and

mothers' moral disengagement as moderators. **Computers in Human Behavior**, 2019. 95:48–57. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.01.031>

WANZINACK, CLOVIS E SIGNORELLI MARCOS CLAUDIO (orgs.). *Violência, gênero & diversidade: desafios para a educação e o desenvolvimento*. 228 p. Rio de Janeiro: **Editora Autografia**, 2015. ISBN 978-85-5526-240-1. Disponível em: [http://www.litoral.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/10/livro\\_violencia\\_genero\\_e\\_diversidade.pdf](http://www.litoral.ufpr.br/portal/wpcontent/uploads/2015/10/livro_violencia_genero_e_diversidade.pdf)

WENDT, G. *Cyberbullying em adolescentes brasileiros*. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da **Universidade Vale Rio dos Sinos**, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/4749/GuilhermeWendt.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

\_\_\_\_\_. LISBOA, C. Agressão entre pares no espaço virtual: definições, impactos e desafios do *cyberbullying*. **Psicol. clin. [online]**. 2013, vol.25, n.1, pp.73-87. ISSN 0103-5665. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-56652013000100005>.

WENDT, G.; LISBOA, C. Compreendendo o fenômeno do *cyberbullying*. **Temas em Psicologia** 2014; 22 (1): 39-54.

WIGUNA, T.; ISMAIL, R.I.; SEKARTINE, R.; RAHARDJO, N.S.W.; KALIGIS, F.; PRABOWO A.L.; HENDARMO, R. The gender discrepancy in high-risk behaviour outcomes in adolescents who have experienced *cyberbullying* in Indonesia. **Asian Journal of Psychiatry**, 2018. 37:130-135.

WILLARD, C. Educator's Guide to *Cyberbullying* Addressing the Harm Caused by Online Social Cruelty. In: *Cyberbullying: Mobilizing Educators, Parents, Students, and Others to Combat Online Social Cruelty*. **Center for Safe and Responsible Internet Use**, 2005.

WHO. Krug EG et al., eds. World report on violence and health. Geneva, **World Health Organization**, 2002. Disponível em: <https://opas.org.br/wp-content/uploads/2015/09/relatorio-mundial-violencia-saude.pdf>

\_\_\_\_\_. Executive Board, Draft global plan of action on violence: report by the Director-General. **World Health Organization**, 2016, 138 <https://apps.who.int/iris/handle/10665/250638>

WOLFORD-CLEVENGER, C. et al. An examination of the Partner Cyber Abuse Questionnaire in a college student sample. **Psychology of Violence**, v. 6, n. 1, p. 156–162, jan. 2016.

WOOD, F. R.; GRAHAM, R. “Safe” and “At-Risk”: Cyberbullying Victimization and Deviant Health Risk Behaviors in Youth. **Youth & Society**, v. 52, n. 3, p. 449–468, abr. 2020.

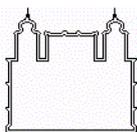
YBARRA, M.; MITCHELL, K. Youth engaging in online harassment: associations with caregiver–child relationships, Internet use, and personal characteristics. **Journal of Adolescence**, 2004. 27(3): 319-336.

YOUTUBE. **Diretrizes da comunidade**. Disponível em:  
<https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/policies/>.

ZWEIG, J. M. et al. Correlates of Cyber Dating Abuse Among Teens. **Journal of Youth and Adolescence**, v. 43, n. 8, p. 1306–1321, ago. 2014.

ZYCH, I., ORTEGA-RUIZ, R. & DEL REY, R., Scientific research on *bullying* and *cyberbullying*: where have we been and where are we going, **Aggression and Violent Behavior**. 2015. Doi: 10.1016/j.avb.2015.05.015

## ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO



Ministério da Saúde

Fundação Oswaldo Cruz

Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

Departamento de Estudos sobre Violência e Saúde Jorge Careli

---

ESTE CAMPO SÓ DEVE SER PREENCHIDO PELO CLAVES/FIOCRUZ

Aplicador: _____	Supervisor: _____
------------------	-------------------

### VERSÃO PRELIMINAR

**Estimado aluno e aluna,**

Este questionário é sobre algumas experiências dos adolescentes nas redes sociais sobre o *bullying*, as agressões contra namorados (as)/ficantes, contra gays, lésbicas, bissexuais e travestis, além de atos contra a própria vida. Ele está sendo aplicado a estudantes de escolas públicas e particulares da cidade de Vitória e Rio Branco.

As respostas que você irá fornecer servirão para conhecermos melhor as suas experiências e relacionamentos na internet.

O questionário é **anônimo, ou seja, não precisa colocar o seu nome**. Desta forma, você estará protegido e ninguém vai saber que pessoa respondeu cada questionário. Todos os questionários serão guardados pelos pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz, que fica no Rio de Janeiro e ninguém da sua escola, da sua família ou da sua cidade terá acesso a eles.

Também é importante lembrar que no questionário **não existem respostas certas ou erradas**, por isso a sua sinceridade é que vale na hora de responder. As perguntas são sempre individuais e dizem respeito apenas a você. Evite pedir ajuda ou fazer comentários com amigos ou colegas durante o questionário.

Leia com atenção cada pergunta e suas opções de resposta. **Não deixe de responder a nenhuma questão. Em cada questão, assinale apenas uma alternativa** que considerar a mais apropriada. Algumas questões possuem mais de um item, cada um com suas próprias opções de resposta, **não deixe de responder a nenhum item. Em cada item, assinale apenas uma alternativa**, que considerar a mais apropriada.

Por tratar de vários temas diferentes, este questionário possui um número extenso de perguntas. Todas de múltipla-escolha. Procure respondê-las de forma breve, mas com atenção, para que todas possam ser respondidas dentro do tempo estabelecido.

Lembramos que você não é obrigado a participar da pesquisa e não será prejudicado por isso. No entanto, gostaríamos muito de contar com a sua colaboração. Caso não queira participar, por favor, deixe seu questionário em branco.

Agradecemos a sua participação!

***Por favor, informe***

ESCOLA:	
TURMA:	DATA DE HOJE: __/__/____

***Este primeiro bloco de perguntas é sobre algumas características suas***

1. Qual é o seu sexo?

1.  FEMININO

2.  MASCULINO

2. Qual é a sua idade? |\_\_| |\_\_| ANOS

3. Qual é a cor da sua pele?

1.  BRANCA

2.  PRETA

3.  PARDA

4.  AMARELA/INDÍGENA

#### 4. Você participa de algum culto religioso?

1.  SIM. QUAL? \_\_\_\_\_ (ESCREVA POR EXTENSO)

2.  NÃO

#### 5. Com quais pessoas você mora?

5A. COM SEU PAI	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5B. COM SUA MÃE	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5C. COM SEU PADRASTO	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5D. COM SUA MADRASTA	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5E. COM SEUS AVÓS	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5F. COM OUTROS PARENTES	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5G. COM SEUS AMIGOS/COLEGAS	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5H. COM SEUS IRMÃOS	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5I. SOZINHO	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO
5J. COM SEU MARIDO/SUA ESPOSA	1 <input type="checkbox"/> SIM	2 <input type="checkbox"/> NÃO

#### 6. Você tem irmãos?

1.  NÃO TENHO

2.  SIM. TODOS SÃO FILHOS DO MEU PAI E DA MINHA MÃE.

3.  SIM. TENHO IRMÃOS DE DIFERENTES CASAMENTOS DO MEU PAI OU DA MINHA MÃE.

#### 7. Qual é a escolaridade dos seus pais/responsáveis?

##### 7a. Pai / Responsável

1.  NÃO SABE LER E ESCREVER

2.  ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO

3.  ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO

4.  ENSINO MÉDIO INCOMPLETO

5.  ENSINO MÉDIO COMPLETO

6.  SUPERIOR INCOMPLETO

7.  SUPERIOR COMPLETO

8.  NÃO SEI

9.  NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL

##### 7b. Mãe / Responsável

1.  NÃO SABE LER E ESCREVER

2.  ENSINO FUNDAMENTAL INCOMPLETO

3.  ENSINO FUNDAMENTAL COMPLETO

6.  SUPERIOR INCOMPLETO

7.  SUPERIOR COMPLETO

8.  NÃO SEI

4.  ENSINO MÉDIO INCOMPLETO

9.  NÃO TENHO MÃE/RESPONSÁVEL

5.  ENSINO MÉDIO COMPLETO

8. Quantos de cada item abaixo a sua casa possui? (Se não tiver, anotar 0)

8A. AUTOMÓVEL	_____ (QUANTIDADE)
8B. BANHEIRO	_____ (QUANTIDADE)
8C. EMPREGADA DOMÉSTICA MENSALISTA	_____ (QUANTIDADE)
8D. MICROCOMPUTADOR	_____ (QUANTIDADE)
8E. GELADEIRA SEM FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8F. GELADEIRA DUPLEX OU FREEZER	_____ (QUANTIDADE)
8G. MÁQUINA DE LAVAR ROUPAS	_____ (QUANTIDADE)
8H. MÁQUINA DE LAVAR LOUÇAS	_____ (QUANTIDADE)
8I. DVD	_____ (QUANTIDADE)
8J. MICRO-ONDAS	_____ (QUANTIDADE)
8K. MOTOCICLETA	_____ (QUANTIDADE)
8L. SECADORA DE ROUPA	_____ (QUANTIDADE)

9. A água utilizada na sua casa vem de?

1.  REDE GERAL DE DISTRIBUIÇÃO

2.  POÇO OU NASCENTE

3.  OUTRO MEIO

10. Considerando o trecho da rua em que está sua casa, você diria que a rua é:

1.  ASFALTADA/PAVIMENTADA (CALÇADA)    2.  TERRA/CASCALHO

**As questões abaixo abordam a sua relação com sua família, a escola e os seus amigos e colegas**

**11. Como é o seu relacionamento com as pessoas da sua família?**

<b>11A. PAI/RESPONSÁVEL</b>	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO PAI/RESPONSÁVEL
<b>11B. MÃE/RESPONSÁVEL</b>	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO MÃE/RESPONSÁVEL
<b>11C. IRMÃOS</b>	1. <input type="checkbox"/> BOM	2. <input type="checkbox"/> REGULAR	3. <input type="checkbox"/> RUIM	4. <input type="checkbox"/> NÃO TENHO IRMÃOS

**12. Você e seus pais/responsáveis conversam abertamente sobre:**

<b>12A. SEXO</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>12B. DROGAS</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>12C. SUAS AMIZADES</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>12D. SEUS NAMOROS</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM	2. <input type="checkbox"/> NÃO

**13. Quando você sai de casa com amigos, geralmente:**

- SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS DIZEM A VOCÊ A HORA DE VOLTAR PRA CASA
- VOCÊ VOLTA PRA CASA A HORA QUE QUISER
- VOCÊ E SEUS PAIS/RESPONSÁVEIS COMBINAM A HORA DE VOCÊ VOLTAR PRA CASA
- NUNCA SAIO SEM MEUS FAMILIARES

**14. Quando você sai de casa, com que frequência seus pais ou responsáveis sabem aonde você vai e com quem você está?**

1.  SEMPRE                      2.  MUITAS VEZES                      3.  POUCAS VEZES                      4.  NUNCA

**15. Você tem AMIGOS da sua idade?**

1.  MUITOS                      2.  POUCOS                      3.  NÃO TENHO

16. Como é o seu relacionamento com os seus amigos e colegas?

1.  BOM

2.  REGULAR

3.  RUIM

17. No convívio com seu grupo de amigos, vocês costumam resolver os conflitos:

17A. CONVERSANDO	1 <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2 <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3 <input type="checkbox"/> NUNCA
17B. XINGANDO UNS AOS OUTROS	1 <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2 <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3 <input type="checkbox"/> NUNCA
17C. HUMILHANDO UNS AOS OUTROS	1 <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2 <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3 <input type="checkbox"/> NUNCA
17D. BATENDO OU EMPURRANDO UNS AOS OUTROS	1 <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2 <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3 <input type="checkbox"/> NUNCA

18. Na escola, que tipo de aluno você é...

18A. EM RELAÇÃO ÀS NOTAS ESCOLARES?	1. <input type="checkbox"/> ÓTIMO	2. <input type="checkbox"/> BOM	3. <input type="checkbox"/> REGULAR	4. <input type="checkbox"/> FRACO
18B. EM RELAÇÃO A SUA PARTICIPAÇÃO NA ESCOLA? (PERGUNTAR, FAZER ATIVIDADES, PARTICIPAR EM GRUPOS ESTUDANTIS, ARTÍSTICOS, ESPORTIVOS E GRÊMIOS).	1. <input type="checkbox"/> ÓTIMO	2. <input type="checkbox"/> BOM	3. <input type="checkbox"/> REGULAR	4. <input type="checkbox"/> FRACO

19. Como é o seu relacionamento com os seus professores?

1.  BOM

2.  REGULAR

3.  RUIM

**Hoje em dia os adolescentes interagem muito por meio da internet, se relacionando nas redes sociais, acessando vídeos e tendo acesso a várias informações. O bloco abaixo se refere à forma como você acessa e se relaciona com a internet**

20. Você possui computador em casa?

1  SIM

2  NÃO TENHO

21. Você possui um computador somente seu?

1  SIM 2  NÃO TENHO

**22. Você possui um aparelho celular somente seu?**

1  SIM 2  NÃO TENHO

**23. Você acessa a internet?**

1  TODOS OS DIAS 2  ATÉ 2 VEZES POR SEMANA

3  DE 3 A 5 VEZES POR SEMANA 4  NÃO ACESSO

**24. Você acessa a internet na escola?**

1  SIM 2  NÃO

**25. Quantas horas por dia você passa, em média, utilizando o computador?**

1.  ATÉ UMA HORA

2.  DE 2 A 3 HORAS

3.  DE 4 A 6 HORAS

4.  7 OU MAIS HORAS

5.  NÃO USO O COMPUTADOR

**26. Quantas horas por dia você passa, em média, utilizando a internet?**

1.  ATÉ UMA HORA

2.  DE 2 A 3 HORAS

3.  DE 4 A 6 HORAS

4.  7 OU MAIS HORAS

5.  NÃO ACESSO À INTERNET

**27. Onde você costuma usar internet?** (AQUI VOCÊ PODERÁ MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)

- 1  EU NÃO USO INTERNET  
2  NO MEU QUARTO  
3  DO MEU TELEFONE CELULAR  
4  EM CASA, FORA DO MEU QUARTO  
5  NA ESCOLA  
6  NA CASA DE UM AMIGO  
7  NA BIBLIOTECA  
8  LAN HOUSE  
9  NA CASA DE UM PARENTE

**28. Quais atividades você mais realiza através da internet?** (AQUI VOCÊ PODERÁ MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)

- 1  EU NÃO USO INTERNET  
2  PARA NAVEGAR NA INTERNET (VISITAR SITE)  
3  SALAS DE CHAT  
4  PARA ENVIAR E RECEBER EMAIL  
5  CONVERSAS ESPONTÂNEAS COMO MSN MESSENGER  
6  TRABALHOS DA ESCOLA  
7  DOWNLOAD DE MÚSICAS, FILMES E PROGRAMAS  
8  JOGOS ON LINE  
9  COMPRAS ON LINE  
10  REDES SOCIAIS

**29. Como você classificaria a sua habilidade para usar computadores?**

- 1  NUNCA USEI COMPUTADOR  
2  NÃO É MUITO BOA  
3  SATISFATÓRIA  
4  EXCELENTE

**30. Atualmente você possui conta em um site de relacionamento social como Facebook ou Twitter?**

- 1  SIM  
2  NÃO

**31. Já conheceu pessoalmente alguém que tenha iniciado a conversa pela internet?**

- 1  SIM  
2  NÃO

32. Seus pais estabelecem regras claras e/ou limitam o tempo que você passa navegando na internet?

1  SIM, SEMPRE      2  SIM, ÀS VEZES      3  NUNCA

33. Seus pais monitoram as páginas que você visita e o conteúdo que você visualiza?

1  SIM, SEMPRE      2  SIM, ÀS VEZES      3  NUNCA

34. Seus pais te orientam, fornecendo conselhos e discutindo sobre uso seguro na internet?

1  SIM, SEMPRE      2  SIM, ÀS VEZES      3  NUNCA

35. Agora leia os itens abaixo com atenção. Por favor, diga-nos com que frequência as declarações abaixo aconteceram com você ou com que frequência você as realizou nos ÚLTIMOS SEIS MESES. Marque na coluna "EU FIZ ISSO" a frequência (nunca, uma vez nos últimos seis meses, duas ou três vezes, mais que três vezes) com que você tenha realizado alguma das ações descritas abaixo, e na coluna "ISSO ACONTECEU COMIGO" você deve marcar a frequência com que as declarações tenham ocorrido com você (nunca, uma vez nos últimos seis meses, duas ou três vezes, mais que três vezes).

	EU FIZ ISSO				ISSO ACONTECEU COMIGO			
	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
1. AMEAÇAS EM FÓRUNS ONLINE (COMO EM SALAS DE CHAT, FACEBOOK OU TWITTER)	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
2. INSULTOS EM FÓRUNS ONLINE (COMO EM SALAS DE CHAT, FACEBOOK OU TWITTER)	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
3. EXCLUSÃO EM FÓRUNS ONLINE ATRAVÉS DO BLOQUEIO OU EXCLUSÃO DE MENSAGENS	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES

4. CALÚNIAS ATRAVÉS DE POSTAGENS DE FOTOS FALSAS NA INTERNET	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
5. FAZER PIADAS SOBRE COMENTÁRIOS EM FÓRUNS ONLINE	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
6. COMPARTILHAR CONVERSAS PRIVADAS DA INTERNET SEM O CONHECIMENTO DO OUTRO	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
7. ENVIO DE COMENTÁRIOS DE HUMILHAÇÃO OU PARA MACHUCAR OUTRA PESSOA POR MENSAGEM DE TEXTO (TORPEDOS SMS)	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
8. PUBLICAR ONLINE UMA FOTO EMBARAÇOSA SEM A PERMISSÃO DA PESSOA QUE NELA APARECE	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
9. ENVIO DE COMENTÁRIOS DE HUMILHAÇÃO OU PARA MACHUCAR OUTRA PESSOA POR EMAIL	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
10. ENGANAR OUTRA PESSOA FINGINDO SER DO OUTRO SEXO	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
11. ROUBO DE DADOS PARA ACESSO DE EMAIL (NOME DE USUÁRIO E SENHA) E LEITURA DAS MENSAGENS PRESENTES NA CAIXA	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
12. ROUBO DE DADOS PARA ACESSO DE EMAIL (NOME DE USUÁRIO E SENHA) E BLOQUEIO DO ACESSO DO USUÁRIO REAL	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
13. ROUBO DE APELIDOS (NICKS) OU NOME DOS USUÁRIOS DO COMPUTADOR	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES
14. ROUBO DE INFORMAÇÕES PESSOAIS DO COMPUTADOR (ARQUIVOS, ENDEREÇOS DE EMAIL, FOTOS, MENSAGENS INSTANTÂNEAS, OU INFORMAÇÕES DO FACEBOOK)	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES	1 <input type="checkbox"/> NUNCA	2 <input type="checkbox"/> 1 VEZ	3 <input type="checkbox"/> 2-3 VEZES	4 <input type="checkbox"/> MAIS DE 3 VEZES

**As próximas questões falam sobre a sua opinião e suas experiências com namorados, namoradas ou pessoas com quem tem "ficado"**

**36. Marque o item que se aplica a você:**

1  EU AINDA NÃO COMECEI A "FICAR"/NAMORAR .

2  EU JÁ COMECEI A "FICAR"/NAMORAR E/OU TIVE UM NAMORADO .

**37. Você já ficou/namorou com:**

1  MENINAS/MULHERES

2  MENINOS/HOMENS

3  AMBOS

4  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**38. Em que idade você começou a "ficar"?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**39. Com quantas pessoas você já "ficou" até hoje?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA "FIQUEI" COM NINGUÉM

**40. Em que idade você começou a ter namorados?**

1. \_\_\_\_\_ ANOS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**41. Com quantas pessoas você já namorou até hoje?**

1. \_\_\_\_\_ PESSOAS 2.  NUNCA NAMOREI NINGUÉM

**42. Você já se apaixonou por alguém?**

1  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI FUI CORRESPONDIDO (A)

2  SIM, NA MAIORIA DAS VEZES QUE ME APAIXONEI NÃO FUI CORRESPONDIDO (A)

3  NUNCA ME APAIXONEI

**43. DE UM ANO PARA CÁ, marque os tipos de relações de "FICAR"/NAMORAR que você tem ou teve. (AQUI VOCÊ PODERÁ MARCAR MAIS DE UMA OPÇÃO)**

1  SAIR EM GRUPOS DE AMIGOS PARA PAQUERAR OU AZARAR

2  "FICAR"/NAMORAR COM PESSOAS DIFERENTES

3  "FICAR" COM UMA PESSOA SEM COMPROMISSO

4  "FICAR"/NAMORAR COM UMA PESSOA EXCLUSIVAMENTE

5  NOIVADO OU CASAMENTO

6  NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI COM NINGUÉM .

**44. Na sua relação com as pessoas que "fica" ou namora você colabora para que haja entre vocês dois:**

<b>44A. DIÁLOGO</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>44B. RESPEITO</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO	2. <input type="checkbox"/> POUCO	3. <input type="checkbox"/> NADA	4. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

**45. Qual a sua opinião sobre esses atos?**

<b>45A. NAMORADA XINGAR NAMORADO</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45B. NAMORADO XINGAR NAMORADA</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45C. NAMORADA BATER EM NAMORADO</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45D. NAMORADO BATER EM NAMORADA</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45E. PANCADARIA ENTRE CASAIS</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45F. HUMILHAR PROSTITUTAS</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE
<b>45G. HUMILHAR HOMOSSEXUAIS</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITO GRAVE	2. <input type="checkbox"/> GRAVE	3. <input type="checkbox"/> NÃO É GRAVE

**46. Marque a frequência com que você já se envolveu nas situações descritas abaixo.** (questão será adaptada conforme consta no projeto)

<b>46A. SENT ME SEXUAL PHOTOS OR NAKED PHOTOS OF HIMSELF/HERSELF THAT HE/SHE KNEW I DID NOT WANT</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46B. THREATENED ME IF I DID NOT SENT A SEXUAL OR NAKED PHOTO OF MYSELF</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46D. PRESSURED ME TO SEND A SEXUAL OR NAKED PHOTO OF MYSELF</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46E. SENT ME TEXT MESSAGES, E-MAIL, IM, CHATS, ETC., TO HAVE SEX OR ENGAGE IN SEXUAL ACTS WITH HIM/HER WHEN HE/SHE KNEW I DID NOT WANT TO</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46F. POSTED EMBARRASSING PHOTOS OR OTHER IMAGES OF ME ONLINE</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46G. SENT THREATENING TEXT MESSAGES TO ME</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46H. TOOK A VIDEO OF ME AND SENT IT TO HIS/HER FRIENDS WITHOUT MY PERMISSION</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46I. USED MY SOCIAL NETWORKING ACCOUNT WITHOUT PERMISSION</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46J. SENT ME INSTANT MESSAGES OR CHATS THAT MADE ME FEEL SCARED</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46K. WROTE NASTY THINGS ABOUT ME ON HIS/HER PROFILE PAGE (E.G., ON FACEBOOK, MYSPACE)</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46L. CREATED A PROFILE PAGE (LIKE FACEBOOK, MYSPACE, OR YOUTUBE) ABOUT ME KNOWING IT WOULD UPSET ME</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

<b>46M. SENT ME SO MANY MESSAGES (LIKE TEXTS, E-MAILS, CHATS) THAT IT MADE ME FEEL UNSAFE</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46N. SPREAD RUMORS ABOUT ME USING A CELL PHONE, E-MAIL, IM, WEB CHAT, SOCIAL NETWORKING SITE, ETC.</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46O. USED INFORMATION FROM MY SOCIAL NETWORKING SITE TO HARASS ME OR PUT ME DOWN</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46P. MADE ME AFRAID WHEN I DID NOT RESPOND TO MY CELL PHONE CALL, TEXT, POSTING ON SOCIAL NETWORKING PAGE, IM, ETC.</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI
<b>46Q. THREATENED TO HARM ME PHYSICALLY USING A CELL PHONE, TEXT MESSAGE, SOCIAL NETWORKING PAGE, ETC</b>	1. <input type="checkbox"/> NUNCA	2. <input type="checkbox"/> RARAMENTE	3. <input type="checkbox"/> ALGUMAS VEZES	4. <input type="checkbox"/> MUITO FREQUENTEMENTE	5. <input type="checkbox"/> NUNCA "FIQUEI" NEM NAMOREI

47. Agora responda de forma CUIDADOSA e HONESTA cada pergunta abaixo. É importante indicar como você se sente AGORA e não como você pode ter se sentido no PASSADO. Algumas das situações podem ser estranhas para você, mas tente pensar sobre situações semelhantes que você possa ter vivenciado.

	DISCORDO			NEM CONCORDO NEM DISCORDO	CONCORDO		
	Totalmente	Muito	Pouco		Pouco	Muito	Totalmente
47A. SEXO ENTRE DOIS HOMENS É TOTALMENTE ERRADO.	1	2	3	4	5	6	7
47B. EU ACHO QUE OS HOMENS GAYS SÃO NOJENTOS.	1	2	3	4	5	6	7
47C. A HOMOSSEXUALIDADE MASCULINA É UMA PERVERSÃO.	1	2	3	4	5	6	7
47D. SEXO ENTRE DUAS MULHERES É TOTALMENTE ERRADO.	1	2	3	4	5	6	7
47E. EU ACHO QUE AS MULHERES LÉSBICAS SÃO NOJENTAS.	1	2	3	4	5	6	7
47F. TRAVESTIS ME DÃO NOJO.	1	2	3	4	5	6	7
47G. OS HOMENS QUE SE COMPORTAM COMO MULHERES DEVERIAM SE ENVERGONHAR.	1	2	3	4	5	6	7
47H. OS HOMENS QUE DEPILAM SUAS PERNAS SÃO ESTRANHOS.	1	2	3	4	5	6	7

47i. EU NÃO CONSIGO ENTENDER POR QUE UMA MULHER SE COMPORTARIA FEITO UM HOMEM.	1	2	3	4	5	6	7
47j. AS CRIANÇAS DEVERIAM BRINCAR COM BRINQUEDOS APROPRIADOS PARA SEU PRÓPRIO SEXO.	1	2	3	4	5	6	7
47k. AS MULHERES QUE SE VEEM COMO HOMENS SÃO ANORMAIS.	1	2	3	4	5	6	7
47l. OPERAÇÕES DE MUDANÇA DE SEXO SÃO MORALMENTE ERRADAS.	1	2	3	4	5	6	7
47m. AS MENINAS MASCULINAS DEVERIAM RECEBER TRATAMENTO.	1	2	3	4	5	6	7
47n. OS HOMENS AFEMINADOS NÃO ME DEIXAM À VONTADE.	1	2	3	4	5	6	7
47o. EU IRIA A UM BAR FREQUENTADO POR TRAVESTIS.	1	2	3	4	5	6	7
47p. AS MULHERES MASCULINAS NÃO ME DEIXAM À VONTADE.	1	2	3	4	5	6	7

48. Na sua relação com as redes sociais, marque a frequência com que você...

	(a) SOBRE DIVERSIDADE SEXUAL (GAYS, LÉSBICAS, BISEXUAIS, TRAVESTIS E/OU TRANSEXUAIS)	(b) SOBRE AUTOMUTILAÇÃO (CORTAR-SE OU RASGAR A PELE, PONTAPEAR-SE, PROVOCAR QUEIMADURAS EM SI E ARRANHAR-SE)
48A. <u>VISUALIZOU</u> ALGUM CONTEÚDO?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48B. <u>VISUALIZOU E CURTIU</u> ALGUMA POSTAGEM?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48C. <u>VISUALIZOU E COMPARTILHOU</u> ALGUMA POSTAGEM?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48D. <u>VISUALIZOU E COMENTOU</u> ALGUMA POSTAGEM?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48E. <u>PUBLICOU/POSTOU</u> ?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48F. <u>RECEBEU SOLICITAÇÃO DE AMIZADE E/OU É SEGUIDO</u> POR ALGUM AMIGO/CONHECIDO?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
48G. <u>EXCLUIU AMIZADE E/OU DEIXAR DE SEGUIR</u> ALGUM AMIGO/CONHECIDO?	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO

**Cada pessoa tem uma forma diferente de pensar sobre si mesmo e de agir. As questões a seguir abordam os aspectos da sua relação com você mesmo**

**49A. No conjunto, eu estou satisfeito comigo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49B. Às vezes, eu acho que não presto para nada.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49C. Eu sinto que eu tenho várias boas qualidades.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49D. Eu sou capaz de fazer coisas tão bem quanto a maioria das pessoas.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49E. Eu sinto que não tenho muito do que me orgulhar.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49F. Eu, com certeza, me sinto inútil às vezes.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49G. Eu sinto que sou uma pessoa de valor, pelo menos do mesmo nível que as outras pessoas.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49H. Eu gostaria de poder ter mais respeito por mim mesmo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49I. No geral, eu estou inclinado a sentir que sou um fracasso.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**49J. Eu tenho uma atitude positiva com relação a mim mesmo.**

1.  CONCORDO TOTALMENTE      2.  CONCORDO      3.  DISCORDO      4.  DISCORDO TOTALMENTE

**50. Dos itens abaixo, quais ocorrem com você atualmente?**

	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>
<b>50A. TEM DORES DE CABEÇA FREQUENTEMENTE</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50B. TEM FALTA DE APETITE</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50C. DORME MAL</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50D. ASSUSTA-SE COM FACILIDADE</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50E. TEM TREMORES NA MÃO</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50F. SENTE-SE NERVOSO(A), TENSO(A) OU AGITADO(A)</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
<b>50G. TEM MÁ DIGESTÃO</b>	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

50H. TEM DIFICULDADE DE PENSAR COM CLAREZA	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50I. TEM SE SENTIDO TRISTE ULTIMAMENTE	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50J. TEM CHORADO MAIS DO QUE DE COSTUME	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50K. ENCONTRA DIFICULDADE PARA REALIZAR COM SATISFAÇÃO SUAS ATIVIDADES DIÁRIAS	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50L. TEM DIFICULDADE PARA TOMAR DECISÕES	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50M. TEM DIFICULDADE NA ESCOLA (O ESTUDO É PENOSO E CAUSA SOFRIMENTO)	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50N. É INCAPAZ DE DESEMPENHAR UM PAPEL ÚTIL EM SUA VIDA	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50O. TEM PERDIDO O INTERESSE PELAS COISAS	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50P. VOCÊ SE SENTE UMA PESSOA INÚTIL, SEM PRÉSTIMO	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50Q. TEM TIDO A IDEIA DE ACABAR COM A VIDA	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50R. TEM SENSAÇÕES DESAGRADÁVEIS NO ESTÔMAGO	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50S. SENTE-SE CANSADO O TEMPO TODO	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50T. VOCÊ SE CANSÁ COM FACILIDADE	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50U. VOCÊ COSTUMA SE PREOCUPAR MUITO COM COISAS QUE PODEM VIR A ACONTECER	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>
50V. VOCÊ COSTUMA SENTIR MEDO DE MUITAS COISAS	1. <input type="checkbox"/>	2. <input type="checkbox"/>

51. Alguma vez na vida você se feriu de propósito, como fazer cortes dos braços, raspar a pele em algum lugar do corpo, queimar a pele etc?

1.  SIM      SE SIM, COMO? \_\_\_\_\_ QUANTAS VEZES?  
\_\_\_\_\_

2.  NÃO

52. Alguma vez na vida você teve vontade de morrer?

1.  SIM, COM QUE FREQUÊNCIA:

1.  RARAMENTE    2.  ALGUMAS VEZES    3.  MUITAS VEZES    4.  QUASE SEMPRE    5.  SEMPRE

2.  NÃO

53. Alguma vez na vida você pensou fazer alguma coisa para morrer?

1.  SIM      2.  NÃO

53. Alguma vez na vida você fez alguma coisa para morrer?

1.  SIM      SE SIM, QUANTAS VEZES? \_\_\_\_\_ O QUE FEZ?

\_\_\_\_\_

2.  NÃO

54. De um ano para cá, você:

54A. TOMOU ALGUMA BEBIDA ALCOÓLICA ATÉ SE EMBRIAGAR OU SENTIR-SE BÊBADO (FICOU DE "PORRE")?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
55B. USOU MACONHA?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
56C. USOU COCAÍNA, "CRACK" OU "ECSTASY"?	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
57D. USOU REMÉDIO PARA EMAGRECER	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
58E. TRANQUILIZANTE OU CALMANTE	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA
59F. ANABOLIZANTES ("BOMBA" PARA FICAR FORTE)	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA

60. Você tem pessoas com quem se sente à vontade e pode falar sobre quase tudo?

1  SIM. QUANTAS? \_\_\_\_\_      2  NÃO TENHO

**O último bloco de questões aborda agressões que às vezes sofremos e sobre a forma como as pessoas que moram ou convivem com você resolvem os desentendimentos do dia a dia. Em qualquer ambiente, tem horas em que as pessoas discordam, ficam irritadas ou brigam por estarem de mau humor, cansadas ou por qualquer outra razão**

61. Os irmãos quase sempre brigam e discutem no dia-a-dia. Você e seus irmãos brigam muito entre si...

<b>61A. A PONTO DE SE MACHUCAREM?</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
<b>61B. XINGANDO UM AO OUTRO?</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS
<b>61C. HUMILHANDO UM AO OUTRO?</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM IRMÃOS

**62. Nos últimos 12 meses, nos momentos de discussão e brigas entre você e sua MÃE/RESPONSÁVEL DO SEXO FEMININO, como ela reagiu?**

<b>62A. Jogou coisas sobre você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62B. Empurrou ou agarrou você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62C. Deu tapa ou bofetada em você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62D. Chutou, mordeu ou deu murro em você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62E. Bateu ou tentou bater em você com objetos.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62F. Espancou você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62G. Queimou; estrangulou ou sufocou você.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62H. Ameaçou você com faca ou arma.</b>				
1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
<b>62I. Usou faca ou arma contra você.</b>				

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com a mãe/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

63. Nos últimos 12 meses, nos momentos de discussão e brigas entre você e seu PAI/RESPONSÁVEL DO SEXO MASCULINO, como ele reagiu?

**63A. Jogou coisas sobre você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63B. Empurrou ou agarrou você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63C. Deu tapa ou bofetada em você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63D. Chutou, mordeu ou deu murro em você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63E. Bateu ou tentou bater em você com objetos.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63F. Espancou você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63G. Queimou; estrangulou ou sufocou você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63H. Ameaçou você com faca ou arma.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**63I. Usou faca ou arma contra você.**

1. <input type="checkbox"/> Muitas vezes	2. <input type="checkbox"/> Algumas vezes	3. <input type="checkbox"/> Já mas não no último ano	4. <input type="checkbox"/> Nunca	5. <input type="checkbox"/> Não convivi com o pai/responsável
--	---	--	-----------------------------------	---

**64. Seus pais (ou padrasto/madrasta) brigam muito entre si...**

<b>64A. A PONTO DE SE MACHUCAREM?</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM PAIS(OU PADRASTO/MADRASTA)
<b>64B. HUMILHANDO UM AO OUTRO?</b>	1. <input type="checkbox"/> MUITAS VEZES	2. <input type="checkbox"/> POUCAS VEZES	3. <input type="checkbox"/> NUNCA	4. <input type="checkbox"/> NÃO CONVIVO COM PAIS(OU PADRASTO/MADRASTA)

**65. NO ÚLTIMO ANO, alguma vez:**

	(a) NA SUA ESCOLA	(b) NO LOCAL ONDE MORA
<b>65A. ALGUÉM HUMILHOU VOCÊ?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65B. ALGUÉM AMEAÇOU VOCÊ?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65C. VOCÊ FOI AGREDIDO(A) POR ALGUÉM DE FORMA FORTE O BASTANTE PARA QUE PRECISASSE DE CURATIVOS OU IR AO MÉDICO?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65D. ALGUÉM DANIFICOU, DE PROPÓSITO, ALGUMA COISA SUA (COMO ROUPA, LIVROS, RELÓGIO)?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65E. VOCÊ ANDOU/CONVIVEU COM PESSOAS QUE CARREGAM ARMAS DE FOGO (REVÓLVER, OUTROS)?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65F. VOCÊ ANDOU/CONVIVEU COM PESSOAS QUE CARREGAM ARMAS BRANCAS (FACAS, CANIVETES, PUNHAL)?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65G. ALGUÉM FURTOU DE VOCÊ ALGUM OBJETO SEM QUE VOCÊ VISSSE?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO
<b>65H. ALGUÉM TIROU À FORÇA DINHEIRO OU ALGUMA COISA DE VOCÊ?</b>	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO	1. <input type="checkbox"/> SIM 2. <input type="checkbox"/> NÃO

**AGORA, SE VOCÊ QUISER, PODE NOS CONTAR MAIS ALGUMA COISA SOBRE SUA VIDA:**

---



---



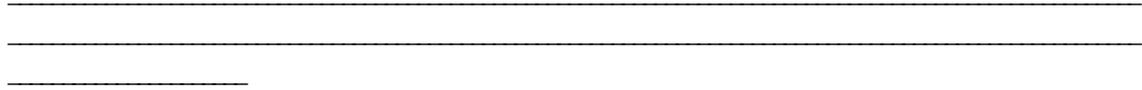
---



---



---



***MUITO OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!***

Se você quiser esclarecer dúvidas quanto às questões abordadas no questionário, o número do nosso telefone é (21) 2290-0387.

## ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### AUTORIZAÇÃO DO RESPONSÁVEL

Prezado (a) Sr. (a) responsável,

Seu (sua) filho(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa "**Violência na comunicação digital: Análise dos discursos e práticas disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetração de violências, cyber dating abuse e cyberbullying**", desenvolvida pelo Departamento de Estudos de Violência e Saúde Jorge Carelli da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (CLAVES/ENSP) e pelo Instituto Fernandes Figueira (IFF) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), sob coordenação da Dr<sup>a</sup>. Kathie Njaine e da Dr<sup>a</sup> Suely Deslandes.

O objetivo do estudo é analisar os discursos e práticas de violência produzidos e disseminados na internet sobre homofobia, auto-mutilação, tentativas de suicídio, violência entre namorados na internet e *bullying* na internet.

O convite se deve ao fato de seu (sua) filho (a) ter a idade entre 14 e 19 anos. Pesquisas indicam que nessa faixa etária, os mais jovens são mais suscetíveis ao *bullying na internet* e os mais velhos ao à violência no namoro na internet. Também entendemos que, por ser adolescente, seu filho (a) tem maturidade suficiente para conversar sobre esses temas e sobre homofobia e auto-mutilação e tentativas de suicídio.

A participação do adolescente é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e ele (a) tem autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Da mesma forma, o Sr. (a) pode consentir ou não a participação do seu filho (a) na pesquisa. Não haverá penalização alguma caso decida não consentir a participação do seu (sua) filho (a), ou caso ele (a) não queira participar ou venha a desistir da mesma. Contudo, a participação do seu (sua) filho (a) é muito importante para o conhecimento sobre as formas de interação dos adolescentes e jovens na internet.

Serão garantidas a **confidencialidade** e a **privacidade** das informações prestadas.

Qualquer informação que possa identificar seu filho (a) será omitida na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você e seu (sua) filho(a) poderão solicitar ao pesquisador quaisquer informações sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao final deste Termo.

A participação do seu (sua) filho(a) na pesquisa consistirá no **preenchimento de um questionário** fechado contendo questões sobre o perfil dele(a) (sexo, idade, cor da pele, religião, pessoas com quem mora, irmãos, escolaridade dos pais, trabalho e estrato social), seu relacionamento familiar e com pares, uso de substâncias, apoio social, *bullying* na internet e violência no namoro na internet; homofobia e práticas de automutilação e tentativas de suicídio. O tempo de duração desse preenchimento é de aproximadamente 50 minutos, acordados com a direção da escola.

Além do preenchimento do questionário, alguns adolescentes serão convidados a participar de uma **entrevista em grupo** com seis a dez participantes, na qual serão tratados os temas da pesquisa, através de uma conversa guiada pelas pesquisadoras. O critério principal para a participação dessa entrevista será a aceitação do convite. O tempo de duração dessa entrevista é de aproximadamente uma hora.

Os respostas aos questionários comporão um banco de dados que serão armazenados no CLAVES com chave e em computadores com senha aos quais somente os pesquisadores da equipe terão acesso. O mesmo ocorrerá com os arquivos digitais das entrevistas e respectivas transcrições. Ao final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP.

O benefício direto ou indireto relacionado com a colaboração do seu (sua) filho(a) nesta pesquisa é o de gerar conhecimento sobre essas temáticas tão delicadas e presentes na vida dos jovens, e subsidiar a melhoria das políticas de atenção à saúde do adolescente e de prevenção às violências.

Avalia-se que os riscos potenciais de participação do seu (sua) filho(a) nessa pesquisa são mínimos, posto que garantiremos a privacidade e o anonimato dos participantes. Contudo, abordaremos temas que podem trazer algum desconforto como o constrangimento ao relatar situações relacionadas a diferentes tipos de violências. Caso seu (sua) filho (a) sinta-se muito mobilizado por qualquer das questões perguntadas, a pesquisadora que está aplicando o questionário ou conduzindo a entrevista em grupo tem plenas condições para orientá-lo (a) para os encaminhamentos necessários.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos e sumário de pesquisa a ser entregue às escolas participantes.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0,IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução CNS 466/12.

Este termo é redigido em duas vias (uma para você e outra para a pesquisadora).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

CEP/ENSP: Tel e Fax - (0XX) 21- 2598.2863

E-Mail: [cep@ensp.fiocruz.br](mailto:cep@ensp.fiocruz.br);

<http://www.enso.fiocruz.br/etica>

Endereço: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ FIOCRUZ, Rua Leopoldo Bulhões, 1480 –Térreo - Manguinhos - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21041-210

Drª Kathie Njaine (Coordenadora) – [kathie@ensp.fiocruz.br](mailto:kathie@ensp.fiocruz.br)

Drª Suely Deslandes (Coordenadora) - [deslandes.s@gmail.com](mailto:deslandes.s@gmail.com)

Tel. (0XX21) 3882.9056 e 2290.0387

\_\_\_\_\_  
Assinatura da pesquisadora

LOCAL E DATA: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Declaro que entendi os objetivos e condições da participação do meu (minha) filho (a) na pesquisa e concordo em com sua participação. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do responsável

Nome legível do Responsável

\_\_\_\_\_  
Nome do adolescente participante (Legível)

## ANEXO 3 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### PREENCHIMENTO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA EM GRUPO COM ADOLESCENTES

Prezado participante,

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa " **Violência na comunicação digital: Análise dos discursos e práticas disseminados na internet sobre homofobia, autoperpetração de violências, cyber dating abuse e cyberbullying** ", desenvolvida pelo Departamento de Estudos de Violência e Saúde Jorge Carelli da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (CLAVES/ENSP) e pelo Instituto Fernandes Figueira (IFF) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), sob coordenação da Dr<sup>a</sup>. Kathie Njaine e da Dr<sup>a</sup> Suely Deslandes.

O objetivo do estudo é analisar os discursos e práticas de violência produzidos e disseminados na internet sobre homofobia, auto-mutilação, tentativas de suicídio, violência entre namorados na internet e *bullying* na internet.

O convite se deve ao fato de você ter a entre 14 e 19 anos. Pesquisas indicam que nessa faixa de idade, os mais jovens são mais expostos ao *bullying* na internet e os mais velhos ao à violência no namoro na internet. Também entendemos que, por ser adolescente, você tem maturidade suficiente para conversar sobre esses temas e sobre homofobia e automutilação e tentativas de suicídio.

Sua participação é voluntária, isto é, ela não é obrigatória, e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado (a) de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desistir da mesma. Contudo, ela é muito importante o conhecimento sobre as formas de interação dos adolescentes e jovens na internet.

Serão garantidas a **confidencialidade** e a **privacidade das informações** por você prestadas.

Qualquer informação que possa identificá-lo (a) será omitida na divulgação dos resultados da pesquisa, e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato explicitados ao final deste Termo.

Sua participação na pesquisa consistirá no **preenchimento de um questionário** fechado contendo questões sobre seu perfil (sexo, idade, cor da pele, religião, pessoas com quem mora, irmãos, escolaridade dos pais, trabalho e estrato social), seu relacionamento familiar e com pares, uso de substâncias, apoio social, *bullying* na internet e violência no namoro na internet; homofobia e práticas de automutilação e tentativas de suicídio. O tempo de duração desse preenchimento é de aproximadamente 50 minutos, acordados com a direção da escola.

Além do preenchimento do questionário, alguns adolescentes serão convidados a participar de uma **entrevista em grupo** com seis a dez participantes, na qual serão tratados os temas da pesquisa, através de uma conversa guiada pelas pesquisadoras. O critério principal para a participação dessa entrevista será a aceitação do convite. O tempo de duração dessa entrevista é de aproximadamente uma hora.

As respostas aos questionários comporão um banco de dados que serão armazenados no CLAVES com chave e em computadores com senha aos quais somente os pesquisadores da equipe terão acesso. O mesmo ocorrerá com os arquivos digitais das entrevistas e respectivas transcrições. Ao

final da pesquisa, todo material será mantido em arquivo, por pelo menos 5 anos, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP/ENSP.

O benefício direto ou indireto relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa é o de gerar conhecimento sobre essas temáticas tão delicadas e presentes na vida dos jovens, e subsidiar a melhoria das políticas de atenção à saúde do adolescente e de prevenção às violências.

Avalia-se que os riscos potenciais de sua participação nessa pesquisa são mínimos, posto que garantiremos a privacidade e o anonimato dos participantes. Contudo, abordaremos temas que podem lhe trazer algum desconforto como o constrangimento ao relatar situações relacionadas a diferentes tipos de violências. Caso você se sinta muito mobilizado por qualquer das questões perguntadas, a pesquisadora que está aplicando o questionário ou conduzindo a entrevista em grupo tem plenas condições para orientá-lo (a) para os encaminhamentos necessários.

Os resultados serão divulgados em artigos científicos e sumário de pesquisa a ser entregue às escolas participantes.

Ressalta-se que os participantes da pesquisa que vierem a sofrer qualquer tipo de dano previsto ou não no termo de consentimento e resultante de sua participação no estudo, além do direito à assistência integral, têm direito à indenização, conforme itens III.2.0,IV.4.c, V.3, V.5 e V.6 da Resolução CNS 466/12.

Este termo é redigido em duas vias (uma para você e outra para a pesquisadora).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da ENSP. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. Dessa forma o comitê tem o papel de avaliar e monitorar o andamento do projeto de modo que a pesquisa respeite os princípios éticos de proteção aos direitos humanos, da dignidade, da autonomia, da não maleficência, da confidencialidade e da privacidade.

CEP/ENSP: Tel e Fax - (0XX) 21- 2598.2863

E-Mail: [cep@ensp.fiocruz.br](mailto:cep@ensp.fiocruz.br);

<http://www.enasp.fiocruz.br/etica>

Endereço: Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/ FIOCRUZ, Rua Leopoldo Bulhões, 1480 –Térreo - Manguinhos - Rio de Janeiro – RJ - CEP: 21041-210

Drª Kathie Njaine (Coordenadora) – [kathie@ensp.fiocruz.br](mailto:kathie@ensp.fiocruz.br)

Drª Suely Deslandes (Coordenadora) -[deslandes.s@gmail.com](mailto:deslandes.s@gmail.com)

Tel. (0XX21) 3882.9056 e 2290.0387

---

Assinatura da pesquisadora

LOCAL E DATA: \_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

---

Assinatura do participante da pesquisa

---

Nome do participante (Legível)

## ANEXO 4 - Roteiro qualitativo

1. Vamos falar sobre *cyberbullying/bullying* na internet. Vocês sabem o que é? É comum entre seus colegas?

***(Caso o grupo não tenha clareza do conceito de cyberbullying ou bullying na internet: Ato de violência que envolve de forma sistemática insultos, ridicularizações, ameaças, ou humilhações, por algum colega/amigo, por meio das redes sociais)***

2. Há diferenças entre o *bullying* que ocorre dentro e fora da internet?

3. No *cyberbullying*, há quem agride, quem sofre e quem assiste/curte/compartilha. O que vocês pensam sobre cada um desses comportamentos/ações?

4. Pensando no *cyberbullying*, violência no namoro na internet, discriminação e automutilação na internet o que você acha que pode ser feito para prevenir essas práticas/comportamentos?

## ANEXO 5 –



Rio de Janeiro, 24 de junho de 2020

**Do:** Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos CEP/IFF  
**Para:** Departamento de Pesquisa

O Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira informa que o projeto “MAGNITUDE, EXPERIÊNCIAS E POSSIBILIDADES DE PREVENÇÃO DE CYBERBULLYING ENTRE ADOLESCENTES ESCOLARES” da pesquisadora Taiza Ramos de Souza Costa Ferreira está dispensado de ser submetido a este CEP pois já possui um parecer de outra instituição.



Dra. Ana Maria A. Magalhães Costa  
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos  
INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE  
FERNANDES FIGUEIRA – IFF/FIOCRUZ

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, do INSTITUTO NACIONAL DE SAÚDE DA MULHER, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE FERNANDES FIGUEIRA – IFF/FIOCRUZ, registrado na CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, em 25 de agosto de 1997, de acordo com o D.O.U. de 10 de outubro de 1996.  
Credenciado no Department of Health and Human Service (DHHS) / Office for Humans Research Protections (OHRP) IRB00010528 válido até 11/07/2021.